

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23249

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEGUNDA-FEIRA 28 MAIO 90 60\$00



Trovoada: o boicote dos aviões

O antigo primeiro-ministro são-tomense, Miguel Trovoada, regressa hoje a Lisboa inesperadamente. O voo da TAAG, a companhia aérea angolana, que o deveria levar de Cabo Verde para São Tomé, na passada sexta-feira, ainda não partiu, por alegadas razões de cansaço da tripulação, facto que dá fundamento às alusões acerca de um boicote. Miguel Trovoada terá de chegar a São Tomé até ao dia 30, altura em que termina o prazo de candidatura para as eleições presidenciais. Tudo está agora dependente do voo da TAP para São Tomé, amanhã ao fim da tarde. **Pág. 11**

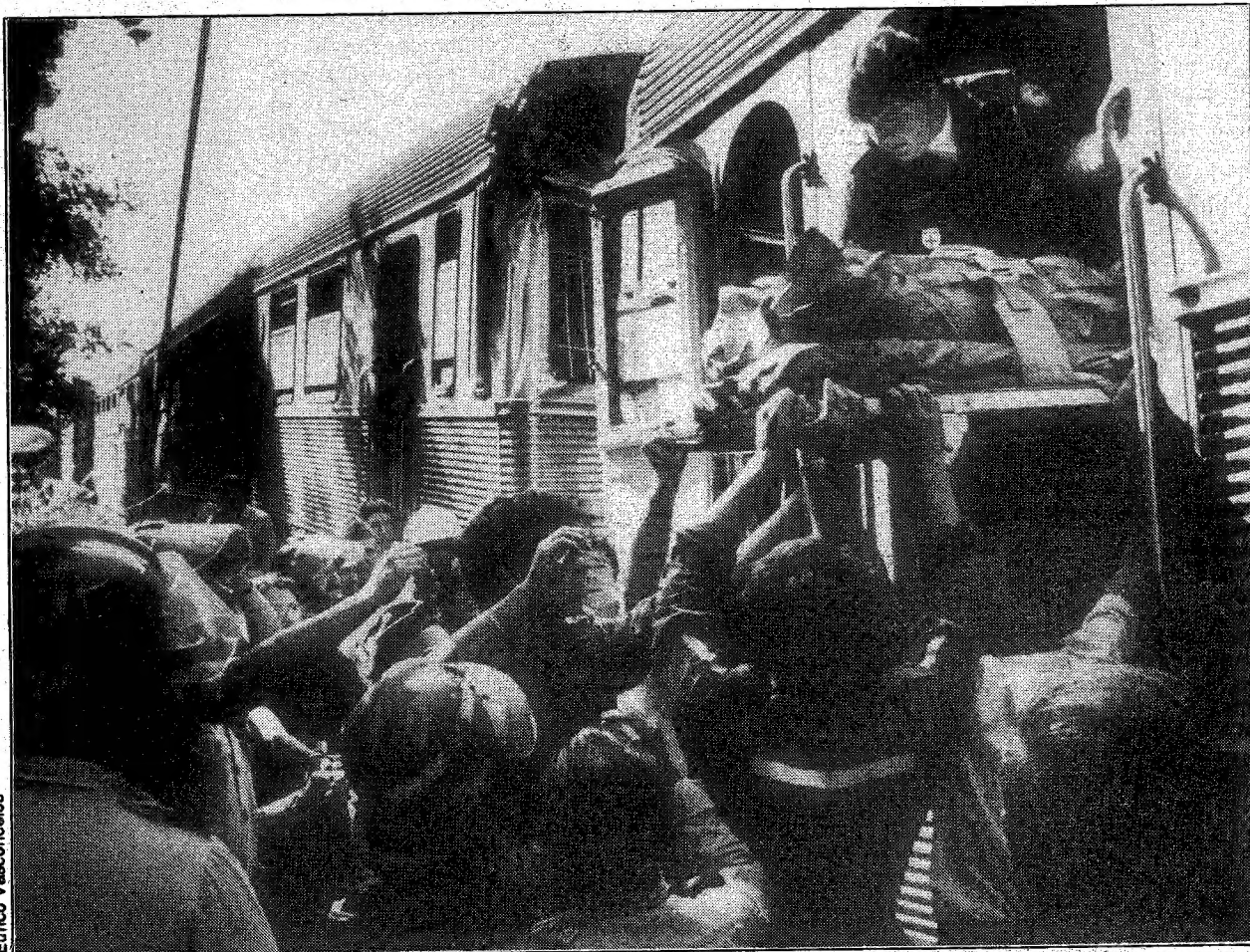
Um morto e centenas de feridos

Comboios chocam na Cruz da Pedra

Um morto confirmado e quase três centenas de feridos, alguns em estado grave, é o primeiro balanço do sinistro (de que a foto dá uma imagem) que hoje, faltavam 15 minutos para as 9 horas, trouxe mais uma tragédia à linha de Sintra. A colisão foi entre uma composição proveniente do Cacém e uma outra, que a precedia, vinda de Sintra e parada no apeadeiro de Cruz da Pedra.

Enquanto um responsável da CP admite a possibilidade de falha humana, o maquinista, antes de ter sido posto incommunicável, afirmou não ter conseguido acionar os travões, numa zona onde os comboios circulam «à vista» e onde os semáforos não são distinguidos com facilidade. O resultado do inquérito já em curso será conhecido dentro de 48 horas. **Págs. 12 e 13**

Maquinista afirma:
«Quis travar e não consegui»



Enrico Vasconcelos

PS: um congresso de ondas calmas

Causou surpresa a elevada votação na lista de João Soares para a Comissão Nacional

Na guerra das listas, quem ficou a perder foi Lopes Cardoso, alvo de muitas críticas

Sampaio e a lei eleitoral:
«Queremos ganhar nas urnas, não na secretaria»

Só as luzes da ribalta obrigaram Jorge Sampaio a retemperar-se (como se vê na foto) do esforço durante os trabalhos do Congresso do PS.

Com efeito, não fossem algumas dificuldades na elaboração das listas, que obrigaram ao seu empenhamento pessoal, bem se poderia dizer que o líder do PS fez um passeio triunfal pelo Coliseu do Porto.

De resto, tudo correu como estava previsto: preparação do terreno para conquistar o eleitorado nas eleições legislativas de 91.

Págs. 2, 3 e 4



União Política Europeia debatida pelo Grupo de Trabalho/DL
Págs. 16 e 17

Tapie acusa Porto e Sporting de subornarem um árbitro
Pág. 25

Alfaiates querem cortar no fisco
Págs. 14 e 15



Bruno Neves

**GRANDE
ANGULAR**

Maioria e minorias socialistas estiveram no IX Congresso do partido, no Porto, para demonstrarem que apesar das alfinetadas numa ou outra intervenção, têm em comum a preferência por Jorge Sampaio e a perspectiva do poder, já para o ano

Viagem ao interior do PS num Congresso de ondas calmas

Alfredo Gomes vai fazer quarenta este ano. É presidente da Casa do Povo de Reguengo do Fetal e no Congresso do PS participou como delegado, eleito pela moção de Jorge Sampaio, na secção da Batalha.

Confessa que vem de um meio pequeno, com 35 por cento de analfabetos, onde «o PS é apenas tolerado e Freitas do Amaral ganhou as presidenciais». E recorda que, em 1975, «éramos

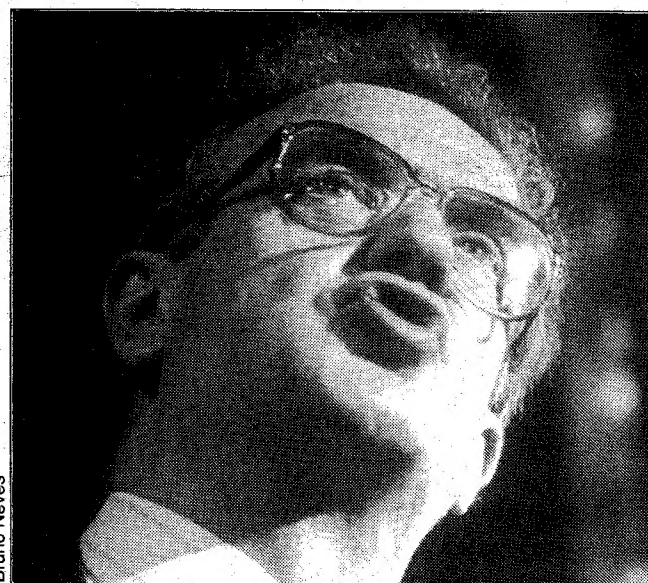
considerados iguais ao PC». Acusa os grandes agrários da região de terem impedido a industrialização durante anos a fio e acredita que as unidades de produção de cerâmica artística e porcelana, com os mais de mil postos de trabalho que criaram, podem dar ao concelho uma outra fisionomia política. As últimas eleições autárquicas acabaram com o predomínio de treze anos do PSD, que tinha cinco dos sete

vereadores da Câmara da Batalha, passando o CDS a contar com quatro vereadores, o partido do Governo com dois e o PS com o que já tinha. Na Assembleia Municipal desde 1978, acredita que o voto útil no independente proposto à cabeça da lista dos centristas terá beneficiado do voto útil dos habitantes fartos da administração camarária existente e não tem dúvidas que o Partido Socialista vai subir no segredo do voto para as legislativas do próximo ano.

Mesmo que, durante a campanha eleitoral, se repetam «boicotes de chaves de escolas onde sejam marcadas sessões de esclarecimento e coisas do género». Nas suas contas de futuro reconhece que os 32 militantes da sua secção e os 17 da JS local contam já com uma apreciável orla de simpatizantes e indecisos que os protegem e vão dar maior expressão ao PS quando chegar a hora da verdade nas urnas.

Mais militantes é que não estão para já em perspectiva, «porque ser socialista na Batalha é ainda hoje jogar um pouco no escuro» e o receio de perder o emprego é um dissuasor importante.

Para se encontrar o Portugal profundo que constitui a base mais fiel do cavaleirismo não se torna necessário ir muito para o interior, segundo este socialista da Batalha, crente no crescimento eleitoral do seu partido numa área muito marcada pelo conservadorismo.



Bruno Neves

Jorge Sampaio: «Definitivamente, o PS votará contra a proposta de alteração da lei eleitoral do Governo»

Aljubarrotas eleitorais aguardam-no.

A alma do discurso

Nem todos os delegados ao Congresso do Partido Socialista têm problemas semelhantes, nas suas regiões. Para o presidente da Câmara de Oliveira do Hospital, César Oliveira, as batalhas eleitorais de 1991 têm já um condestável, o secretário-geral Jorge Sampaio. «Em Portugal, o discurso político é simulado. Ora o eleitor acredita no discurso de Sampaio porque este não oculta, faz-se pela positiva e traduz convicção. É um discurso com alma, uma coisa que o Vítor Constâncio não tinha, com aquela macroeconomia muito elaborada», diz o his-

toriador e autarca.

«Essa empatia de Jorge Sampaio com o eleitorado resulta do ar modesto e sério com que ele se apresenta e da convicção que transmite com a sua presença», frisa César Oliveira, também delegado ao Congresso pela moção do líder.

Parafraseando Camões, acha que Sampaio provoca nos eleitores «um encanto de alma ledo e não cego», destinado a não deixar o actual poder durar muito. O debate entre o presidente da Câmara de Lisboa e Marcelo Rebelo de Sousa levou a todo o País uma outra imagem do PS, segundo César Oliveira.

Apesar de Jorge Sampaio não ter estado em dias de melhor veia, a verdade é que o Congresso o ouviu com atenção e aplaudiu sem re-

serva as intervenções do líder, preocupado como todos os restantes elementos da direcção do partido em evitar o triunfalismo. O estilo inovador teve a melhor nota da parte de um congressista que, no fim de uma intervenção pouco animada do secretário-geral, dizia para os camaradas do lado e quem o quisesse ouvir na entrada do Coliseu localizada frente à mesa: «Este pelo menos não vem cá vender peixe podre.»

O estilo e os congressistas

O estilo de Jorge Sampaio não é o tradicional nas hostes de um partido que proverbialmente tinha nas sedes uma cozinha produtora de excelentes pastéis de bacalhau e de grandes conversas sobre temas variados, até políticos.

Os militantes eleitos para o Congresso resistiram às tentações de uma neutralidade descansada depois da hecatombe da maioria gigantesca de Cavaco Silva e não perdoaram a cena da madrugada de ontem, com responsáveis nacionais a serem chamados aos bastidores, porque a lista apresentada à meia-noite não conferia com o sentir de personalidades consagradas a nível nacional, que por seu turno não se coibiriam de, mais tarde ou mais cedo (se calhar muito cedo...) darem do partido uma ideia bem diversa da desejada pelos responsáveis nacionais.

Mesmo em casos de sampaístas incondicionais, ouviram-se protestos porque a

Palavras de Sampaio

«Olhar para Mário Soares é rever as velhas lutas de uma democracia perseguida por uma ditadura obscurantista. Vê-lo chegar com o 25 de Abril, empenhado em fazer brotar da inevitável desordem que qualquer revolução traz consigo, o embrião de um Estado de Direito. Vê-lo prosseguir com a batalha da consolidação das instituições democráticas, em lúcida articulação com os factores externos, a pedir a adesão de Portugal à CEE. Vê-lo mais tarde consegui-lo, e marcá-la com a sua assinatura. Vê-lo, com tudo isto, implantar o pequeno e voluntarioso PS na clandestinidade como grande partido nacional e agente fulcral na definição da democracia portuguesa.»

«Coube a Vítor Constâncio liderar esta nova fase da vida do PS. Com o sentido de Estado que todos lhe reconhecem, chamou a si a modernização ideológica e programática do nosso partido, reforçou-lhe a credibilidade gestora e não hesitou em mostrar aos portugueses que a democracia é o diálogo para a gestão das diferenças, negociando a revisão constitucional, tirando rigidez à lei fundamental, normalizando por tal via o quadro constitucional da nossa vida política e abolindo o alibi da inércia governativa da direita, segundo o qual não se faziam reformas de fundo porque a Constituição não deixava.»

«Não acredito em homens insubstituíveis nem, muito menos, providenciais. Nem eu nem o PS. Mas creio que as lideranças, necessariamente pessoais, se contarem com o apoio de uma grande e valiosa equipa como a que somos nós todos, podem atingir objectivos muito para além dos limiares das nossas aspirações.»

«O ciclo da vida política portuguesa prosseguiu, com o empenhamento do PS na oposição e com o Governo PSD a demonstrar, pela obsessiva conflitualidade da sua governação contra todos os sectores sociais, que uma maioria absoluta pode ser, mas não é necessariamente, sinónimo de estabilidade social.»

«Com todo o respeito pela componente pessoal de uma tal decisão, o PS entende que Mário Soares presta um inestimável serviço ao País e ao regime democrático aceitando recandidatar-se. Julgamos interpretar fielmente a vontade da grande maioria dos portugueses. Eles já deram provas disso tão sobejas, que foi precisamente esse o alibi de que se socorreu o PSD para se furtar ao afrontamento e à inevitável derrota que daí se seguiria.»

«Governar Portugal, abrindo o debate aos portugueses de tudo quanto possa hipotecar-lhes seriamente o futuro. Contrapondo-nos assim à inaceitável leviandade do PSD que entende que, recolhidos os votos, é dono de nós, dos nossos filhos e dos nossos horizontes.»

«Dizemos não, redondamente não, à subversão constitucional que o Governo quer fazer no sistema eleitoral: já fizemos uma revisão constitucional; não faremos uma revisão da revisão constitucional — queremos ganhar nas urnas mas não na secretaria.»



Jaime Gama obrigou Jorge Sampaio a alterar a lista da Comissão Nacional

Bruno Neves

Horizontes de

Com uma margem que não deixa lugar a dúvidas (91,04 por cento), Jorge Sampaio foi ontem reconfirmado como secretário-geral do PS, num Congresso sem grandes debates, mas também sem o unanimismo absoluto que muitos temiam. Contraditoriamente, a sua lista para a Comissão Nacional esteve longe da votação que individualmente o líder socialista conseguira, caindo para os 69,5 por cento (140 eleitos), enquanto a de João Soares, ao alcançar a surpreendente votação de 25 por cento, elegia 50 elementos, contra 11 da lista apresentada à última hora por Álvaro Bezeira.

João Soares alcança, assim, uma representatividade que estava longe de imaginar no início do Congresso, tornando-se, de certo modo, também um vencedor.

Crítério sem critério

A disparidade destas votações seria a consequência natural de um «crítério sem critério» na organização das listas, que deu origem a numerosos protestos e longas negociações de bastidores, à irritação de figuras importantes e menos importantes do partido, com relevo para Jaime Gama e Carlos Lage, protagonistas da principal agitação na tarde e na noite de sábado.

Tudo correu no melhor dos mundos até sábado à noite, poucas horas antes de expirar o prazo para a entrega das listas. As poucas divergências surgidas correspondiam às

COMENTÁRIO

«Debates precisam-se! Resposta ao Largo do Rato, nº2»

Entre este «anúncio» e o que serviu de título principal à edição de sexta-feira do «Diário de Lisboa» apenas o endereço se altera. A correspondência já não deve ser enviada à sede da Rua da Emenda, vendida que foi para resolver problemas financeiros do partido. Mas a necessidade de debates, essa mantém-se. Porque debate não houve nos três dias do Congresso do PS.

Nem podia haver.

Em todo o lado, a lógica do poder abafa divergências e conduz ao reagrupamento geral em torno do líder. Hoje, no PS, não há tendências nem, tão-pouco, sensibilidades. Todos estão com Jorge Sampaio, o «1.º Ministro de Portugal em 1991»: de Almeida Santos a Jaime Gama, de António Guterres a Manuel Alegre. Nem mesmo os subscritores das moções que se apresentavam como alternativa à do secretário-geral ousaram afirmar uma posição politicamente distinta. Tais moções representariam apenas, como salientaram alguns oradores, a vontade de evitar «unanimismos» e de explicitar «algumas questões de pormenor».

A reeleição de Jorge Sampaio mereceu o voto favorável de mais de 90% dos congressistas: percentagem análoga à obtida por Vítor Constâncio no VII Congresso. Só que a comparação entre os dois actos eleitorais termina aí. Com Vítor Constâncio ninguém queria disputar a liderança. Com Jorge Sampaio ninguém podia disputar a liderança.

Constâncio herdou um partido derrotado em 1985, forçado a uma dolorosa travessia do deserto e órfão do chefe carismático que, entretanto, se mudara para Belém. Sampaio surge como a expressão de duas vitórias eleitorais — autárquicas e europeias —, beneficia do declínio da «onda laranja» e impõe-se num partido, enfim, libertado da «tutela paternal». Curiosa, sem dúvida, uma passagem da intervenção de Manuel Tito de Morais que, ao agradecer a distinção que lhe foi concedida pelo Congresso, se referiu a Mário Soares como «o nosso futuro presidente honorário».

Da enfadonha série de apelos, de exortações e de declarações de fidelidade que marcou o Congresso do Porto, destaquem-se algumas intervenções de delegados jovens que chamaram a atenção para o facto de «o poder, só por si, não ser necessariamente socialista». Destaque-se, ainda, o esforço do secretário-geral para conter, nos limites do aceitável, uma dinâmica para muitos considerada inexorável e que, a confirmar-se, implicaria o esbatimento num qualquer horizonte incerto dos conceitos tradicionais de «esquerda» e de «socialismo». Não é por acaso que Jorge Sampaio deu particular ênfase à presença de uma delegação da Associação 25 de Abril. Como também não foi ocasional o comentário, irónico, que fez à decoração da sala onde pontificavam o vermelho, o verde, o azul e o branco: «mas nós não nos enganaremos na cor», afirmou.

Em Dezembro último, Jorge Sampaio apostou forte, apostou tudo, e ganhou. Uma nova e dupla aposta, não menos decisiva, se lhe depara agora: «reeleger Mário Soares» e «governar Portugal». Imagine-se, por um momento, que Mário Soares não respondia positivamente ao apelo, veemente, que lhe foi dirigido pelo Congresso no sentido de se recandidatar. Imagine-se, também, que aquilo, que para os socialistas é,

já, uma evidência, isto é, a obtenção de uma maioria parlamentar em 1991, não se concretizava...

O «republicanismo» invocado por Jorge Sampaio no discurso de encerramento, que o impediria de entrar em «jogos de barões» de pouco lhe serviria então. Porque os «barões» estão lá, todos, no PS. Só que, por agora, guardando de Conrado o prudente silêncio.



José Rebelo



lista C, alegadamente entregue às zero horas do «Dia D», demorou bastante tempo até ser conhecida, o que só sucedeu ontem ao fim da manhã. Nos corredores do Congresso, corria a notícia de que apenas tinha sido ajustada às quatro e tal da madrugada.

Dá que João Soares tivesse dito aos microfones, ao apresentar da sua lista, que ela não tinha sido «feita à matroca, nos bastidores do Congresso», acusando os barões do partido, tendo como resposta um Jorge Sampaio sereno a recordar que são inexistentes os barões numa formação política republicana.

A Europa com quem?

Foi para substituir um delegado pela emigração eleito em primeiro lugar, afectado por um acidente de trabalho, em Antuérpia, que o funcionário comunitário Gomes Lopes foi ao Congresso do Porto, como segundo da lista eleita no Benelux, pela moção de João Soares. Numa curta inter-

venção perante o Congresso, e depois em declarações ao «DL», forneceu uma visão diferente da Europa dos Doze.

À maneira de Brecht, disse que o racismo e xenofobia atingiram «em primeiro lugar os negros, os árabes e os judeus; mas agora há o medo que o fenómeno se vire contra todos os meridionais, sejam eles gregos, italianos ou portugueses».

Embora confessando que os emigrantes portugueses na Bélgica «preconizam uma efectiva participação nos processos eleitorais do seu País, sem embargo das cautelas adequadas quando se trata de países de acolhimento onde não se possa assegurar uma campanha eleitoral em moldes perfeitamente democráticos, como seria o caso da África do Sul», Gomes Lopes denunciou ao «DL» a falta de professores de Português na Bélgica e a angústia dos emigrantes em véspera de regresso, «sem integração à vista no tecido económico e social» da Pátria.

«Uma das coisas que faz sorrir os nossos emigrantes em Bruxelas é que, na capital da Europa, o custo médio de uma habitação equivale a metade ou um terço do custo médio de uma habitação em Lisboa, enquanto o quilo de carne de vaca é mais barato lá», conta Gomes Lopes. As previsões deste delegado ao Congresso do PS são também risonhas. «Acredito que vamos subir no círculo da Europa Ocidental», antecipa.

O filho pródigo

Quem também está certo de uma subida importante da votação dos socialistas é Kalidás Barreto, que há pouco mais de um ano regressou ao partido de que foi dirigente nacional. Eleito pela base, em Castanheira de Pera, este dirigente da CGTP reconhece que perdeu «a visão romântica de 73/74», ao mesmo tempo que declara que «o PS de hoje tem mais potencialidades para fazer avançar uma política de justiça social».

O partido «está mais à esquerda que quando o

deixei», sublinhou o sindicalista que, em 1978, com Lopes Cardoso, foi fundar a UEDS.

No plano laboral, pronunciava-se contra «algumas hesitações quanto à unidade, no interior do PS, de todos os sindicalistas socialistas, sejam eles da CGTP ou da UGT, quando se acha desejável a unidade das duas centrais». Acha que Jorge Sampaio «pode contribuir para uma nova actuação geral dentro da Europa».

Não estava só dentro do rol dos filhos pródigos — os das grandes alegrias na hora do regresso — do Partido Socialista. Nos corredores, os militantes que ainda não sabiam diziam uns para os outros: «Olha quem cá está!»

Antes dos abraços e de duas ou três alusões à unidade necessária para colocar de novo o PS no Governo. E de muitas recomendações de cuidados contra um triunfalismo que mesmo os delegados mais cautelosos não conseguiam disfarçar.

João Isidro

poder reforçam coesão

posições decorrentes das moções já conhecidas de João Soares e Álvaro Beleza.

Todos eles faziam questão em marcar a sua diferença, mas todos garantiam também um apoio total a Jorge Sampaio «nas batalhas externas do partido». Era a coesão, mas sem unanimismo, que o secretário-geral tinha procurado e lhe surgia naturalmente.

Com a pequena guerra das listas, era outro Congresso que começava na noite de sábado. Encarregado por Jorge Sampaio da elaboração da lista, Lopes Cardoso surgiu como o responsável por um conjunto de arranjos e por um método que provocaram generalizadas discordância e algumas dores de cabeça ao secretário-geral. Sampaio pretendia sem dúvida uma renovação nas estruturas do partido, mas não num clima de consensão.

Nos corredores do Coliseu do Porto, nos pequenos grupos que se formavam, sucediam-se as críticas contra Lopes Cardoso que, aos olhos da grande maioria dos delegados, saiu deste Congresso fortemente diminuído.

Enquanto as federações, designadamente a do Porto, procuravam uma maior representação, os nomes de Jaime Gama e Carlos Lage estavam em foco pela posição apagada que ocupavam nos arranjos iniciais da lista, chegando o primeiro a recusar a sua participação naquelas condições.

Carlos Lage, não discutia o lugar pelo lugar, mas reivindi-

cava a estratégia eleitoral por ele desenvolvida no Porto, e que levava a duas vitórias eleitorais, pelo que não aceitava ser «marginalizado», recusando o lugar que inicialmente lhe fora oferecido. Vários presidentes de câmaras manifestaram-lhe a sua solidariedade e convenceram-no a aceitar, ao mesmo tempo que pressionavam para que ele fosse colocado num lugar mais elevado.

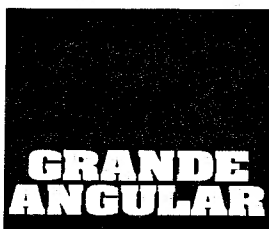
Após complicadas negociações foi possível concluir uma lista mas que, mesmo assim, desagradou a muitos dos delegados. Foi João Soares quem colheu os dividendos, captando uma votação final fora de todas as previsões, face aos resultados que a sua moção havia obtido.

Os dois objectivos

Fértil em processos fraccionistas, disputas internas de grupos, seguidismo de pessoas, não tem sido pacífica a vida dos principais partidos portugueses. Só o PCP esteve durante muito tempo fora desses dramas mas a sua hora também chegou.

Este fenómeno criou um espírito que referencia os congressos como momentos de guerrilha interna e de divisões, desenvolvimento natural de tensões internas mal resolvidas, especialmente quando não existem objectivos concretos à vista.

continua na pág. 4



João Soares e Álvaro Belezza: o sal e a pimenta da unidade

continuação da pág. 3

Neste plano o Congresso socialista fugiu completamente à regra. Ao longo do dia de sábado a tribuna do Coliseu do Porto foi um púlpito de sublimação partidária, com a interminável sequência de intervenções de apoio não só à moção de Jorge Sampaio como de exortação da conquista do poder, por vezes num tom de triunfalismo que chegou a causar apreensões ao secretário-geral, obrigando-o, a partir de certa altura, a intervenções pedagógicas, no sentido de convencer os mais optimistas de que a tarefa é possível mas não é fácil, que os erros do PSD não bastam para que o poder caia nos braços do PS.

Os apoiantes da moção de João Soares nunca a defenderam numa perspectiva de oposição interna, mas como elemento contributivo para

o necessário debate interno, como «um acto de coesão na diversidade», para que se assumam as tendências sem por em perigo a unidade.

O próprio João Soares, justificando a sua moção como um «factor de pluralismo» para assegurar o debate interno, afirmou que o partido podia contar com os apoiantes da sua moção.

«Demos um grande apoio para as autárquicas, vamos dá-lo para as legislativas. Temos de virar-nos cada vez mais para fora. Passar de partido de militantes para partido de cidadãos. Podem contar connosco para essa tarefa. Não são as querelas de aparelho que nos interessam».

Pelo primeira vez desde há alguns anos, o PS vê o horizonte do poder e tem objectivos possíveis de alcançar que constituíram a verdadeira síntese do Con-

gresso: reeleger Mário Soares como Presidente da República e conquistar uma maioria nas próximas legislativas.

Estes dois objectivos que moldaram o desenrolar do Congresso, sobrepondo-se pragmaticamente a toda a oratória própria deste momentos.

A sombra (ou a luz) de Mário Soares esteve sempre presente. As referências ao seu nome suscitavam os mais fortes aplausos, mais fortes ainda quando Rui Oliveira e Costa lembrou que «toda a sociedade civil se acolheu a Belém contra o clientelismo do poder laranja».

António Guterres e Jorge Lacão protagonizaram o discurso galvanizador de um partido «determinado a vencer», num Congresso que representa para todos os socialistas «um compromisso para o futuro» para gerar, mais que uma alternativa de poder, «uma alternativa de políticas».

Toda a artilharia verbal deste Congresso foi apontada para o PSD, num contínuo fogo de barragem, contra a autocracia e o clientelismo, a confusão entre o Estado e o partido.

A regionalização ocupou um lugar importante na mensagem tanto dos principais dirigentes socialistas como de numerosos delegados e ficou claro que vai constituir uma das principais armas a utilizar pelo PS na sua luta pelo poder.

Um forte clima de fervor partidário marcou o encerramento do Congresso, feito muito para além da hora prevista e depois da longa votação para os diversos órgãos.

Enquanto decorria a contagem dos votos Tito de Morais era designado, por aclamação, presidente honorário do partido.

Numa breve intervenção apelou à acção dos jovens socialistas e lembrou as figuras históricas que fi-

caram pelo caminho, como Ramos da Costa, José Rodrigues dos Santos, Catanho de Menezes, Manuel Mendes e «a figura ímpar do número um do PS que foi António de Macedo».

Para acelerar os trabalhos, o presidente do Congresso

geral.

Pela primeira vez em três dias, o líder socialista usa o humor para confessar «um certo embaraço», porque não se é eleito secretário-geral por sondagem e não pode dar qualquer passo sem os resultados.

entanto que a sua vocação não é a de «entertainer» nem possui o talento do Herman José.

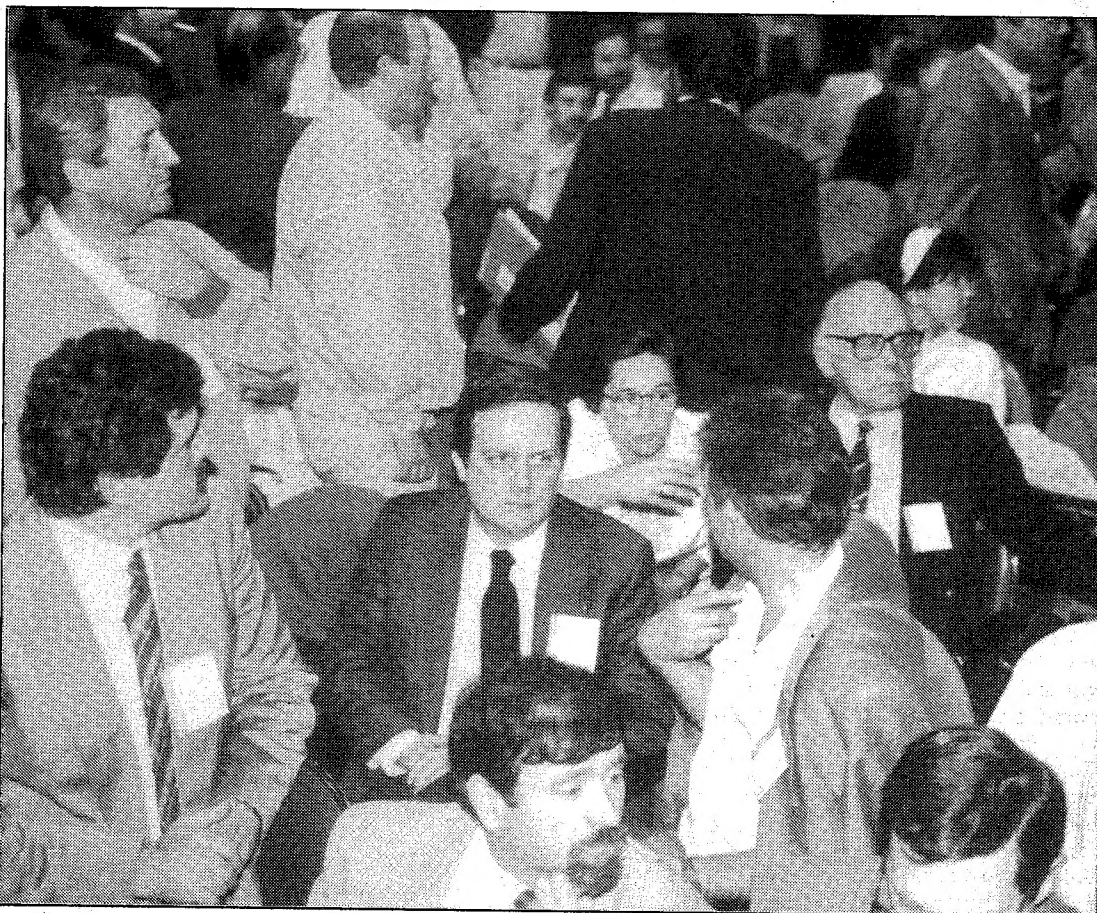
Finalmente é anunciada a sua reeleição com 91,04 por cento e Jorge Sampaio faz o discurso de encerramento. As primeiras referências são

para Mário Soares e para Vítor Constâncio. Depois é um balanço do Congresso, a reafirmação dos princípios definidos no Programa de Governo e na sua moção, a crítica impiedosa ao PSD e alguns recados importantes como o de que este partido não pode contar com o PS para ganhar na secretaria o que tem medo de perder no terreno eleitoral.

«Nesta matéria, e definitivamente, o PS votará contra a proposta de lei do PSD».

Na sala caem centenas de balões. Uma música pouco motivadora parece ser o final da festa mas quando termina ninguém sai do palco nem da sala. Ouvem-se algumas vozes a perguntar pelo hino. Depois de uma pequena espera lá veio finalmente a «Internacional», cantada por todos de braço dado.

Augusto Vilela



João Soares: «Não são as querelas de aparelho que nos interessam»

O anfitrião Fernando Gomes

Fernando Gomes, presidente da Câmara Municipal do Porto, foi anfitrião do Congresso do Partido Socialista e um dos homens que contribuíram para o sucesso da organização. Como autarca, considera que este Congresso «honrou a cidade do Porto». Como militante socialista, acha que representa uma dinâmica de vitória, uma vez que aprovou um Programa de Governo, «o que significa que os socialistas consideram que 1991 é um marco decisivo para poderem vir a ser Governo e preparam desde já o seu caminho».

Sublinha ainda Fernando Gomes que, independentemente dos pequenos «dissensos» que existiram, normais em qualquer Congresso democrático, «houve uma grande unidade em relação ao que era essencial», tendo o Programa de Governo sido aprovado quase por unanimidade, apenas com duas abstenções.

«É isto que me apraz registar, dizendo que sai daqui uma dinâmica reforçada para os congressos federativos».

Quanto à situação na Federação do Porto, Fernando Gomes disse haver quem se tivesse pré-alinhado, o que pensava ser errado porque isso desvirtuava e desviava a atenção do Congresso nacional.

«A contagem decrescente começa a partir de amanhã».

Quem são os candidatos já conhecidos à liderança da Federação?

«Pelo que conheço, havia duas pessoas que se tinham alinhado - o dr. Azevedo Dinis e o dr. Carlos Lage. Ambos são suficientemente credíveis em termos pessoais para poderem ser dois excelentes candidatos».

Qual é o seu candidato?

«O meu é claramente o dr. Carlos Lage. Por uma razão muito simples, embora isso não signifique que esteja a desmerecer qualquer dos outros: o dr. Carlos Lage assumiu a liderança da Federação. Enfrentou sozinho as eleições europeias e as eleições autárquicas e teve no Porto duas brilhantes vitórias. Não pode ser penalizado por isso. Ou então os partidos andariam muito mal».

«O dr. Carlos Lage tem a minha solidariedade porque é um grande ganhador, relativamente ao que se passou em termos políticos na cidade do Porto».

A.V.



«As Reformas Necessárias» à espera do poder

O abater de bandeiras perante a necessidade de conquistar o poder político deu a todo o Partido Socialista uma autêntica febre de propor medidas de Governo, já!

A minoria liderada por João Soares avançou com um documento em que se nota a mão de Medina Carreira, intitulado «As Reformas Necessárias», no estatuto de contribuição para o debate das «Bases e Princípios para o Programa de Governo do PS». É a política financeira que está em causa, desde a fiscalidade até à dívida pública, passando pelo funcionamento do Banco de Portugal. Era impensável a discussão das ditas reformas no Congresso, mas o documento «teve muito impacto junto dos congressistas, apesar de não ter sido distribuído por todos», nos termos de José Lamego, um dos mais activos intervenientes em nome da moção «PS, Vencer de Novo».

«Para além de apresentarmos um conjunto de propostas próprias, demos um sinal de descontentamento por não termos sido convidados para a comissão que elaborou as Bases do Programa de Governo», disse ao DL José Lamego.

Apesar de sectorial

«Apesar de sectorial, é a nossa análise das condicionantes financeiras de uma política a realizar por um Governo PS, sobretudo quando foca o acréscimo das despesas em matéria de Saúde, Educação e Previdência Social, tendo em atenção uma dupla limitação: a impossibilidade de um acréscimo significativo das receitas fiscais, dados os níveis de fiscalidade já existentes, e por outro lado a impossibilidade concomitante de manter ou agravar as receitas fiscais», afirmou José Lamego, antes de frisar que «optámos por um estudo técnico porque as Bases do Programa de Governo são fundamentalmente uma declaração de princípios do socialismo democrático... e só. Numa segunda fase, «vamos apresentar dois documentos de desenvolvimento das Bases sobre política internacional e regionalização, áreas em que temos demonstrado um empenho muito especial», anunciou.

J.I.

anuncia que ainda não há resultados mas que «é inequívoca» a reeleição de Jorge Sampaio como secretário-

Aproveita o tempo de espera para fazer saudações aos numerosos convidados presentes, advertindo no

cantada por todos de braço dado.

POLÍTICA

Presidente Vassiliou em Lisboa

Chipre quer entrar na CEE

Presidente da República do Chipre encontrou-se esta manhã com Mário Soares antes de almoçar, em S. Bento, com o primeiro-ministro, no início de uma visita oficial de dois dias a Portugal. Aqui abordará com as autoridades portuguesas as grandes questões cipriotas e os interesses que ligam os dois países. Depois de visitar, esta tarde, a Câmara Municipal, George Vassiliou receberá, em Queluz, a direcção da Juventude Socialista e os líderes dos partidos políticos com representação parlamentar. Voltará a encontrar-se com o Presidente da República no jantar que este oferecerá em sua honra, à noite, no palácio da Ajuda.

Chipre quer estreitar as suas relações com Portugal, encontrar uma solução pacífica para a sua divisão e candidatar-se à Comunidade Económica Europeia. Estas três matérias estiveram esta manhã em foco, quer no Palácio de Belém quer em S. Bento, durante as conversações que George Vassiliou manteve com Mário Soares e Cavaco Silva. São os casos, nomeadamente, do problema da ilha, que se quer candidatar à CEE como nação una.

Ofensiva diplomática

Com o problema da divisão na mala oficial, o Presidente da República do Chipre tem vindo a desenvolver notável ofensiva diplomática junto de vários países da CEE com vista à sua adesão à Comunidade. Chipre é, aliás, um Estado associado da Comunidade, dispondo desde 1987 de um acordo de união aduaneira, razão pela qual o Presidente George Vassiliou afirmou, em entrevista concedida em Nicósia a um jornalista da Lusa, que «as relações com a Comunidade estão mais

avancadas do que com qualquer outro País que a ela pretenda aderir».

Não há uma data definida quanto à apresentação do pedido formal de adesão. Perante especulações admitindo que tal possa ocorrer nos próximos meses, George Vassiliou entendeu oportuno declarar à Lusa que o seu País «está a estudar» essa hipótese. «Sabemos que a apreciação efectiva de qualquer pedido de adesão não terá lugar antes de 1993 (entrada em vigor do Mercado Interno), mas isso não significa que o não

possamos apresentar», disse.

Comércio bilateral

Abrir as portas aos empresários portugueses na parte Oriental do Mediterrâneo e no Médio Oriente, se possível em troca, assegurar o apoio de Lisboa para a resolução dos problemas cipriotas no seio da CEE, em especial a sua adesão, é uma das preocupações desta visita de Vassiliou, a primeira que faz a Portugal. Nos últimos meses visitou diversos Estados membros

da Comunidade.

«O objectivo principal da minha visita é usá-la como oportunidade para reforçar a todos os níveis as já amistosas relações entre os nossos dois países, tanto no plano político como económico e cultural», declarou Vassiliou.

As relações comerciais bilaterais enquadram-se no âmbito do acordo de associação entre o Chipre e os «Doze», tendo nos últimos anos registado saldos bastante favoráveis a Portugal, que exporta, sobretudo, artigos de vestuário e vidro, cortiça e produtos derivados de madeira. Portugal importa sobretudo curtumes cipriotas.

Apoiante e entusiasta da ideia da «casa comum europeia», apresentada pelo presidente soviético, George Vassiliou militou nas hostes comunistas até 1956. Abandonou a sua postura pró-Moscou quando os tanques russos esmagaram em Budapeste a tentativa de libertação húngara. Hoje é o Presidente da República de um País membro do Movimento dos Não Alinhados, do qual é, de resto, um dos fundadores. O Chefe do Estado cipriota não considera que esta condição ofereça impedimentos à sua participação no processo europeu. O problema cipriota resultante da divisão da ilha após a invasão da parte Norte pela Turquia, em 1974, é outro dos assuntos em destaque, na sequência das conversações que Vassiliou tem mantido nesta sua «peregrinação pelos Doze». É tanto mais importante quanto é conhecido o empenho da Turquia em aderir igualmente à CEE. O Presidente cipriota deverá reforçar em Lisboa as exigências que a CEE poderá opor a essa pretensão de Ancara.

Redacção «DL»/Lusa



O Presidente George Vassiliou dispõe-se a servir de ponte para potenciais negócios portugueses na região e no mundo árabe

POSTO DE ESCUTA

Lei eleitoral

«O propósito do PSD, que eu não hesito em considerar batota eleitoral, é o de destruir o CDS por via administrativa»

Freitas do Amaral

Cálculo saloio

«O cálculo saloio do PSD seria este: ficaria sozinho no espaço da direita e obrigaria o PS a dividir com o PCP o espaço da esquerda»

idem

Futebolis

«O PSD está a querer impôr a sua lei aos outros. Parece daquelas equipas que perderam na primeira parte e no intervalo querem mudar as regras do jogo para ver se conseguem recuperar»

idem

Estranheza

«É estranho que Portugal, país de tradição cristã, dê pouca expressão eleitoral ao partido que se propõe defender as grandes opções desta na democracia portuguesa»

CDS pacífico

«Não há marcação homem a homem no CDS. O partido está pacificado. O congresso deu lugar a uma maioria clara e tudo ficou no seu lugar»

idem

Desafios

«Sair da casa dos quatro por cento e passar para os dez por cento em 1991 é o grande desafio para o partido»

idem

Razões

«Se fizermos coligação com o PSD será para que este não seja tão arrogante como até aqui. Se aceitarmos uma coligação com o PS será para que não faça uma coligação com o PCP e não haja uma maioria de esquerda em Portugal»

idem

Canal da Igreja

«O PSD não cumpre porque tem medo de toda a gente. Tem medo do CDS, do PS, do PCP, das Forças Armadas, da Igreja. Enfim de tudo aquilo que não esteja às suas ordens»

idem

Lucas Pires

«Se Lucas Pires concorrer às presidenciais e tiver um bom resultado passa a fazer parte de um clube restrito, o dos presidenciais, mas isso, só por si, não é garantia de vitória cinco anos mais tarde»

idem

Recandidatura

«La prejudicar as possibilidades eleitorais do CDS se me candidatasse neste momento à Presidência da República»

idem

O FIO DA MEADA, «RGT-Radiogeste», sábado, 26.05.90, Freitas do Amaral entrevista por Helder Guerra.

Lei da Protecção Civil

Ministro responde no Parlamento

«A lei de bases da Protecção Civil está em fase adiantada de apreciação pelo Governo», disse esta manhã ao «DL» um responsável do Ministério da Administração Interna. Segundo aquela fonte, a lei está na fase de apreciação aguardando por isso os pareceres do Conselho Superior de Defesa Nacional, do Conselho Superior de Segurança Interna, dos governos regionais dos Açores e da Madeira e do próprio Governo central. Colaboraram na elaboração da presente legislação os governadores civis e o Serviço Nacional de Protecção Civil.

Refira-se que amanhã o PRD promove na Assembleia da República um debate sobre a situação do Serviço de Protecção Civil, em Portugal, facto que levará ao hemisfério de São Bento o ministro da tutela, Manuel Pereira e o secretário de Estado-adjunto, Branquinho Lobo, para responderem às questões que aquele partido colocará, nomeadamente, as que incidem sobre a oportunidade da publicação da Lei de Bases só agora.

Redacção DL

«Verdes» têm novo líder parlamentar

Um dos fundadores de «Os Verdes» chefiará o Grupo Parlamentar a partir desta semana, na sequência das decisões tomadas pela Comissão Executiva Nacional. Reunido ontem, em Lisboa, este órgão do Partido Ecologista «Os Verdes» aceitou à discussão uma carta de Manuel Valente Fernandes, na qual este chefe de serviços clínicos do Hospital Distrital de Setúbal afirmava não subsistirem as razões que o levaram, por mais de uma vez, a declinar a hipótese de integrar o Grupo Parlamentar do PEV.

Tal situação, conjugada com a revisão da atitude de Herculano Pombo na mesma reunião de ontem - admitindo manter-se em funções desde que o PEV recupere a sua imagem de «pureza ecologista» -, abre as portas a nova composição no Grupo Parlamentar, de que ressalta a saída de André Martins e sua substituição por Manuel Valente Fernandes. Este, por seu turno, deverá assumir a chefia dos «Verdes» na Assembleia da República, visto ter sido o número dois da lista do PEV no distrito de Setúbal, depois de Maria Santos.

A alteração da linha política dos «Verdes» decidida na célebre reunião da Covilhã, quando

a hipótese dos ecologistas apresentarem um candidato à Presidência da República foi derrotada pela facção política dos «Verdes» mais próxima do PCP, esteve em relevo na Comissão Executiva Nacional de ontem. Desta vez parece ter triunfado a linha que defende a «pureza ecologista» e que considera «não estar encerrada a questão da candidatura à Presidência da República», segundo um informador próximo de Maria Santos. A disponibilidade de Manuel Valente Fernandes para ocupar o lugar a que tem direito no Parlamento e a aprovação, por oito votos contra sete, com uma abstenção, de uma proposta de Herculano Pombo criando uma equipa de três pessoas incumbidas de elaborar um relatório sobre a situação organizativa e financeira, foram determinantes para a alteração da situação que se vive no seio de «Os Verdes». A diferença entre as duas linhas é precária e foi ontem acentuada com a ausência do representante do Porto, Paulo Teixeira e Sousa, defensor da «pureza ecologista» do PEV.

Júlio Rodrigues

POLÍTICA

B R E V E S

Um homem para duas listas

Victor Hugo Sequeira, que desde 1978 tem pertencido às comissões Nacional e Política do Partido Socialista decidiu, «por opção pessoal», não aceitando apoiar nem integrar as listas de Jorge Sampaio ou de João Soares, apresentadas ao Congresso. Para a primeira foi formalmente convidado, para a segunda foi alvo de contactos preliminares. Anteriormente apoiante de Jaime Gama, afirmou agora a sua indisponibilidade, preferindo manter uma «equidistância em relação às duas listas», disse ao DL.

Pedro Roseta ganhou Distrital de Lisboa

As eleições para a presidência da Distrital de Lisboa do PSD tiveram um desfecho inesperado. Pedro Roseta obteve 230 votos contra 223 de Pedro Pinto. O resultado surpreendeu a maioria dos observadores, incluindo o DL, que vaticinavam a eleição de Pedro Pinto. Como vice-presidentes foram eleitos Dias Santos e Mota Veiga, e para presidentes da Mesa e do Conselho de Jurisdição Fernandes Marques e Rui Almeida Mendes, respectivamente.

Congresso do PSR em Outubro

O VII congresso do PSR realiza-se nos dias 5, 6, 7 de Outubro anunciou o dirigente daquele partido, Francisco Louçã, durante a reunião do Comité Central que se realizou durante este fim-de-semana. Relativamente às eleições presidenciais, Louçã disse que o PSR defende uma candidatura de esquerda num espaço alternativo à candidatura de Mário Soares.

PCP prepara campanha de esclarecimento

Decorreu no sábado uma reunião de 200 quadros da Organização Regional de Lisboa, do PCP. Segundo um comunicado divulgado no final do encontro, debateu-se a campanha de esclarecimento de Junho que o partido vai organizar e na qual participarão Álvaro Cunhal e Carlos Carvalhas. Analisou-se ainda o andamento da campanha dos 150 mil contos, forma de custear a compra da Quinta da Atalaia, onde decorrerá a próxima Festa do Avante.

Campo de Tiro de Alcochete

Governo nega perigo para a reserva natural

O secretário de Estado da Defesa afirmou em Setúbal que a Reserva Natural do Estuário do Tejo (RNET) não representa qualquer problema para as aves que a frequentam.

«Em nenhum caso existe perigo, pois o alargamento é feito para a parte oriental e as rotas dos aviões nem se aproximam da reserva, ao contrário da aviação civil», disse.

Falando a cerca de meia centena de jovens social-democratas num colóquio promovido pela Comissão Política Distrital de Setúbal da JSD, Eugénio Ramos acrescentou que «em muitos países os campos de tiro estão localizados em reservas naturais, pois há uma enorme protecção às espécies vivas. Como é proibido caçar nas reservas, as espécies animais sentem-se protegidas», acrescentou.

Contestação

Não é essa, contudo, a opinião dos responsáveis autárquicos e grupos ecologistas envolvidos no processo de contestação à tentativa de alargamento do Campo de Tiro de Alcochete. Também não é essa a posição de investigadores geológicos. Magal-



«Não há violação de qualquer norma internacional no alargamento do Campo de Tiro de Alcochete», diz Eugénio Ramos

Jões Ramalho, poer exemplo, defende que o seu alargamento «causará consequências gravosas para todo aquele ecossistema».

Para os grupos ecologistas, a concretização do projecto de alargamento do Campo de Tiro de Alcochete poderá provocar profundas

alterações no estado normal daquilo que é a Reserva Natural do Estuário do Tejo, dentro da qual estão definidas duas reservas integrais: a do Mouchão do Lombo e a de Pancas.

Trata-se de áreas de acesso interdito, a não ser em casos especialmente autorizados.

Contradições

Num documento enviado, há cerca de um ano, ao Ministério da Defesa Nacional, o secretário de Estado do Ambiente admitia que a concretização deste projecto «levaria inexoravelmente à destruição da Reserva Natural do Estuário do Tejo, à destruição do local de emigração de milhares de aves, à violação dos compromissos assumidos internacionalmente pelo Estado português e consignados em normas de direito internacional».

No colóquio em que sábado participou na convite da JSD de Setúbal, o secretário de Estado da Defesa Nacional defendeu «não haver violação de qualquer norma internacional no alargamento do Campo do Tiro de Alcochete».

Redacção «DL»/Lusa

China mantém estatuto preferencial

Macau respira de alívio com decisão dos EUA

A decisão dos Estados Unidos de conceder por mais um ano à China o estatuto de nação mais favorecida no campo das relações comerciais, anunciada no final da semana passada pelo presidente Bush, deverá serenar agentes económicos e autoridades macaenses.

Com efeito, perante a possibilidade de os norte-americanos reduzirem as suas trocas económicas com Pequim, na sequência de atentados aos direitos humanos, como os perpetrados em Tiananmen, Carlos Melancia entregara, recentemente, um memorando ao ministro dos Negócios Estrangeiros. O documento chamava a atenção para os efeitos negativos da retirada do estatuto de nação mais favorecida sobre a economia macaense.

Uma nota do Governo de Macau divulgada no início da semana passada sublinhava mesmo que muitos dos empresários que investiram no enclave nos últimos tempos apostam no mercado dos Estados Unidos.

Aliás, o próprio governador expressou, quarta-feira passada ao «DL» as suas preocupações, embora de forma cautelosa. «Pessoalmente, acredito que esta medida é apenas conjuntural e, nestas circunstâncias, não posso tirar ilações», disse.

Ao anunciar a sua decisão, em conferência de Imprensa realizada na quinta-feira em Washington, o presidente Georges Bush salientou que não se trata de «um favor ou uma concessão, mas de uma base de comércio». Segundo o jornal francês «Liberation», o Congresso ameaçou opôr-se à decisão. Porém, parece pouco provável que o faça, em função dos interesses económicos em jogo.

Ascendem a 18 milhões de dólares as exportações anuais de Pequim para Washington. Em contrapartida, estão instaladas na China diversas empresas norte-americanas.

Redacção «DL»

Cunhal defende Reforma Agrária

O grito «A terra a quem a trabalha!» voltou a soar sábado passado em pleno Alentejo pela voz de Álvaro Cunhal. O secretário-geral do PCP, que falava num comício de homenagem a Catarina Eufémia, em Baleizão, criticou violentamente o projecto gover-

namental que prevê a extinção da reforma agrária.

«Catarina Eufémia morreu na luta por melhores salários e pela Reforma Agrária. O PCP lutará até ao fim por ela e caso o Governo conseguisse acabá-la, fariamos dela bandeira para entregar a terra a quem a

trabalha», afirmou o líder comunista. Álvaro Cunhal lançou algumas indirectas aos «críticos» que, na sequência do congresso extraordinário, se desvincularam do partido. «Se alguns saíram, há outros que pensam que é connosco que estão bem».

PSD festeja 16 anos

O PSD assinala na próxima quinta-feira o seu décimo sexto aniversário. As comemorações vão ter lugar no Porto e envolvem colóquios e confraternizações. «A juventude, o sindicalismo reformista e as autonomias regionais na história do PSD» é o tema de um colóquio em que vão participar Pedro Passos Coelho, Arménio Santos, Montalvão Machado, Alberto João Jardim, Mota Amaral e Pacheco Pereira.

Luís Filipe Menezes, líder da distrital do PSD do Porto, foi o organizador destacado pela Comissão Política que pretende privilegiar o Norte, tal como o fez o Partido Socialista no último fim de semana.

Na sexta-feira, Cavaco Silva preside a um jantar em Vila Nova de Gaia em que serão contadas «pequenas histórias» ligadas à fundação do PSD. Prevêem-se as presenças de Francisco Pinto Balsemão e de António Sousa Franco.

As comemorações encerram com uma festa popular, que vai ter lugar sábado, no Pásio Alegre, junto à foz do Douro. Cavaco Silva desenvolverá aí uma intervenção política.

SILVA'S

COLECCÃO
SCHLUMBERGER

LEILÃO

PINTURA ANTIGA, MODERNA
E CONTEMPORÂNEA
PRATAS E JÓIAS
PORCELANAS COMPANHIA DAS
INDIAS
MOBILIÁRIO

Exposição:

Dias 26 e 27 de Maio — 15h - 19h e 21h - 23h

Leilão:

Dia 28, 29 e 30 de Maio — 21,30h - 24h

LEILÃO NA SEDE

Rua do Sacramento à Lapa, 24
1200 LISBOA — Tel. 3961931 — Fax 4105906

FORUM

ZÉ DO TELHADO,
MAOMÉ E O TOUCINHO

Um vice-líder parlamentar do PSD foi claro, no plenário da Assembleia da República, quanto à alegação do secretário-geral do PS de que a proposta do Governo de alteração à lei eleitoral pretende acabar com os pequenos partidos.

Deu ao secretário-geral do PS, aproximadamente, este conselho:

- Procure melhor destino do que arvorar-se numa espécie de Zé do Telhado do Portugal dos Pequeninos!

Levantou-se, de imediato, o líder parlamentar do PS para produzir, aproximadamente, esta afirmação:

- Senhor deputado, a imagem literária que utilizou não é digna desta Assembleia! Aconselho V. Ex^a a beber, hoje, o chá que não bebeu, em pequeno!

A isto, o referido vice-líder parlamentar respondeu, logo, e também aproximadamente, isto:

- Senhor deputado, deve V. Ex^a virar-se para os deputados da sua própria bancada, que, esses, dizem do meu partido aquilo que Maomé não disse do toucinho!

Temos, portanto, para o citado vice-líder parlamentar do PSD:

a) que o CDS, o PRD, Os Verdes, a Intervenção Democrática, provavelmente o PC, constituem - o Portugal dos Pequeninos;

b) que alguém defender os direitos, a sobrevivência, do CDS, do PRD, de Os Verdes, da Intervenção Democrática, talvez do PC, é tomar a arma, os modos e a curva da estrada, do - Zé do Telhado;

c) que Maomé tinha, para com o toucinho, uma tolerância que os deputados do PS manifestamente não têm para com - o PSD.

E temos, portanto, para o dito líder parlamentar do PS:

1) que chamar Zé do Telhado a um político é produzir uma - imagem literária;

2) que o vice-líder parlamentar do PSD em causa, ontem, não bebeu - chá;

3) que o vice-líder parlamentar em causa do PSD, hoje, deve beber - chá;

4) que o vice em causa líder parlamentar do PSD, não sendo, hoje, pequenino, como são, para ele, hoje, pequeninos, o Prof. Freitas do Amaral, o Eng. Hermínio Martinho, Ma-

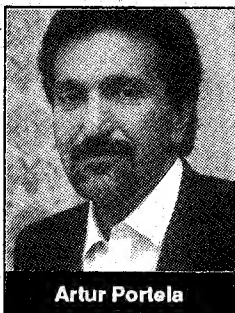
ria Santos, João Corregedor e, possivelmente, o Dr. Álvaro Cunhal, não é, hoje, pequeno, porque, podendo, hoje, beber o chá que não bebeu, ontem, em pequeno, só pode ser, hoje, já - grande.

A questão está em saber o que é que os deputados da bancada socialista andam efectivamente dizendo do partido do referido vice-líder parlamentar que Maomé não tivesse tido a coragem de dizer do próprio toucinho.

Há quem afirme que, informados pelos seus embaixadores em Lisboa, os países da Liga Árabe terão mandado estudar o caso a mil teólogos muçulmanos.

Constando, no Mar Vermelho, e ao

longo das costas do Mediterrâneo, que a Grande Nação Árabe estaria prestes a admitir, no Cairo, em sessão magna, que, à luz do Corão, em termos confessionais portanto, é efectivamente possível dizer, pelo menos do perfil românico desse vice-líder, aquilo que Maomé não disse do próprio - toucinho.



Artur Portela

A MORTE DOS MORTOS
NO CEMITÉRIO JUDEU
DE CARPENTRAS

Recorro a uma fórmula utilizada por Edgard Morin, que também pertence à comunidade judia francesa, para classificar a profanação de que foi vítima o cemitério judeu de Carpentras: não só foram partidos os jazigos, mas os homens que procederam a esta horrível operação desenterraram um velho judeu para o empalar com o pau de um guarda-sol.

Nem sequer os nazis se tinham lançado em operações desta natureza, a ponto de hoje ainda se poder prestar homenagem aos restos do jurista Dr. Franz Kafka no velho cemitério judeu da cidade.

Os anti-semitas franceses foram mais longe na abjeção, o que nos não pode consolar. Na verdade, o mais singular reside na impossibilidade de eliminar da cena cultural europeia a veemência de um anti-semitismo que foi constantemente alimentado pelas forças religiosas e, mais particularmente, pela Igreja Católica.

Hoje, na França racista e anti-semita, as operações são ainda simbólicas, embora caracterizadas por uma singular brutalidade. Mas, ao pretender dar a morte aos mortos, avança-se no caminho que passa das mortes simbólicas às mortes reais.

O regime nazi ensinou-nos a ler o conteúdo real do simbólico, razão pela qual não podemos considerar esta profanação como uma manifestação ex-

cessiva, que ficará apenas como um marco singular na evolução do anti-semitismo francês e europeu.

Esta operação verifica-se em plena exacerbação dos nacionalismos, não só a Leste, mas também a Oeste. A Europa encontra-se perante um processo de revisão dos diferentes discursos nacionais, na medida em que não poucos países, ou Estados, ou nações, se dão conta de uma fragilidade real ou latente da consciência nacional.

Seja por razões raciais, étnicas, religiosas ou políticas, são muitas as situações em que explode o discurso nacionalista excessivo. Todavia, semelhante paixão constrói-se actualmente, mas parece ser quase sempre assim, contra o Outro. O nacionalismo parece não poder satisfazer-se com uma auto-afirmação. Exige um adversário; pior ainda, um inimigo.

O discurso da extrema-direita francesa conta-se entre os mais reveladores, na medida em que denuncia a modificação dos valores internos do País, vítima da emigração e das diferentes formas de mestiçagem que esta provoca: a física, a cultural, a religiosa. São cada vez mais numerosos os crimes de que são vítimas aqueles que parecem ser mais: «emigrados»: os árabes, como não podia deixar de ser, e os africanos.

Mas todos os demais grupos correm o risco de ser agredidos: num inquérito recente, podia ler-se que nada menos de 25 por cento dos franceses consideram os portugueses tão detestáveis como os magrebinos. Percentagem elevadíssima e chocante, sobretudo quando se trata de homens e de mulheres que parecem perfeitamente integrados na sociedade francesa.

Hoje não há fronteiras na exibição do racismo: o Front National permitiu que os franceses pudessem manifestar publicamente o seu horror do Outro, dos Outros. O que se passa na sociedade francesa é de resto contraditório, porque se, por um lado, se pretende apressar e reforçar a integração económica europeia, pelo outro exacerba-se a violência contra o Outro. Ontem os árabes, hoje os judeus mortos, amanhã os vivos. Quem vai seguir-se na lista do horror?

Tal é o paradoxo da vida francesa de hoje: exacerbações do económico,

acompanhada pela exacerbação do racismo. Será que estas duas forças poderão coabitar sem pôr em perigo a própria existência da Europa?

Matando os mortos, a extrema-direita mata também todo e qualquer espírito de reconciliação, que é o fundamento específico da vida europeia!



Alfredo Margarido

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo do arq. Francisco da Silva Dias:

(...) Empenhada, segundo o seu programa, em «fazer cidade» na periferia e reabilitar a cidade no centro, verifica que é aí que deflagram as mais poderosas «bombas» agora armadilhadas pelo grande capital estrangeiro.

Em relação à Avenida da Liberdade, entre uma atitude defensiva que poderá ser apelidada de passadista e conservadora ou uma posição mais dinâmica, aproveitando a capacidade dos investimentos disponíveis para uma melhoria (ou para a destruição, é este o risco) da qualidade do espaço urbano, a decisão, que se impõe rápida, é, sem dúvida, difícil de tomar.

Dramatismo acentuado pelo facto de, no programa da coligação Por Lisboa, ser claramente expressa a intenção de eliminar as assimetrias, tão marcadas no corpo da cidade, entre a zona oriental e a zona ocidental, entre o centro estabilizado e as franjas de periferia e, para isso, ter prometido novas centralidades, distribuição mais equitativa de investimentos, localização mais racional dos pólos geradores de vida urbana. (...)

28.Maio.90

diário

Do editorial:

(...) Os requerimentos dos partidos da oposição incomodam o partido do Governo. Neutralizar as comissões e subcomissões, reduzi-las a um papel meramente decorativo é objectivo que o PSD, através dos seus líderes, persegue teimosamente.

A tática é simples, mesmo monótona. Em algumas comissões os representantes do PSD votam sistematicamente contra os requerimentos que se lhes afiguram incómodos. Não sabem responder às questões levantadas. Mas acham desnecessário que o Governo preste informações e esclarecimentos por mais nebuloso e mesmo escuro que seja o assunto. Levantam o escudo protector, a cobrir o Executivo.

Na Comissão de Petições o estilo é levemente diferente. Nunca o PSD ali tem pressa. Esse culto da inoperacionalidade explica que durante meses não tenham sequer sido preenchidos cargos na mesa na sequência da substituição de deputados. (...)

28.Maio.90

Expresso

De um artigo de José Rabaça:

(...) O condicionamento industrial de Salazar não foi mais que uma intervenção planificadora da economia, tão razoável, pelo menos, como idênticas medidas adaptadas em sociedades socialistas como objectivos similares. No caso português, escusado será dizer que a planificação foi de cariz capitalista.

É óbvio que o condicionamento industrial foi, sempre, permissivo e elástico. Tanto que, se não me engano ao recordar o sentimento predominante, ao tempo, o que creio é que todos lhe eram favoráveis salvo nos casos específicos em que cada um se via impedido de realizar a expansão momentânea que na data o entusiasmava.

É claro que a aplicação das regras do condicionamento industrial, redigidas com propósitos já conducentes à tal elasticidade no deferimento das pretensões, foi uma porta aberta para o jogo de influências. Tal como acontece, agora, por exemplo, com as candidaturas a benefícios «made in CEE», tais como subsídios para a expansão e modernização e cursos de formação.

Com o condicionamento industrial passou-se algo de muito semelhante ao que acontece, no presente, com os processos de subsídios a fundo perdido para equipamentos industriais: a decisão depende mais de quem assina os processos do que de quem subscreve os requerimentos. (...)

26.Maio.90

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelero e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Villela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Bredorode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Cantelo**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

FORUM

Memória de Inhambane (1)

«MUDANÇA DE TERRA»

Na praia do Tofo, a vinte quilómetros de Inhambane, ao cair da tarde, a nuvem branca e solitária parecia imóvel sobre o mar calmo. A nuvem lembrava a imagem do cogumelo atómico, mas era outra - e bem mais natural - a tempestade que transportava. Quando o céu começou a relampejar era quase noite, mas não se ouvia ruído de trovões. Durante mais de uma hora observei o espectáculo extraordinário de uma sucessão ininterrupta de descargas eléctricas que iluminavam os misteriosos recantos do cogumelo incandescente que pairava sobre o Índico.

O velho pescador negro explicou-me que só há (talvez) cinquenta anos coisa semelhante sucedera. E que isso fora sinal - o pescador estava embriagado, não de misticismo, mas de sura ou suco de palmeira - ele queria dizer que a Paz se aproximava de Moçambique e com a Paz se entraria em novo ciclo de natureza, de Vida e não de Morte. Mas, aos olhos que procuram ver a terra e não a nuvem, é ainda a morte que paira em Moçambique. Morte física, psicológica e moral.

A algumas (poucas) centenas de quilómetros jaz Maputo, numa angustiada expectativa menos romântica e misteriosa que a do pescador na trovoadas do Tofo. Na Faculdade de Economia, discuti problemas do «desenvolvimento» na África Austral com alunos e docentes. Alguns pontos essenciais emergiam facilmente: nenhum país pode buscar o seu «desenvolvimento» na ajuda externa. Esta pode - e de forma, aliás, muito limitada - completar um esforço próprio. Pode, ainda, responder a situações críticas de

emergência. Mas, considerada como algo de definitivo e estrutural, a ajuda externa é (mais um) factor de corrupção e de desmobilização do esforço produtivo interno.

Se, como disse um Papa, o desenvolvimento é o novo nome da Paz, então esta não pode (deve) ser confundida com qualquer forma de partilha do Poder entre grupos (ou bandos) rivais. Claro que será positivo, extraordinariamente positivo, terminar a violência armada, sob todas as formas que assume actualmente em Moçambique. Mas seria ilusório ou mistificador admitir que, nestas complexas condições que aqui se vivem, a Paz se conseguirá nos mesmos termos em que se pode conceber a negociação entre dois contendores bem identificados e organizados, sob comando responsável e definido. Igualmente errado seria pensar que o simples facto de substituir uma retórica oficial sobre «marxismo» por outra retórica sobre (digamos) «democracia económica e política» (sem mudar grande coisa, aliás, na camada dirigente nem na presença burocrática de um Estado inerte) permitirá enfrentar com êxito os tremendos problemas do «desenvolvimento» em Moçambique.

Quais são então as verdadeiras questões de fundo, ou seja, as exigências ou requisitos de uma paz duradoura que sirva o desenvolvimento desse povo tão martirizado por trinta anos de guerras, além de periódicas calamidades naturais, como secas e cheias catastróficas? Creio que essas questões remetem, directa ou indirectamente, para dois tipos de problemas, um interno à sociedade moçambicana, outro externo, embora regional.

Amanhã: «Um novo papel para os portugueses»



Mário Murtelra

CARTAS NA MESA

O crime compensa

Andrei Konchalovsky, cineasta soviético, ora radicado nos Estados Unidos da América, é um realizador de méritos firmados ao longo de uma obra de grande gabarito. Efectivamente, filmes como «Siberiada», «O Tio Vânia», «A Felicidade de Assia», «Os Amantes de Maria», «Comboio em Fuga», «Gente Estranha» e outros, porventura menos conseguidos, traziam a sua marca e deixavam perceber que se estava perante um realizador de grande nível artístico.

Mas eis que surge, em Portugal, uma coisa chamada «Tango e Cash», «estrelada» por um péssimo devedor de monossílabos, que dá pelo nome de Sylvester Stallone.

Não quis acreditar. Tive de ler três vezes.

Mas, no cartaz publicitário, com referência à realização, lá estava o nome: Andrei Konchalovsky.

É, no mínimo, um fenómeno curioso, que pode ajudar a compreender a postura de certos dissidentes ou a apreciar e valorizar, no campo da cultura ou da arte, o que são as opções livres de certos agentes.

Afinal, por muito que se diga em contrário, o crime compensa.

Gabriel Veríssimo Figueira,
leitor de Coimbra

A eutanásia perante Deus

Considero ser possível tirarem-se conclusões imprecisas acerca do ponto de vista dos chamados cristãos evangélicos, em relação ao tema «A Eutanásia Perante Deus», tal como é tratado no DL de 18 de Maio, onde aparecem fragmentos de uma entrevista em que participei.

Parece-me que, particularmente o título que encima a página 18 e que diz «Só a Igreja Evangélica Admite a Eutanásia», pode, de facto, levar os leitores a conclusões muito

desfocadas da realidade.

Assim - e sem pretender comentar algumas imprecisões, dado o carácter do tema e o seu propósito jornalístico - venho declarar que as expressões fragmentadas da minha entrevista não vinculam, de facto, pontos de vista de qualquer Igreja, organização de Igrejas ou de médicos evangélicos acerca do assunto em questão.

João Serafim Regueiras,

CARTAS PERSAS

MATRIMÓNIO, DIR-SE-Á?

Vinte e sete personalidades políticas e do mundo dos negócios foram implicadas em casos de corrupção que o Parlamento decidiu transmitir à Justiça. Trata-se, acrescenta o jornal de há dias, da maioria dos grandes projectos do País, de venda de reservas de ouro, de adjudicação de obras e, até, da encomenda de seis aviões gigantes, exactamente Airbus A 320. Em suma, o costume destas coisas, o trivial da governação - no caso vertente na Jordânia que longe não é da Pérsia.

E tudo é pertíssimo no mundo de hoje, ou instantâneo e epidémico. Tudo interligado, comunicante e parecido, num mundo bem pequeno para tantos e tão monótonos delitos. Presidentes da República e reis-consortes, primeiros e segundos-ministros, generais e campeões olímpicos e outros artistas, de «shows», pincel e pluma - nenhuma classe é inocente e os templos mais selectos regurgitam de vendilhões. Armas e drogas, ideias e mezinhas - sabe-se lá o que vai acontecer à Lituânia (ó Checoslováquia de 1939!) e à Polónia (ó mesmo ano!), e à Colômbia, e ao socialismo, e à SIDA!...

... Manhã morosa esta, de domingo, numa mesa de ferro à beira dos meus gansos semanais. Mais ninguém na humidade de ter chovido, leitura descansada e anónima de jornal, café quente e cigarro preguiçoso. Um Sol atravessa palidamente núvens de borrasca, com luz esbranquiçada no lago sujíssimo.

... «E a Avenida da Liberdade?» Praxedes pergunta-me - e que sei eu? Será ela agora «de La Libertad», por aquisição espanhola, Tivoli ou não Tivoli?... Praxedes inquieta-se: antigo reflexo nacional, que devia passar de moda de pensar e de ser, que negócios são negócios e se não forem os espanhóis... - resmungo ainda o velho amigo. Do Tivoli, ele lembra-se, e lembro-me eu; mas daqui a um ou dois anos será coisa da arqueologia da avenida, ou da cidade, como a floresta egípcia de mais acima...

Vejo também no jornal que os Campos Eliseos estão a ser objecto de cuidados e classificações especiais, em Paris. Paris, repete o Praxedes, - como se dissesse Avenue de La Liberté...

Mas ele está ao corrente de coisas e sabe que se revêem os «dossiers», por pressão das circunstâncias europeias, e que se fazem pazes entre o governo do país e o da cidade, partidos para o esquecimento daqueles que, por embriração, alumiam as ditas coisas. E, segundo ele, recua o património, no xadrez dos lucros à vista - para outros.

«É o Matrimónio, agora», regouga o Praxedes. O velho Praxedes! Alguém ainda se lembrará dele? Mas que bem parecido está, com a mulher e os filhos, lisboeta assim, que na cidade sempre acredita, dela se recordando! Neste sítio que não muda, não mudam os Praxedes; só a Avenida mudará, com Tivoli ou sem Tivoli, na realidade do metro quadrado...

Lembro-me de repente de outra conversa, de há dias, e do amigo que me perguntava se eu antes queria os alemães. Era de japoneses que então se falava - mas a pergunta pode ficar, prefiram-se agora os japoneses, ou não...

Lisboa teve camisa, deixou de a ter, em tempos de «éclair» mais urgentes; e vai perdendo o resto, com vergonhas à mostra. Praxedes indigna-se - e vai-se ao almoço.

A Jordânia - vejam lá, quem diria! penso eu, pendurado no jornal e vendo Praxedes partir, ou a sombra dele, tal e qual. Meu tão esquecido Praxedes...

... Acabo, não acabo a carta: não pode estar assim persa a nossa memória, rendidos os valores do seu quotidiano mais habitual! Praxedes, lembrem-se dele ou não, faz parte do nosso património.

Ou matrimónio - dir-se-á agora, no contento de todos?



José-Augusto França

INTERNACIONAL

Os soviéticos depositam grandes esperanças na cimeira das superpotências e o próprio líder do Kremlin apelou já à «boa vontade» do seu homólogo norte-americano, para que se consigam «resultados construtivos»

Gorbachev amanhã em Otava com os olhos em Washington

O Presidente da URSS, Mikhail Gorbachev, chega amanhã a Otava, onde permanecerá até quarta-feira à tarde, para se avistar com os dirigentes canadianos, antes da cimeira americano-soviética que tem início na próxima quinta-feira, em Washington.

Esperado na capital canadiana por centenas de jornalistas, na sua maioria norte-americanos, o número um soviético vai dar ao primeiro-ministro canadiano, Brian Mulroney, amigo e aliado muito próximo de George Bush, uma ideia do estado de espírito que o anima, antes da cimeira das superpotências. Antes de se encontrar com o líder do Kremlin, Bush terá uma conversa telefónica com Mulroney, segundo fontes canadianas, que pediram o anonimato.

As autoridades canadianas terão insistido para que a primeira visita de um líder soviético ao país ocorresse antes da cimeira de Washington. Chegaram a propor a Gorbachev, como tribuna, o Parlamento canadiano, mas os soviéticos preferiram não sobrecarregar a agenda do chefe do Kremlin.

No actual diálogo Leste-Oeste sobre o futuro da Aliança Atlântica e sobre a nova

arquitetura da Europa após a unificação alemã, Mulroney vai expor a Gorbachev os pontos de vista canadianos. O chefe da diplomacia canadiana, Joe Clark, surpreendeu os observadores no sábado ao apelar para uma revisão urgente da estratégia nuclear e convencional da NATO, rompendo com a tradicional discrição sobre esta questão.

Embora advogando a manutenção de um «sólido mandato militar» para a NATO, Clark considerou que «isso não significa que se continue a manter na Europa o maior contingente militar conhecido no mundo em tempo de paz».

A segurança na Europa, segundo Otava, deve no futuro apoiar-se na Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE), que engloba todos os países europeus, à excepção da Albânia.

Clark fez nesse sentido as propostas mais avançadas sobre esta questão do Ocidente, sugerindo nomeadamente a criação dum «Conselho para a Cooperação Europeia» para os chefes de Estado e os ministros dos Negócios Estrangeiros, e uma «Assembleia da CSCE». Uma outra ideia canadiana que «progride»,

diz-se oficialmente em Otava, e susceptível de agradar a Gorbachev, é a de que os resultados da cimeira sejam debatidos no próximo encontro em Houston do Grupo dos Sete países mais industrializados.

Sobre a Lituânia, não obstante o activismo das comunidades bálticas canadianas, Mulroney deverá apoiar Gorbachev, segundo os observadores, já que o Canadá também se confronta com sérios problemas constitucionais que se prendem com as tentações separatistas da parte do Quebec.

Preparação da cimeira

Negociadores norte-americanos e soviéticos trabalharam ontem no Departamento de Estado, na elaboração de um texto para o acordo, que será assinado na cimeira, sobre o tratado de redução dos armamentos estratégicos START, previsto para o fim do ano.

As delegações dirigidas pelo subsecretário de Estado, Reginald Bartholomeu e pelo vice-primeiro-ministro soviético, Viktor Karpov, encontraram-se ontem por três vezes e hoje voltam a reunir-se. Mas o resultado desses encontros não foi revelado.

Será igualmente elaborado o texto de um acordo sobre o incremento do tráfego aéreo entre os Estados Unidos e a URSS, a ser também assinado durante a cimeira.

Os soviéticos esperam bons resultados da cimeira Moscovo/Washington. O próprio Presidente Gorbachev apelou à «boa vontade» para que se consigam «encontrar posições construtivas».

Se os objectivos permanecem oficialmente os mesmos - tratado START sobre os arsenais nucleares estratégicos este ano e acordo CFE em Viena, antes da Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa, previstos para o fim do ano - os diplomatas soviéticos mostram-se muito mais intransigentes do que há alguns meses.

A crise lituana lança igualmente uma sombra sobre a cimeira. Antes de partir para Washington, Mikhail Gorbachev viu-se obrigado a mostrar que não recusava o diálogo, ao receber uma delegação de deputados de Vilna. Mas as posições das duas partes mantêm um grande afastamento, não obstante uma ligeira inflexão de ambas.

Redacção «DL»/AFP/Reuter

Seis mortos em ataque de extremistas arménios a uma coluna militar Líder do Kremlin apela aos soviéticos para «não cederem ao pânico»

Mikhail Gorbachev apelou aos soviéticos para que «não cedam ao pânico» durante um longo programa da televisão estatal, consagrado à passagem para uma economia de mercado, que tem sido o motivo de uma «ampla discussão» no seio da população. O anúncio das novas medidas económicas há dias, e a perspectiva de grandes aumentos de preços a curto prazo, provocou uma autêntica corrida às lojas das principais cidades soviéticas.

O Presidente soviético não fez alusão a um eventual referendo sobre a economia de mercado, que foi referido há dias pelo responsável do Comité da Estado para a Planificação, Iuri Maslioukov, bem como por Leonid Abalakine, vice-primeiro-ministro para a Reforma Económica.

Após ter sublinhado que um «acordo na sociedade» era necessário para as reformas económicas, Gorbachev propôs uma «larga discussão» a esse respeito «nos colectivos de trabalho», de forma a que todas as propostas convirjam «de todas as repúblicas para o centro».

O mercado «não é um objectivo em si», sublinhou, «mas um dos meios mais fortes para regularizar o funcionamento da nossa economia, de aumentar a eficácia e melhorar sobre esta



O anúncio de aumentos para breve provocou uma autêntica corrida às lojas na União Soviética

base a vida dos soviéticos». O mercado, disse ainda Gorbachev, «permitirá a emancipação do indivíduo» e ajudará a «resolver os problemas contra os quais lutamos há decénios».

O Presidente soviético denunciou os «apelos irresponsáveis», assim como as «exigências sob a forma de ultimatos» que são susceptíveis, disse, «de tudo deitar a perder e de trazer um prejuízo irreparável» ao país.

«Devemos colocar no lugar que merecem (...) aqueles que não se preocupam com a sociedade, com os interesses do povo, mas que apenas lutam pelas suas ambições». De referir que o clima

político na URSS degradou-se bruscamente nestas últimas semanas, a contestação às autoridades governamentais tornou-se cada vez mais aberta, enquanto a imagem do Partido Comunista se torna cada vez mais deteriorada junto da população, numa altura em que se prepara um Congresso crucial.

O 28º Congresso, que terá início a 2 de Julho, determinará o futuro político do país, sendo de esperar uma cisão no PCUS entre conservadores e reformadores.

A manifestação mais espectacular da exasperação crescente dos soviéticos em relação aos seus dirigentes ocorreu no desfile inusitado na Praça Vermelha, por oca-

sião do 1º de Maio.

Várias sondagens efectuadas ultimamente confirmam a descida do PC soviético, mas também do Governo, na consideração pública.

Ataque extremista na Arménia

Seis extremistas arménios morreram e dez soldados ficaram feridos, três dos quais gravemente, durante uma emboscada, ontem de manhã, contra uma patrulha militar na gare central de Erevan, segundo um porta-voz do quartel-general do exército na capital arménia.

O ataque ocorreu no momento em que um grupo de soldados das tropas especiais do Ministério do Interior soviético, que asseguravam a protecção de um comboio de passageiros entre Kafan (Sudeste da Arménia) e Erevan, tinham terminado a sua missão e aguardavam a chegada de uma viatura que os conduziria ao quartel.

Os líderes nacionalistas, na sequência do atentado, apelaram à calma através da televisão. Entretanto circulam rumores sobre ataques contra militares, tendo os nacionalistas montado barragens nas estradas em redor da capital arménia.

Redacção «DL»/AFP/Reuter

«É um erro de primeira ordem» Lafontaine critica união monetária

«Um erro de primeira ordem». É assim, secamente, que o dirigente social-democrata Oskar Lafontaine classifica a união monetária alemã prevista para 1 de Julho, em mais uma das suas típicas declarações polémicas, que desta vez levou a discórdia ao interior do próprio SPD, sobretudo aos seus presidentes, Hans-Jochen Vogel. Hoje à noite a união monetária e económica, serão o tema do encontro entre Lothar de Maizière e Helmut Kohl, que vão procurar fazer uma frente comum a estas inesperadas críticas dos sociais-democratas.

As declarações de Lafontaine forma feitas numa entrevista dada neste fim-de-semana ao semanário «Spiegel», dois dias antes de um encontro entre Vogel e Kohl, onde se irão discutir as críticas do SPD (muito menos ferozes) ao tratado de união monetária. No entanto, os efeitos práticos do desacordo são atenuados pelo próprio Lafontaine, que na mesma entrevista explica como o seu partido não irá inviabilizar o tratado. No Bundestag (parlamento federal), onde é minoritário, o SPD diz não ao tratado, mas onde detém a maioria, no Bundesrat (Câmara Alta), não o inviabilizará.

Esta atitude parece assim ser mais uma demonstração de que Lafontaine quer ir de encontro às opiniões dos alemães-federais (devido as sondagens a maior parte não acha que a união monetária seja prioritária e teme a rapidez do processo) a poucos meses das eleições de Dezembro, onde é tido como o principal adversário de Helmut Kohl.

De qualquer maneira, quer o SPD da RFA, quer o da RDA, já se demarcaram do tom forte das críticas de Lafontaine. O primeiro através de Vogel e o segundo através do seu chefe interino e ministro dos Negócios Estrangeiros lesta-alemão, Markus Meckel, que reafirmou hoje o seu apoio ao tratado de união monetária.

Vogel deve apresentar amanhã a Kohl as discordâncias «oficiais» do seu partido à união, que dizem respeito a melhorias sobre a protecção ao ambiente, à defesa das empresas e ao combate às fortunas acumuladas pela antiga *nomenklatura* do regime comunista.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

O conflito entre a Índia e o Paquistão é por enquanto no plano diplomático

A «guerra» de Cachemira



Benazir Bhutto e Pratap Singh, primeiros-ministros do Paquistão e da Índia, respectivamente, empenhados numa guerra diplomática sobre o diferendo de Cachemira

Tendo em vista o fortalecimento das suas posições, face ao conflito bilateral pela região de Cachemira, a Índia e o Paquistão estão a desenvolver esforços no sentido de reunir apoios externos.

Informações conhecidas revelam que o Paquistão iniciou acções com o propósito de obter o apoio dos países islâmicos, enquanto a Índia está a tentar fazer o possível para neutralizar essa ofensiva.

Os dois países estiveram, há alguns dias, à beira de um confronto armado, tendo travado uma dura batalha verbal nas últimas semanas.

Os ministros das Relações Exteriores da Organização da Conferência Islâmica (OCI), integrada por mais de 45 países, vão reunir-se no Cairo no próximo dia 12 de Junho.

A primeira-ministra paquistanesa Benazir Bhutto iniciou a 15 de Maio um périplo por seis capitais da

Ásia Ocidental e África, que inclui visitas ao Irão, Líbia e ao Egipto.

Diversas informações asseguram que Bhutto tentará que o problema de Cachemira seja incluído na agenda da OCI, a pedido da Turquia, Síria, Jordânia, Iémen e Tunísia e posteriormente da Argélia, Marrocos e Somália.

Ainda que a ameaça de uma guerra imediata se tenha dissipado depois das conversações bilaterais de Abril, Nova Deli e Islamabad parecem estar a preparar-se para um duelo diplomático.

O ministro das Relações Exteriores da Índia enviou um alto funcionário aos países membros da OCI, numa tentativa destinada a neutralizar os esforços do Paquistão no sentido de conseguir o apoio das nações islâmicas.

Influentes muçulmanos indianos também visitaram países do Golfo para pres-

sionarem a favor da posição do seu país, no sentido de que o problema de Cachemira deve ser resolvido bilateralmente.

Desde a sua independência, o Paquistão defrontou-se com a Índia em duas das três guerras ocasionadas pelo problema de Cachemira. Separatistas de Cachemira começaram a reclamar, em Janeiro, a independência deste Estado indiano, o único maioritariamente muçulmano no país.

Teste à diplomacia indiana

A diplomacia indiana no mundo muçulmano vai ser posta à prova face à tentativa paquistanesa de transformar a guerra separatista num assunto referente à «Ummah» muçulmana, o organismo político islâmico estabelecido na base da fé comum, dizem diversas fontes políticas.

Nova Deli acusou o Paquistão de apoiar os grupos secessionistas de cachemira, com dinheiro e treino militar na fronteira, no que a Índia chamou «o Cachemira apoiado pelo Paquistão» e no que o Paquistão apelida de «Cachemira Azad (livre)».

O Paquistão negou as acusações, ainda que sectores islâmicos duros sejam partidários de qualificar a agitação no Estado indiano como um movimento de «libertação nacional».

O «périplo de paz» de Bhutto - como ela própria chamou à sua viagem às nações membros da OCI - tem com objectivo furjar um consenso islâmico sobre o direito à autodeterminação do Cachemira.

As diligências do Paquistão iniciaram-se depois de Bhutto e o ministro das Relações Exteriores paquistanês Shabzada Yaqub Khan, terem

tentado obter o apoio dos Estados Unidos para que o problema de Cachemira fosse discutido no Conselho de Segurança das Nações Unidas e na Assembleia Geral.

O fíel da balança

Analistas internacionais consideram que a Índia tem mais acesso a canais diplomáticos efectivos e duvidam que o Paquistão consiga o consenso entre os membros da OCI, especialmente os africanos. O ministro das Relações Exteriores realiza uma viagem à Nigéria, Camarões, Gabão e Guiné Conacri.

O perito diplomático indiano, Arun Chacko, explicou que cerca de um terço dos membros da OCI provém da região subsariana da África e são os que constituirão o fíel da balança: são eles que podem ou não inclinar-se a favor da Índia.

Acréscimo que o problema da Índia é ter ignorado os países muçulmanos francófonos de África.

Analistas locais em Nova Deli pensam que a Índia tem uma nítida vantagem sobre o Paquistão porque a sua acção se limita a prevenir a internacionalização do conflito de Cachemira, ao passo que Islamabad tem de explicar por que se nega a resolver a disputa bilateralmente.

Existem sinais de que Khan e o seu homólogo indiano, I. K. Gujral, voltaram a reunir-se em Julho durante a cimeira de ministros das Relações Exteriores da Associação para a Cooperação Regional do Sudeste Asiático (ACRSA), a realizar-se na capital do Nepal, Catmandu, ou em Colombo, no Sri Lanka.

Rajiv Tiwari
Serviço IPS/DL

O fracasso dos partidos únicos

Qualquer reflexão sobre a vida política africana arrisca-se, hoje, a expor o seu autor a uma tripla dificuldade. A primeira diz respeito ao perigo de manter «um discurso globalizante» sobre um continente sobretudo marcado pela heterogeneidade das culturas e das situações nacionais. Mas esta preocupação quanto à relatividade não deve ocultar o que constitui a unidade de África: sistemas políticos autocráticos e refractários a qualquer noção de alternância democrática; economias extravertidas, geridas mais em função da lógica das «inclinações» do que da eficácia.

Coloca-se, em seguida, o problema da oportunidade de um debate institucional, no momento em que, segundo tudo indica, seria mais propícia uma reflexão económica e financeira dada a situação no continente africano. Mas não seria ilusório, em África mais do que em qualquer outro lugar, querer desligar a economia da política, tanto esses dois domínios estão profundamente interligados?

Finalmente, parece-me importante sublinhar o risco político ao qual se expõe qualquer pessoa que queira reflectir sobre as instituições políticas africanas. A personalização excessiva do Poder e a extrema susceptibilidade dos regimes, que não toleram qualquer crítica, fazem com que a «política» seja um tema perigoso em África.

Sincretismo jurídico

É, assim, que se explica tanto a inanição da vida política africana como o silêncio dos seus politólogos. A despolitização generalizada das populações, acrescida à censura e ao autoritarismo exercidos pela classe política, acabaram por resultar num verdadeiro imobilismo político.

Para sair desta situação, não será altura de os dirigentes africanos se empenharem na via das reformas institucionais, no sentido da democracia?

Os partidos únicos africanos destinavam-se, originalmente, a ter uma existência transitória. Com efeito, o seu papel devia apagar-se à medida que se fortalecesse a consciência nacional. Mas é forçoso constatar, um quarto de século após o seu aparecimento, que esses partidos não foram fiéis nem à sua vocação integradora, nem ao seu carácter propedéutico.

No primeiro ponto, o abismo não deixou de se cavar, um pouco por todo o lado, em África, entre a exigência da unidade nacional, que se manteve no domínio das puras intenções, e a prática quotidiana, que se alimenta do tribalismo e do regionalismo, ao mesmo tempo que os fomenta. É, assim, que, nos regimes monopartidários africanos, a distribuição dos cargos políticos e administrativos obedece a uma dosagem que privilegia os equilíbrios étnicos e regionais sobre os critérios de competência.

É manifesto que os regimes de partido único africanos não são, apenas, cegos às mutações sócio-económicas e às evoluções intelectuais que se desencadearam no seio das respectivas sociedades, desde a sua independência. Estão, também, totalmente desfazados da situação económica e política internacional. E o hiato que se observa, hoje, na maioria dos países africanos, entre o paternalismo de um discurso oficial ultrapassado e as exigências de pluralismo de uma juventude cada vez mais esclarecida, traduz um profundo divórcio entre a classe política e a sociedade civil.

O sincretismo jurídico das Constituições africanas - que incluem, numa amálgama, elementos do presidencialismo americano, do sistema francês de 1958 e do constitucionalismo soviético - confirma amplamente esta feudalização da função presidencial. Assim, foi-se buscar ao sistema americano o princípio da eleição por sufrágio universal directo de um presidente que detém, pessoalmente, a totalidade do Poder executivo. Mas esta fórmula só é formalmente acompanhada pelas restrições que limitam os poderes do chefe do Executivo americano. Do parlamentarismo francês nascido da Constituição de 1958, os regimes africanos conservaram os amplos poderes do Executivo. Mas ignoram, em geral, as prerrogativas dos outros poderes, nomeadamente do Parlamento, reduzido a uma simples câmara de eco.

Os sistemas monopartidários africanos situam-se nos antípodas do Estado de direito. Desprezando, simultaneamente, o equilíbrio dos poderes e a hierarquia das normas jurídicas, constituem não apenas a antítese da democracia mas, também, do sistema comunitário tradicional negro-africano, do qual, no entanto, reclamam a herança.

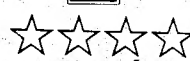
Emmanuel Nitoutoume N'Dong*

Exclusivo «Le Monde»/DL
Tradução de Isobel Joyce

* Antigo aluno da Escola Nacional de Administração de Paris



ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE

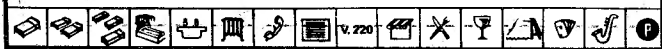


VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



INTERNACIONAL

Com a questão palestina no centro das atenções

Cimeira de Bagdad revela desunião árabe

À primeira vista não há motivos para que os países árabes se apresentem desunidos numa cimeira que vai discutir uma questão sobre a qual as suas posições são convergentes. No entanto, a cimeira extraordinária de Bagdad, que teve início esta manhã para discutir o problema palestino e a imigração maciça de judeus soviéticos para Israel, conta com ausências importantes, sobretudo dos presidentes do Líbano e da Síria. Até à última hora, o coronel Kadhafi esteve em Damasco a tentar convencer Hafez Assad, mas as fortes inimizades deste com o Iraque falaram mais alto.

Para além de Hafez Assad e Elias Hrawi, do Líbano (que justificou a ausência pelo facto da grave situação do seu país não estar na agenda), não foram a Bagdad, o Rei Hassan II do Marrocos, o presidente da Argélia, Chadli

Benyedid e o chefe de Estado de Omã, o sultão Qabus Bin Said. No entanto, estes três últimos mandaram representantes.

Embora estejam presentes quinze dirigentes árabes e o líder da OLP, Yasser Arafat, a cimeira parece comprometida com esta ausência de dois dos países que mais directamente estão relacionados com o problema palestino, Síria e Líbano. Qualquer comunicado final conjunto sem a assinatura de Assad não terá a mesma força.

A cimeira extraordinária de Bagdad, cujo tema genérico é o exame de «ameaças contra a segurança nacional árabe», foi inicialmente convocada pelo presidente iraquiano Saddam Hussein, na sequência dos acontecimentos que levaram a execução do jornalista Bardzof e à troca de ameaças com Israel, depois que se soube da existência

do poderio atómico do Iraque.

Arafat em grande plano

Posteriormente, com a confirmação de um grande fluxo de judeus soviéticos para Israel (segundo números oficiais, até 1995 chegarão ao país cerca de 850 mil imigrantes) e o temor que se venham a instalar nos territórios ocupados, a questão palestina tornou-se o principal ponto da agenda. Esta nova colonização israelita, segundo os árabes, afastaria completamente qualquer possibilidade de criação de uma pátria palestina.

Quando há uma semana se deu o massacre de oito operários palestinos, a Intifada voltou em força, com o exército israelita a reprimir violentamente os manifestantes, provocando mais 18 mortos ao longo da semana. Estes acontecimentos levaram à convocação de uma reu-

nião de emergência do Conselho de Segurança da ONU, onde, pela primeira vez, Arafat esteve presente. Esta vitória pessoal do líder da OLP terá contribuído decisivamente para que o problema da «segurança nacional árabe» se desviasse do Iraque para a Palestina.

Não por acaso os trabalhos da cimeira têm como segundo ponto da ordem do dia - logo após ao primeiro que diz respeito à «evolução da situação nos países árabes em função das mudanças na cena internacional vistos sobre o ângulo da segurança nacional árabe» - os «desenvolvimento da causa palestina e do conflito árabe-israelita». Só no terceiro se inclui «as ameaças contra o Iraque, a Líbia (...) assim como o direito dos árabes a terem acesso à ciência e a tecnologia».

Redacção «DL»/AFP

Situação nos territórios ocupados

Recolher obrigatório levantado parcialmente

O exército israelita levantou o recolher obrigatório em várias cidades e campos de refugiados na faixa de Gaza e Cisjordânia, afimaram ontem fontes militares à agência France Presse.

O recolher obrigatório foi imposto durante um semana, na sequência do caso Rishon Zion, em que um cidadão israelita matou oito palestinos, provocando uma vasta onda de agitação nos territórios ocupados, de que resultou a morte de mais 18 pessoas e 900 feridos.

Apesar do levantamento do recolher obrigatório em vários locais a situação permanece bastante ainda bastante tensa. Gaza, onde residem 650 mil palestinos, permanecem ainda área sobre controlo militar o que impede o acesso ao local de qualquer pessoa que não seja residente. Situação idêntica é a que se verifica em Naplouse, considerado um dos centros de maior resistência palestina. A decisão do exército surge um dia depois de 20 mil manifestantes terem desfilado pelas ruas de Telavive, condenando a violência entre árabes e israelitas, ao mesmo tempo que exortaram o Governo a desenvolver esforços para alcançar a pacificação da região.

«Não culpem todo o povo de Israel, nem mesmo a direita pelos massacres, mas culpem sim o Governo pelo impasse no processo de paz, e nós próprios por não intensificarmos a luta pela paz», afirmou Amós Oz, escritor e o principal orador no comício efectuado após a marcha pelas ruas de Telavive.

Entretanto, o secretário-geral do Partido Trabalhista, Mija Jarish, afirmou que não está posta de parte uma nova coligação com o Likud do primeiro-ministro Yitzhak Shamir, caso este aceite levar por diante o processo de paz na região e dialogar com os palestinos. Em troca da aceitação por parte do Likud destas condições, os trabalhistas afirmam-se dispostos a levantar a exigência, feita até aqui a Yitzhak Shamir, ou seja a de responder favoravelmente às propostas de Washington.

Redacção DL/AFP/Lusa

B R E V E S

Coligação de Assad ganha eleições sírias

A coligação no Poder é a grande vencedora das eleições legislativas que se realizaram terça e quarta-feira da semana passada na Síria. Segundo os resultados oficiais anunciados ontem à tarde pelo ministro do Interior, Mohamad Harba, a Frente Nacional Progressista (FNP) - coligação no Poder que integra sete partidos, liderado pelo partido Baas do Presidente Hafez Assad - obteve a totalidade dos 166 lugares no Parlamento, que lhe tinham sido reservados por decreto presidencial. Os «independentistas» ocuparam os restantes 84 lugares.

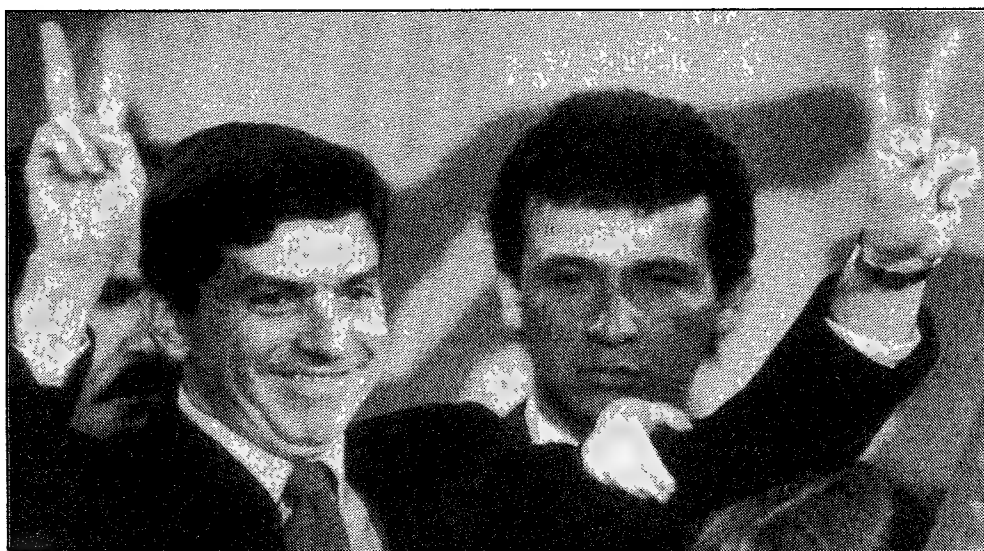
Walesa chega a acordo com os grevistas polacos

O líder da central sindical polaca, «Solidariedade», Lech Walesa, utilizou a sua influência pessoal para obter a suspensão de uma greve no sector ferroviário prevista para hoje, na Polónia. Um acordo assinado esta madrugada, apela ao Governo para rever as exigências dos grevistas sobre aumentos salariais e reformas no sistema ferroviário. Este é considerado um passo importante no processo negocial entre o ferroviários e o Governo, que afirmou não estar disposto a dialogar com os trabalhadores sob a ameaça de uma greve. A solução encontrada ontem poderá contribuir igualmente para a distensão do clima social vivido na Polónia durante os últimos dias e que se reflectiu através de um larga abstenção nas eleições locais que ontem se realizaram no país, as primeiras totalmente livres desde os últimos 50 anos.

Bomba explode no centro de Luanda

Uma bomba de média potência explodiu ontem à noite num edifício situado na avenida principal de Luanda, provocando avultados prejuízos materiais. Segundo a polícia angolana, o explosivo foi colocado num dos elevadores do edifício onde estão os serviços da única companhia de seguros angolana, a ENSA, assim como da companhia de navegação Intertransit. O edifício encontra-se situado a 50 metros do ministério do Interior e da embaixada de Espanha. Esta é a segunda deflagração registada nos últimos seis meses na avenida 4 de Fevereiro, no centro de Luanda e a sexta verificada na capital angolana em menos de um ano. O atentado ainda não foi reivindicado mas as autoridades angolanas têm atribuído a responsabilidades destas acções à Unita.

Redacção DL/AFP/Reuter/Lusa



César Gaviria, com a sua filha pendurada no braço esquerdo, festeja a vitória

Gaviria obtém vitória retumbante na Colômbia

O candidato do Partido Liberal, o economista César Gaviria, de 43 anos de idade, obteve uma vitória retumbante nas eleições de ontem, na Colômbia, com quase 50 por cento dos votos. A grande surpresa das eleições ficou por conta dos segundo e terceiro candidatos mais votados, respectivamente, o conservador dissidente Álvaro Gomez, cujo recém-criado Movimento de Salvação Nacional ficou com cerca de 25 por cento dos escrutínios, e o ex-guerrilheiro António Navarro, do M-19, com quase 13 por cento.

Rodrigo Lloreda do Partido Conservador (agora chamado Social-Conservador), com pouco mais de 12 por cento, foi o grande derrotado, já que o seu partido, que se reveza com os liberais

no poder desde a independência, em 1820, não foi além do quarto lugar, perdendo para o dissidente Álvaro Gomez o estatuto de segunda força política.

Não obstante as repetidas ameaças e a violência na campanha (desde o início do ano foram assassinadas duas mil pessoas), as eleições foram mais pacíficas do que se esperava, não se registando grandes incidentes. Mesmo assim, a polícia deteve seis sicários dos barões da droga com mais de uma tonelada de dinamite que pretendiam atacar várias assembleias de voto.

No entanto, no sudoeste da Colômbia, morreram pelo menos 13 pessoas em ataques dos guerrilheiros das pró-castristas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

(FARC) a centros de votação.

O outro movimento guerrilheiro do país, o M-19, desistiu da luta armada e, embora o seu candidato Carlos Pizarro tenha sido assassinado pelos narcotraficantes, o seu substituto António Navarro (que perdeu uma perna em 1985 na explosão de uma granada) conseguiu uma grande vitória não só firmando o seu movimento como a terceira força política legal, como com o resultado do plebiscito, também ontem realizado, em que 93 por cento dos colombianos disseram sim a uma nova Assembleia Constituinte que irá elaborar uma nova carta para o país, eliminando os «vícios» incluídos na actual.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Miguel Trovoada de regresso a Lisboa

O antigo primeiro-ministro são-tomense, Miguel Trovoada, vai ter de correr se quiser chegar a tempo de se candidatar às primeiras eleições presidenciais directas em São Tomé e Príncipe. O prazo de candidatura termina no próximo dia 30, ou seja no preciso dia em que Miguel Trovoada irá chegar a São Tomé caso consiga apanhar o voo da TAP que normalmente se realiza às terças-feiras.

Miguel Trovoada decidiu deixar Cabo Verde e regressar hoje a Lisboa depois de alguns dias à espera que o avião da TAAG, companhia aérea angolana, o levasse de volta ao seu país. Na sexta-feira, Miguel Trovoada teve conhecimento que o voo que o devia levar de regresso a São Tomé, depois de nove anos de exílio, não se efectuaria. Não foram dadas justificações para o facto.

tripulação alegou razões de cansaço. Miguel Trovoada terá pois decidido regressar a Lisboa onde, amanhã haverá um voo directo para São Tomé e Príncipe. Sectores da oposição são-tomense, próximas de Trovoada, afirmaram ao DL que tanto o Governo de Luanda como o do Presidente Pinto da Costa estavam por detrás do «atraso» do voo das linhas aéreas angolanas.

QUOTIDIANO

O maquinista diz ter tentado travar, enquanto um responsável da CP põe hipótese de «falha humana». A comissão de inquérito analisa «caixa negra» e tem 48 horas para apresentar conclusões

Tragédia na linha de Sintra com choque de comboios

A violência do embate quebrou praticamente a meio a primeira carruagem do comboio que, saído do Cacém pelas 8h19, embateu na composição que a precedia e que, tendo partido de Sintra pelas 7h59, se encontrava parada na estação de Cruz da Pedra. Faltavam 15 minutos para as 9 horas e as duas composições encontravam-se cheias. Falha provável, segundo afirmou o maquinista, o facto dos travões não terem obedecido, embora os tivesse accionado.

A circulação, naquela zona, faz-se normalmente «à vista», já que os funcionários da CP sabem não só ser per-

mamente o grande movimento e que a sinalização luminosa é vista com grande dificuldade, devido não só a sua localização, como devido ao reflexo do sol. Em contrapartida, Soares Lopes, director-geral da CP, afirmou que a causa do acidente poderá ter sido falha humana.

Como justificação, deu a informação de que o comboio proveniente do Cacém havia saído da estação de Benfica com sinal verde, que depois passou progressivamente a amarelo e vermelho. Poderá não haver contradição nas afirmações, já que o próprio maquinista garantiu, antes de ter sido colo-

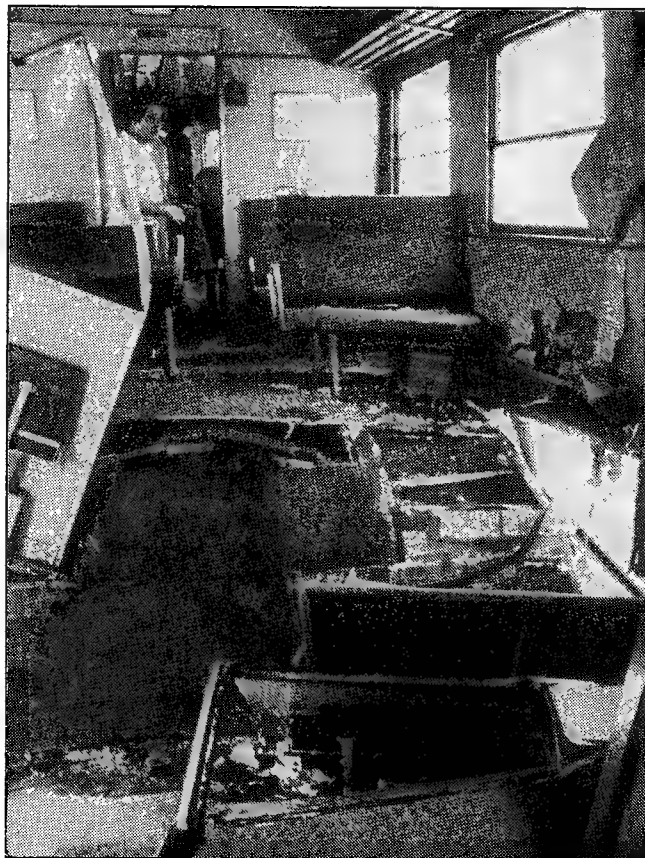
cado incontactável, vir a baixa velocidade e ter tentado travar.

Logo a seguir ao embate gerou-se grande confusão entre os passageiros, a tentarem escapar das carruagens, muitos sem saberem concretamente o que havia acontecido. Os primeiros feridos começaram a ser retirados por outros passageiros, num local onde os taludes tornam o acesso difícil. Pouco depois começaram a chegar as primeiras ambulâncias que, em pouco tempo, afluíram ali em grande número, havendo indicações de que teriam sido cerca de 50 as viaturas envolvidas no transporte dos sinistrados.

Socorro rápido

Entre avisos de calma, por parte de uns quantos passageiros que conseguiram manter ou recuperar o sangue frio, e os gemidos de feridos e magoados, começaram a ser vistos os casos mais graves, muitos deles assistidos no local pelos bombeiros e pessoal para-médico presentes.

Em breve se estabeleceu um circuito rápido de ambulâncias para, em primeira fase, retirar os sinistrados para o Hospital de Santa Maria e, posteriormente,



Vidros partidos, bancos soltos e muito sangue no chão traduzem a violência do embate

para o de São José, colocado de prevenção. Um jovem na casa dos 20 anos constituía um dos casos mais preocupantes, tendo-lhe sido ministrados não só os primeiros socorros para estancar a hemorragia, como também oxigénio, já que parecia haver paragem cardíaca.

Refira-se que, uma hora depois do acidente, o comandante da força de protecção civil da CP afirmava ao DL não poder adiantar

nada, nem quanto a causas, nem quanto a números de sinistrados, já que «a sua primeira preocupação era fazer seguir os feridos para os hospitais». Qualquer informação era difícil de recolher já que, à semelhança de outros casos, a comunicação social era remetida para as Relações Públicas da empresa.

Logo depois do embate juntaram-se muitas centenas de pessoas, quer pas-

sageiros, alguns deles em estado de choque, quer moradores na zona ou passantes, que tentavam saber e ver o que acontecera. Não fosse a eficiente intervenção dos agentes da PSP, o caos seria completo. Caos esse que acabou por se verificar entre Benfica e Sete Rios, para onde foi desviado todo o trânsito automóvel.

O vaivém de ambulâncias, muitas delas com batedores da PSP, contribuiu para dar um maior ar de drama ao acidente e causou mesmo alguns choques nervosos a pessoas que, tendo acabado de sair ilesas, se aperceberam, gradualmente, do que acontecera. Foi, também, a corrida a todos os telefones das proximidades, com centenas de pessoas a tentarem avisar familiares e para os empregos do que se passava. E, enquanto pouco antes, passageiros haviam cortado a linha, em Campolide, em Cruz da Pedra o acidente fazia esquecer as queixas desses utentes.

Conforme informou posteriormente a CP, foi feito um teste de alcoolemia ao maquinista, com resultados negativos. Resta aguardar pelo resultado do inquérito já mandado fazer, estando a comissão de três elementos a analisar a «caixa negra» do comboio. Têm um prazo de 48 horas para apresentar conclusões.

Duas horas depois a circulação, entre Lisboa e Sintra, tinha sido restabelecida.

A.H.



Esta senhora foi o último passageiro a ser retirada do comboio, evidenciando lesões na coluna

Choros e gritos em Santa Maria

Um morto e perto de 300 feridos

Duas horas depois do choque de comboios, ocorrido esta manhã no apeadeiro da Cruz da Pedra, surgia o primeiro balanço: uma morta e 263 feridos. A maior parte foi evacuada para o Hospital de Santa Maria, onde até às 11 deram entrada 120 pessoas, mas apenas 30 a 40 ficaram internadas. O Hospital de S. José recebeu 78 acidentados e um morto, uma senhora de 80 de anos, que não foi possível identificar e que terá sucumbido, provavelmente, devido a um colapso. Para S. Francisco Xavier foram levadas mais 22 pessoas e para o Hospital da Cruz Vermelha três.

Contudo, dado o estado de alguns feridos prevê-se que possam vir a registar-se mais mortes. Em Santa Maria, até esta hora, tinham entrado duas pessoas «em estado considerado muito grave, uma dos quais, um jovem do sexo masculino com uma rotura na parede abdominal» - referiu ao DL o director do Serviço de Urgência daquele hospital, Soares da Costa. O outro, não foi possível identificar bem como aos dois feridos em estado «medianamente crítico», com traumatismos vários. Aos restantes foram diagnosticadas várias fracturas.

Entretanto, o Instituto Nacional de Sangue lançou já um apelo à população de Lisboa para que doe sangue nos hospitais de Santa Maria, S. José, S. Francisco Xavier, Santa

Cruz e Egas Moniz. No Hospital de Santa Maria a confusão era total esta manhã. As ambulâncias chegavam e os feridos eram transportados de imediato para o interior do banco, em macas. Nos corredores, os atropelos eram muitos e as senhoras do guichet de informação não chegavam para os pedidos.

O átrio do banco estava cheio de gente. A situação estava difícil de controlar e foi o próprio director do Serviço de Urgência, Soares da Costa, que veio pedir às pessoas que se afastassem e facilitassem o trabalho dos técnicos de saúde. Entre choros e gritos pais, mães, filhos, amigos e vizinhos, procuravam os seus familiares, mas sempre com a esperança de não os encontrarem naquele local. Nem todos tiveram essa sorte. Uma senhora, de cerca de 40 anos, procurava o filho que tinha apanhado o comboio no Cacém para vir para a escola. Tem 22 anos e estava lá, com algumas fracturas expostas. Chorava, mas ficou aliviada por o saber fora de perigo. Maria de Lurdes já tinha ido ao Hospital de S. José. Estava no emprego quando soube do acidente. A sua mãe costumava apanhar o comboio em Queluz todos os dias àquela hora. Pelo nome não lhe souberam dizer se estava internada ou não. «Já não sei o que fazer. Só espero que não esteja em nenhum hospital» - dizia-nos não conseguindo esconder o seu nervosismo.

A.M.I.



Um dos feridos quando era transportado do comboio para uma das ambulâncias, que prontamente ocorreram ao local



Eurico Vasconcelos

A primeira carruagem da composição que provinha do Cacém «afocinhou» no comboio de Sintra que estava parado

Em Campolide

Corte de linha antecedeu embate

Um corte na linha de Sintra por passageiros que aguardavam transporte em Campolide poderá ter estado na origem, embora indirecta, do choque de comboios em Cruz da Pedra, afirmaram à agência Lusa fontes da CP. As mesmas fontes disseram que cerca das 8.20 horas da manhã alguns passageiros que em Campolide aguardavam a ligação com Braço de Prata, através da linha de cintura, cortaram a via em sinal de protesto pela falta de comboio.

Esse corte afectou a circulação normal dos comboios que, vindos de Sintra e do Cacém e se dirigiam para o Rossio, tiveram que abrandar e parar antes de chegarem a Campolide. Vinte minutos depois de ter início o corte da linha pelos passageiros, uma composição vinda de Sintra para Lisboa e que se encontrava parada na estação de Cruz da Pedra seria abalroada por trás por outra que seguia no mesmo sentido. Técnicos da CP disseram à Lusa que, embora possa existir uma relação indirecta entre os dois incidentes, não se pode explicar o embate apenas por esse motivo, já que existe sinalização luminosa na linha que previne os maquinistas quando à sua frente está outro comboio parado.

B R E V E S

Inquérito sobre transportes visa melhorar circulação

Destinado a encontrar as soluções mais adequadas para melhorar as condições de circulação, tendo em conta as necessidades e desejos dos utentes, iniciou-se, hoje, um inquérito nacional de transporte promovido pelo Ministério dos Transportes. A consulta é efectuada pela Junta Autónoma das Estradas em colaboração com a Brisa e a GNR, baseando-se em entrevistas directas a condutores e passageiros, sobre origem e destino do percurso, motivo da viagem e escolha do meio de transporte. Durante o inquérito, que termina na primeira semana de Junho, parte dos veículos em circulação será mandada parar junto a postos implantados nas estradas e auto-estradas.

Funcionários de universidades reúnem-se em Évora

Mais de seis centenas de pessoas participaram, no passado fim-de-semana, em Évora, no XX Encontro das Universidades Portuguesas. Funcionários e colaboradores das instituições de ensino superior público do norte ao sul do País afluíram à cidade de Évora, onde decorreu o seu encontro anual de confraternização e convívio, que teve a participação de ranchos folclóricos e grupos de música popular.

Dia Nacional do Bombeiro comemorado em Setúbal

Um desfile de mais de meia centena de viaturas das corporações de bombeiros do distrito de Setúbal e de cerca de 300 bombeiros apeados marcou, ontem, o fim das comemorações do Dia Nacional do Bombeiro. Cerca de três mil pessoas assistiram ao desfile.

Chiado assinala o Dia do Turista

O Dia do Turista, que hoje se comemora, é objecto de especial atenção na zona do Chiado, em Lisboa, onde é festejado há mais de 25 anos. A direcção da Associação de Valorização do Chiado, que promove as comemorações no local, considera que a data deve merecer todo o realce pelos benefícios que o turista traz ao País e, principalmente, ao comércio.

Aumento de garagistas atinge 13 por cento

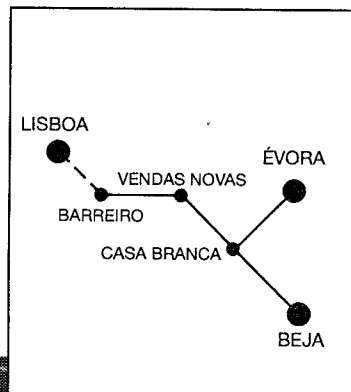
Um aumento salarial de 13 por cento para os trabalhadores das garagens, estações de serviços, parques de estacionamento e postos de abastecimento de combustíveis foi acordado entre a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços e os representantes das entidades patronais.

Peregrinos estrangeiros em Fátima

Trinta e cinco peregrinações, quinze das quais de diversas paróquias e dioceses de Lisboa e nove vindas da Polónia, Espanha, Itália e Estados Unidos, participaram, ontem, nas celebrações do último domingo de Maio, no Santuário de Fátima.

ÉVORA/BEJA ↔ LISBOA

Intercidades a opção mais prática



rapidez-conforto-preços reduzidos

Serviços Intercidades CP - para que o Alentejo fique mais perto.

Évora e Beja contam com uma opção de transporte rápida, confortável e a preço reduzido - Évora: 700\$00 - Beja: 800\$00.

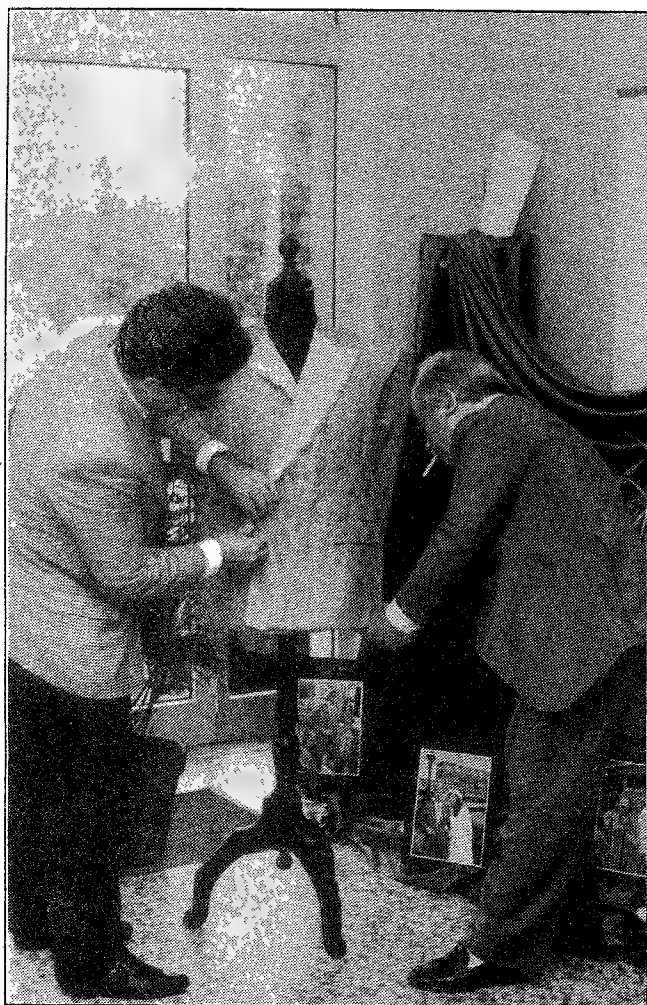
Horários que respondem às suas necessidades e a comodidade de poder reservar o seu bilhete e o seu lugar marcado, com até 10 dias de antecedência.

Intercidades
ir e voltar no mesmo dia

CP Caminhos de Ferro Portugueses

Um estatuto do artesanato e uma escola de alfaiataria são os dois instrumentos com que os peritos portugueses na tesoura e na agulha pretendem sustentar o declínio do seu ofício, impondo as vantagens que ele tem sobre a impessoalidade do pronto a vestir

Mestres-alfaiates declaram guerra às jeans



Verificando o contributo da tecnologia

Cento e poucos alfaiates estiveram este fim - de - semana reunidos em Coimbra, com um objectivo que se exprime em poucas palavras: impedir que a sua arte pereça.

A apreensão não pode parecer descabida a quem tenha ouvido as intervenções produzidas neste II Encontro Nacional dos Alfaiates Portugueses, nomeadamente quando se quantificou o declínio dos profissionais do ramo.

De cerca de 6000 mestres-alfaiates passou-se, desde o 25 de Abril até hoje, para 1200, e se se verifica agora uma certa reanimação da actividade, com a recuperação do gosto alargado pelo fato à medida, o caso é que ela não poderá prosperar sem que do Poder Central dimanem algumas iniciativas, com a da criação de um estatuto do artesanato

em primeiro lugar. Pelo menos, foi esta a reivindicação mais insistentemente formulada pelos participantes na reunião.

Um estatuto do artesanato, inspirado no que já vigora em vários países europeus, redundaria para estes profissionais no alívio de tributações fiscais que os estrangulam, como o IVA, e que roubam a esta opção profissional, presentemente, qualquer atractivo.

Arnaldo Santos, um alfaiate de Coimbra ligado à organização do Encontro, acentuou este aspecto em declarações ao «DL», lembrando que um fato clássico, que não demora menos de uma semana a fazer, importa hoje em 80 contos, aproximadamente, dos quais o IVA subtrai mais de 15.

Já sumariamente exposta aos ministros da Administração Interna, Manuel Pereira, e do Emprego, Silva Penada, a reivindicação terá merecido um acolhimento que Arnaldo Santos considera encorajador, pelo que os alfaiates reunidos em Coimbra deliberaram que se constituísse uma comissão com vista a novas e mais formais diligências.

Mas se o apoio oficial à actividade é condição da sua sobrevivência face à guerra sem quartel que lhe move a indústria do pronto a vestir, a iniciação de jovens no ofício também é indispensável, segundo o mesmo profissional.

Outro organizador do Encontro, o lisboeta Armindo Bártolo, defende a criação de uma escola de alfaiataria, referindo o exem-

plo da Áustria, onde os mestres-alfaiates se formam após quatro anos de aprendizagem nesse tipo de estabelecimento, de um de estágio e da sujeição a um exame final.

Presentemente inscritos, para efeitos legais, na Associação de Profissionais da Indústria de Vestuário, os alfaiates portugueses pretendem o reconhecimento da sua actividade como estranha ao sector industrial e por ele insubstituível.

«Toda a gente tem os seus pontos fracos, os seus complexos» - observa Armindo Bártolo, que vê nessa lei da vida o segredo e a força da alfaiataria artesanal, que atenua ou disfarça as imperfeições físicas de cada um.

Para Bártolo, a alfaiataria é por isso mesmo uma actividade aliciante, em que a relação que se estabelece entre o profissional e o cliente tem algo de semelhante à que liga as pessoas ao seu médico de confiança.

«Um bom alfaiate alarga os ombros de quem não gosta de os ter estreitos» - diz - «alonga as pernas curtas, reduz as barrigas excessivas...»

Para José Campos não é só o amor-próprio individual que tem a ganhar com a opção pelo vestuário artesanal, pois este acaba por sair mais em conta.

«As peças pronto-a-vestir» - sustenta - «são cosidas no limite do tecido, pelo que não têm emenda. Duram três, quatro anos, no máximo. Mas um bom fato pode ser reparado se o seu proprietário engordar ou emagrecer, o que o torna

muito mais duradouro».

As vantagens não são assim só para o consumidor, como para a economia em geral, segundo José Campos. É essa realidade que tornará os profissionais do ramo credores das imunidades fiscais por que se batem.

Sem elas, porém, é ideia dominante entre os alfaiates que se reuniram em Coimbra que a actividade estará condenada, pois cada vez se torna menor a sedução que exerce sobre os jovens, traduzida no desaparecimento quase total de aprendizes.

«Enquanto cá vivi, nem para comer ganhava» - gritou a dada altura da reunião um participante - «Se quis governar a vida, tive de emigrar» - acrescentou, dando testemunho de uma atitude que muitos alfaiates portugueses têm tomado, rumando para países como a França, onde a sua especialização é apreciada e remunerada condignamente.

Além das diligências para sensibilizar o Poder Central para os seus principais problemas, os alfaiates portugueses tomaram também resoluções visando o estreitamento dos seus laços corporativos, entre os quais o Encontro de há dois anos, em Viana do Castelo, e o deste fim - de - semana, se inserem. Acertou-se já na realização da reunião do próximo ano em Lisboa, e, daqui por dois anos, no Porto, aí então com a superior dignidade de Congresso Ibérico.

F. B. S.



CÂMARA MUNICIPAL DE ALANDROAL

CÓDIGO POSTAL 7250 — TELEFS. 441 50/442 90

ANÚNCIO

**PLANO DIRECTOR MUNICIPAL
CONCURSO DE PRÉ-QUALIFICAÇÃO**

A Câmara Municipal de Alandroal na sua reunião ordinária de 16-05-90 deliberou mandar elaborar o Plano Director Municipal, de acordo com o Decreto-Lei n.º 69/90 de 2 de Março.

1. Podem concorrer ao presente concurso de pré-qualificação as equipas projectistas, gabinetes ou sociedades de estudos e projectos, habilitados a exercer a actividade de planeamento territorial e urbano.

2. O concurso destina-se à selecção de equipas para posterior elaboração de propostas de acordo com o programa de concurso do Plano Director Municipal a fornecer às equipas seleccionadas.

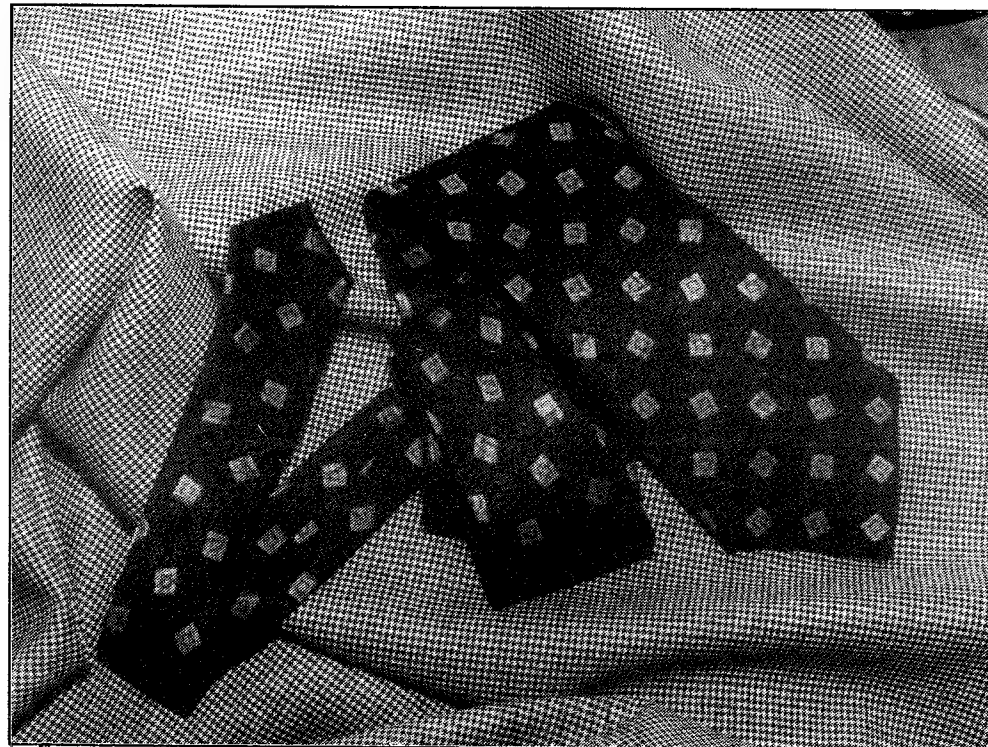
3. O concurso assenta numa avaliação curricular dos concorrentes que deverão indicar:

- designação e sede social da empresa
- «curriculum» na área do planeamento urbanístico
- número de trabalhadores a tempo inteiro
- constituição da equipa e ficha técnica
- razão social do consórcio (se for o caso)

4. As inscrições para o presente concurso de pré-qualificação deverão dar entrada, até ao dia 30 de Junho de 1990, e dirigidas a:

Câmara Municipal de Alandroal — Praça da República — 7250 Alandroal.

O Presidente da Câmara
Inácio José Melrinho



Um ornamento que regressa ao uso: a gravata

QUOTIDIANO



Verificando o contributo da tecnologia

Dois artesãos, dois destinos

Se houve sectores profissionais para os quais o 25 de Abril constituiu um inesquecível abalo, o dos alfaiates está na primeira linha. Dos muitos com quem falei, neste seu encontro de Coimbra, nenhum deixou de balizar a biografia com o desabamento da ditadura, que lhes dividiu a existência em fases distintas, como as glacializações alteraram a vida na Terra.

«Bem vê» -- explicou-me José Campos, um profissional do ramo que, antes do pronunciamento dos capitães, tinha uma alfaiataria próspera nas Avenidas Novas -- «a minha clientela era toda de gente rica...»

E não só rica. Gente ligada ao regime. De modo que, de um dia para o outro, desamparam-lhe a loja, onde tinha dezóito pessoas a trabalhar.

«Ainda esperei dois anos

que voltassem do Brasil» -- continua -- «mas ao cabo desse tempo tive de me resignar a fechar a casa e a procurar emprego».

Mas o êxodo dos grandes beneficiários do salazarismo não explica totalmente a intensidade do terramoto que o 25 de Abril representou para estes pacatos artesãos. Pior do que isso foi a alteração, temporária mas radical, que introduziu nos hábitos de vida dos portugueses, em particular no seu vestir.

«Quem» -- interroga-me outro mestre-alfaiate, Manuel Rebelo -- «é que queria aparecer naquele tempo de bom fato e gravata?»

Foi uma época de ouro para o pronto-a-vestir. As jeans e os blusões tornaram-se o vestuário de toda a gente, desde os que se empenhavam em fazer a Revolução até os que, prudente-

mente, se despiam do que pudesse ser encarado como insígnias dos adversários dela, não fosse ela vencer e trucidá-los.

«Foi um grande tombo» -- comenta Manuel Rebelo, que, embora não tenha tido de fechar a porta, como o seu colega, confessa que se viu constrangido a dispensar boa parte do pessoal.

Para ele, porém, o período das vacas magras encerrou-se há uns dez anos. Nascido numa família pobre da Guarda, com a terceira classe como habilitações, gaba-se de ter subido a vida a pulso, pagando a um mestre para melhor aprender o ofício, e hoje, aos 65 anos, tem um estabelecimento nos arredores de Lisboa, onde se divide pela alfaiataria e o comércio de pronto-a-vestir e lanifícios. Tem um ídolo: Salazar, o homem que ele diz que, através do exemplo, lhe

galvanizou a capacidade de trabalho. E um rancor perene: o dia em que a tropa saía à rua para lhe outorgar direitos que dispensava e causar prejuízos que não merecia.

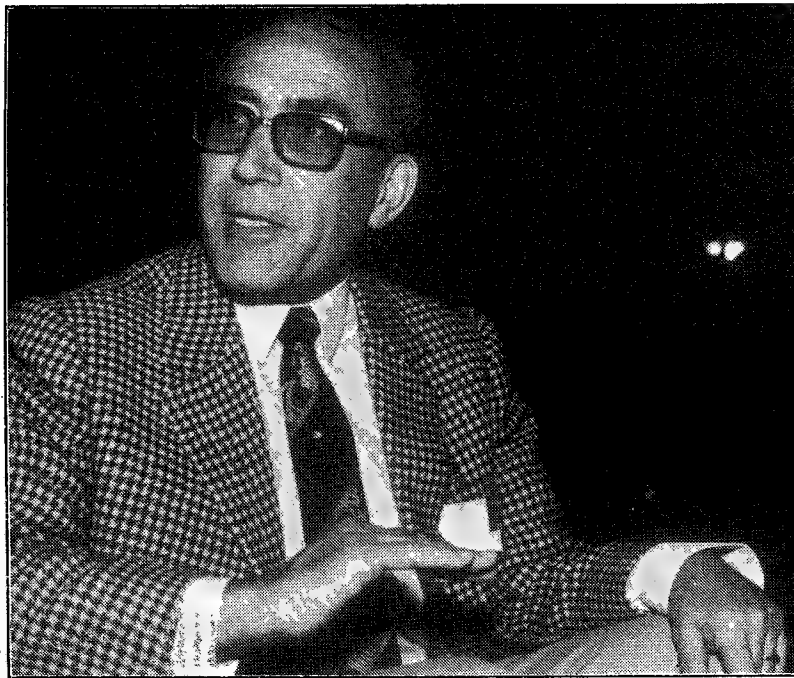
Já o percurso de José Campos foi diferente. Filho de lisboetas, pessoas com outros recursos, a vida correu-lhe sempre no sentido ascensional até ao dia fatídico, que lhe selou o destino de uma velhice de aperto financeiro, na função pública, onde, apesar de trabalhar no ofício em que é especialista, nem a categoria de técnico lhe é reconhecida. Mas fala-se-lhe nele, no tal dia, e a voz prende-se-lhe, comovida.

«Foi um desastre para mim, pessoalmente. Mas para todos nós foi... foi estupendo!»

F.B.S.



José Campos



Manuel Rebelo

Maquinistas: direcção sindical acusa elementos suspensos

A direcção do Sindicato dos Maquinistas da CP (Smaq) acusou os três dirigentes suspensos em assembleia-geral de apostarem «na cedência total ao Conselho de Gerência» da empresa. A afirmação consta dum comunicado que constitui resposta às acusações que foram dirigidas aos membros da direcção pelos referidos elementos.

O comunicado sublinha que «cessaram a actividade sindical a tempo inteiro» três elementos da direcção -- um chefe de depósito e dois inspectores de tracção -- e que na assembleia foi dado «voto de confiança aos membros que passarão a constituir a direcção a tempo inteiro para a condução do conflito que opõe o Smaq ao Conselho de Gerência da CP».

Nesse sentido, foi igualmente decidido não fazer a abertura do processo eleitoral, «para evitar que tal situação pudesse vir a servir os interesses dos inimigos da classe e os intentos do Conselho de Gerência/presidente».

O comunicado da direcção alerta ainda os maquinistas para as «manobras que certamente serão desencadeadas por aqueles que, não aceitando as decisões dos órgãos próprios do Sindicato, nem reconhecendo os seus gravíssimos erros que puseram em causa a carreira no presente conflito, apostam na cedência total ao Conselho de Gerência e seu presidente, conforme tem vindo a fazer objectivamente desde Fevereiro de 90 e na partidização do Smaq, sem qualquer escrúpulo». A direcção considera que quem age assim, «no mínimo, representa clara traição à luta travada pelos maquinistas, aos seus anseios e dignidade profissional».

Referindo-se ao comunicado subscrito pelos elementos suspensos (que o DL divulgou na edição de quarta-feira passada) o Smaq apelida-o de «pirata», sustentando que foi elaborado na sede do Sindefer (UGT). Afirma ainda que o autor do texto foi «o sr. Fortunato, 'fazedor' de acordos com o presidente, seu apoiante incondicional». «Esta realidade é mais que óbvia -- aqueles elementos, suspensos de funções a tempo inteiro na direcção, procuram o apoio exactamente nos adversários do Smaq e dos maquinistas», acrescenta o comunicado da direcção.

Em declarações ao DL, Francisco Fortunato, secretário-geral do Sindefer, nega as acusações que lhe são feitas e ao seu sindicato, afirmando que «é mentira que o comunicado tenha sido feito por mim e na sede do Sindefer. A conclusão que tiro de tudo isto é que o que resta da direcção do Smaq, desgastada por meses e meses de greves e com eleições à porta, tenta arranjar bodes-expiatórios, querendo responsabilizá-los por uma certa imaturidade na forma como têm desenvolvido todo o seu processo de luta.»

Acrescenta: «Todo esta situação é triste pois, pela importância que tem na CP e no movimento sindical, o enfraquecimento do Smaq representa o enfraquecimento de todos os sindicatos».

Aquele dirigente recorda ainda que o seu sindicato «não assinou o AE da CP e quis manter o acordo de princípio com a gerência até à clarificação da situação na CP, exactamente para não prejudicar a luta dos maquinistas, como na altura afirmou publicamente. Só o muito respeito que tenho pelo Smaq me leva a não recorrer ao tribunal para repor a verdade».

E.A.

B R E V E S

CEE ajuda deficientes a encontrar emprego

Deficientes vão ter programas de formação profissional, de modo a facilitar-lhes o acesso ao emprego. As acções a desenvolver, até 1993, decorrem da aprovação, pela Comunidade Económica Europeia, de dois programas operacionais, destinados a 12 mil jovens e cinco mil adultos. Pretende-se, ainda, apoiar os empregadores para a contratação de deficientes. Anunciou o Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, Bagão Félix.

Pobres têm movimento de defesa e integração

O Movimento de Defesa e Integração dos Mais Pobres de Lisboa (MDI), criado recentemente, tem como objectivo sensibilizar a população para a situação dos lisboetas mais carenciados, segundo um comunicado que nos foi enviado. Este projecto inclui, naquele grupo, drogados, marginais e crianças mendigas. A sua filosofia integra-se nos princípios da doutrina social da Igreja Católica.

A questão da unidade política da Europa voltou ao centro das atenções quando no fim do mês passado dois dos dirigentes europeus mais influentes, Mitterrand e Kohl, divulgaram uma proposta conjunta em que pedem a aceleração do processo, num momento em que os países de Leste transformam os seus sistemas

A União Política Europeia

Álvaro Vasconcelos deu início ao debate defendendo a existência de uma identidade europeia no domínio da Defesa, para que, no centro da Europa, continue a haver uma força de estabilidade. Victor Sá Machado lembrou de imediato ser necessário precisar de que Europa se estava a falar, dado a velocidade com que as transformações estão a ocorrer. O director do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI) respondeu que será a Europa que «participa no processo de integração mais avançado, ou seja, a CEE».

«Na Europa do Atlântico aos Urais é preciso haver uma força estabilizadora onde os Estados tenham uma convergência entre si no domínio político e da Defesa». Segundo Álvaro Vasconcelos isso só pode ocorrer no núcleo constituído pelos países da CEE.

Para Victor Sá Machado quando falamos de Europa «temos que pensar em 1993, 1996, no ano 2000. Temos que saber o que é a dinâmica profunda do processo integrativo europeu. Quais são os elementos, os objectivos,

postos que, segundo Álvaro Vasconcelos «tem muita força na Alemanha».

«O resultado disso será cada Estado definir as suas questões de segurança tendo em conta o seu vizinho. A França, por exemplo, definirá a sua política de Defesa em relação à Alemanha e assim sucessivamente». No entanto, o director do IEEI não acredita que esse quadro baste para resolver as questões de segurança e de equilíbrio europeu. Para ele, como a NATO não parece estar em condições de resolver essas questões, a proposta Mitterrand-Kohl, «apesar de Mitterrand-Kohl, vai no sentido de agarrar em alguma coisa que existe e tem coesão e fazê-la avançar. O que não quer dizer que amanhã não venham a ser englobados outros países. O que não pode ser feito é dissolver a CEE na CSCE como, de certa forma, há quem proponha na Alemanha».

João Soares falou de seguida para situar a proposta Mitterrand-Kohl de uma comunidade política europeia (que, para ele, teve origem no chefe de Estado francês para, imedia-

melhor maneira de compensar os efeitos negativos da unificação».

Para este analista político, este esquema ainda em fase embrionária, está a enfrentar grandes críticas de diversos países comunitários, que ultrapassam as habituais

de alargamento dos países que participam do processo integrativo europeu, Sá Machado sublinhou que «se há algo que os meses mais recentes nos ensinaram foi que os acontecimentos estão a verificar-se com uma rapidez que não torna possível

mais do que uma união puramente económica. Ele tem como objectivo remoto, declarado ou não, a união política», concluiu Sá Machado.

Abordando os aspectos históricos da construção europeia no pós-guerra, a intervenção seguinte, do embaixador Calvet de Magalhães, lembrou que a pedra basilar de todo este processo foi a reconciliação franco-alemã, efectuada através da criação da Comunidade do Carvão e do Aço. Mesmo nessa altura, para um dos seus fundadores, Jean Monnet, o objectivo fundamental era a união política. Segundo o embaixador, «realizada essa reconciliação, procurou-se criar, talvez com demasiada ambição, o projecto de uma comunidade de Defesa. Esse projecto fracassou e foi substituído por outro, de comunidade económica. Agora estamos numa fase em que a comunidade económica avançou grandemente, estamos verdadeiramente perante um mercado comum e é natural, independentemente de todas as transformações que se estão a dar na Europa, que o projecto subjacente de unidade política surja como um novo passo que é preciso dar».

Para Calvet de Magalhães, a declaração Mitterrand-Kohl tem um significado simbólico muito importante que é a reafirmação da re-

Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, a Europa está no centro dos grandes acontecimentos mundiais

Jaime Gama



resistências da Grã-Bretanha de Margaret Thatcher. «O próprio Jacques Delors pôs-se numa posição que é: vamos mas é trabalhar muito mais intensamente as questões da união monetária, ou seja, da integração até 1992 - que isso sim é altamente prioritário - e enquanto, poderemos começar a estudar um esboço de unidade política».

João Soares diria também estar de acordo com as preocupações de Álvaro Vasconcelos sobre os problemas que esta convergência comunitária traria à NATO, que, segundo ele, já não responde aos problemas de estabilidade e Defesa da Europa depois dos acontecimentos de 1989. «O seu destino, a sua redefinição e o seu papel também têm que se enquadrar neste esquema».

A intervenção seguinte, de A Victor Sá Machado, também incidiu sobre a proposta Mitterrand-Kohl, que são «solidários na mesma atitude defensiva quando propõem a aceleração da unidade política, embora com objectivos diferentes». Para ele, «a França tem medo da Alemanha e esta tem uma atitude defensiva em relação à URSS. A resposta a estas duas categorias de receios, ampliados (no caso da França) pela unificação alemã, justifica que a unidade política se dê em carácter de urgência».

Referindo-se àqueles que têm uma perspectiva longínqua da possibilidades

de pensar que a história se faz de uma forma muito lenta e que se podem fazer perspectivas a muito longo prazo».

Para ele, o facto de a URSS estar a redefinir os seus conceitos estratégicos, deixando de lado regiões mais periféricas para ter a Europa como objectivo principal, tem que ser respondido com uma aceleração do processo de integração europeia. Porém, ressalta, isso levanta a questão sobre que Europa estamos a construir.

«Todos os países europeus, e não apenas Portugal, pensam nas comunidades, subscrevem tratados, avançam com actos únicos, falam na cooperação política, ou seja, dão passos

Em termos de união política europeia, infelizmente nós estamos apenas a reagir a propostas, porque não temos uma proposta nossa

Álvaro Vasconcelos



que só fazem sentido se tiverem como objectivo último a unidade política. Agora se se perguntar a esses Estados o que pensam dessa mesma união política, teremos respostas altamente controversas. Mas não há dúvida que o processo integrativo europeu conduz a

conciliação franco-alemã, que está na origem de todo o projecto. Surge a necessidade de fazer essa reafirmação da reconciliação justamente no momento em que se dá a unificação alemã, quando um dos parceiros se torna mais poderoso.

«A necessidade de apro-

fundar a CEE também se impõe pelos acontecimentos que ocorrem na Europa de Leste. A desintegração na Europa oriental tem que corresponder uma maior agregação no lado ocidental. O alargamento, no que se refere à CEE, neste momento não faz sentido nenhum, por que alargamento e aprofundamento são duas coisas completamente antagónicas», afirmou Calvet de Magalhães, acrescentando que «pode haver associações, tentativas de manter a Europa mais ou menos organizada, mas aprofundamento a sério tem que ser com a 'prata da casa' e mesmo assim vai ser difícil».

Coube a Medeiros Ferreira a intervenção seguinte. Para ele, Mitterrand, antes de fazer a proposta conjunta com Kohl, tentou, sem grandes resultados, primeiro um entendimento com a URSS sobre a unificação alemã e depois com a Grã-Bretanha. A proposta conjunta com Kohl assume grande importância, «não porque decida a união política europeia, que não está na ordem do dia, mas porque vem no seguimento de uma sistemática muito interessante da política externa francesa, que é o eixo Paris-Bona», que é o eixo Paris-Bona.

Medeiros Ferreira distin-



O alargamento da CEE a outros países neste momento não faz sentido nenhum, porque alargamento e aprofundamento são duas coisas completamente antagónicas

Calvet de Magalhães

as finalidades...». Álvaro Vasconcelos reconheceu que neste momento, em termos de união política europeia, «infelizmente, nós estamos a reagir a propostas, porque não temos uma proposta nossa». Entre as várias propostas em discussão, destacou a de fazer da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) uma «espécie de ONU europeia, onde os Estados não terão amarras muito fortes entre si e poderão rapidamente mudar de alianças», uma pro-

tamente, ter o acordo do chanceler da RFA) como «uma novidade que vem refazer e solidificar dentro da CEE o eixo Paris-Bona. Este esboço, ainda não muito definido (e assim foi tratado na cimeira de Dublin), é mais uma tentativa de responder às preocupações da unificação alemã e corresponde àquela ideia central de integrar cada vez mais a Alemanha em todos os domínios (económico, monetário e agora político) no desenvolvimento dessa integração comunitária, que é a



Auto Monumental de Aveiro
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

SOBRE POLÍTICA INTERNACIONAL

lo políticos e a Alemanha se unifica. Alguns aspectos deste processo foram discu-
id tidos pelo Grupo de Trabalho «DL» sobre Política Internacional que reuniu
lo Calvet de Magalhães, Medeiros Ferreira, Victor Sá Machado, João Soares, Jaime
as Gama, Álvaro Vasconcelos e o jornalista Duarte Calvão



esta Mitterrand-Kohl foi a reafirmação do eixo Paris-Bona entre os países que constroem a Integração europeia

que nesse eixo três níveis de actuação: o militar, com a criação (também por proposta de Mitterrand) da brigada franco-alemã; depois, através da Comissão das Comunidades e de Jacques Delors, a necessidade de acelerar a união monetária (também uma forma óbvia de manter a Alemanha na CEE) e, por último, esta proposta de união política.

Comunidades e das cimeiras, porque todas as propostas que tenham a ver com a alteração do Tratado de Roma têm de ser ratificadas pelos Parlametos nacionais.

«Por outro lado, a Leste, os Estados nacionais são uma realidade fortíssima neste momento. Eles aparecem no contexto de confronto com os conceitos de soberanias

e nas negociações CFE de Viena.»

«Nesse contexto, parece-me de importância evidente tudo o que tem a ver com o reforço do processo de integração europeia, não apenas na componente económica e social, mas também na vertente política.» Neste último aspecto, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros distinguiu três níveis. O primeiro, o mais clássico, tem a ver com o reforço da identidade europeia para a assunção de políticas específicas no domínio das grandes relações internacionais e da política externa. O segundo com uma perspectiva europeia sobre as grandes questões de segurança no continente e por último a modificação estrutural e institucional das comunidades europeias.

Destacando o reordenamento das alianças no bloco ocidental, após as mudanças a Leste, em que os EUA estão a dar «sinais claros» de que uma Alemanha unida pode vir a substituir a Grã-Bretanha como aliado europeu preferencial, Jaime Gama afirmou que «todas estas questões põem grandes desafios a um país como Portugal. Penso que é salutar que marchem a par, neste momento, quer a componente económica quer a reforma institucional da CEE».

Sobre esta reforma institucional, o presidente da Comissão de Defesa Nacional defendeu «uma solução de tipo confederativo que terá o mérito de dar à Europa um papel mais ac-

tivo na vida internacional, salvaguardando e reforçando as autonomias nacionais. Pela forma como hoje a Comissão e o Parlamento Europeu exercem os seus mandatos e as suas funções, eu diria que a liberdade dos Estados está menos protegida do que através de uma solução institucional do tipo confederativo. É essa reforma que é extremamente urgente realizar».

Discordando da análise de Medeiros Ferreira sobre os países de Leste, Álvaro Vasconcelos referiu na sua segunda intervenção que «o extraordinário poder de atracção que o sucesso da CEE exerce sobre estes países, faz com que eles não só estejam dispostos, como até esperam limitar as suas soberanias, participando no processo de construção europeia. Tal como nós, no

longo, que há medidas a tomar agora, que é com base no já adquirido que novos alargamentos poderão ser feitos».

Segundo o director do IEEI, pelo menos na Polónia, Hungria e Checoslováquia, a possibilidade de integração na CEE está na ordem do dia, embora percebam que não o esteja no Ocidente. «Eles sabem que se puserem a questão com muita força vão complicar um processo que

Victor Sá Machado não concordou com esta recusa categórica da CEE à adesão dos países de Leste. «Estes países estão a bater à porta da Comunidade e tem que haver uma resposta: ou se abre a porta ou se fecha. Por esse motivo eles sentem necessidade de ou acelerar os seus processos, ou de se defenderem ou de se abrirem. Este ano é o ano de todos os perigos. A ameaça soviética por um lado diminui, mas



A política europeia está a ser condicionada pelo que se passa na URSS, onde a perestroika atravessa uma grande crise

João Soares

consideram também importante, que é o do aprofundamento da integração dos Doze.»

João Soares concordou com Jaime Gama afirmando que neste momento a política europeia está a ser condicionada pelo que se passa na URSS. «Há sinais concretos, como o agravamento dos problemas internos e a não aplicação na prática dos poderes presidenciais alargadíssimos de Gorbachev, de que há uma grande crise na perestroika.»

Sobre os a integração dos países de Leste na CEE, este analista político concordou com Calvet de Magalhães na impossibilidade de isso ser feito sem comprometer o aprofundamento da integração, embora reconheça que as transformações nesses países foram em grande parte condicionadas pelo exemplo do sucesso da CEE.

Também Medeiros Ferreira concordou com esta posição, afirmando que essa adesão poderia levar à ruptura da CEE, já que impli-

curiosamente aumentam os perigos. A URSS é menos perigosa com estabilidade, do que desestabilizada mantendo todo o seu poderio atómico. E os perigos aumentam inclusive para a CEE, onde agora na franja oriental há países que perderam o seu protector.»

Na sua segunda intervenção, Jaime Gama destacou dois aspectos «menos políticos». Primeiro a imprevisibilidade do modelo de integração europeia, que segundo ele poderá avançar bastante nos campos económicos, sociais, políticos e institucionais, mas ao mesmo tempo haverá um ressurgimento de um «fortíssimo nacionalismo cultural». Depois, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, destacou o facto de ser a primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, que a Europa ocupa o centro dos acontecimentos mundiais. «Acho que a circunstância de nós vivermos esta época como europeus, nos dá acesso a uma experiência fabulosa.»

Não concordou com esta análise Medeiros Ferreira que retomaria a palavra para afirmar que esta importância europeia deve-se mais «a uma fase de confusão do que de afirmação.»

Calvet de Magalhães terminaria o debate lembrando que o facto de os países de Leste terem criado Estados democráticos não implica que já tenham promovido mudanças profundas nas suas estruturas económicas, essenciais à entrada para a CEE. «E não há estudos, nem modelos, da passagem de uma economia colectivista para uma economia de mercado, só existem estudos do contrário. Estão a tentar, mas vai ser demorado e complicado.»

A proposta Mitterrand-Kohl de unidade política europeia foi feita para apressar a união monetária, que é o objectivo imediato da França política

Medeiros Ferreira



«Penso que esta proposta (Mitterrand-Kohl) foi feita para apressar a união monetária, que é o objectivo imediato da França política, embora não seja o da França económica que até pode vir a perder algo. Isso vai exigir toda a perícia e boa vontade para se conseguir fazer dois movimentos ao mesmo tempo: a união monetária inter alemã e a união monetária europeia».

Noutro ponto da sua intervenção, o ex-deputado ao Parlamento Europeu falou sobre aquilo a que chamou «a vingança dos Estados nacionais», já que eles agora emergem como as fontes de decisão dentro da CEE, em prejuízo da Comissão das

limitadas, portanto dificilmente vão fazer um movimento contra elas e, logo depois, delegar poderes de soberania», concluiu Medeiros Ferreira.

Para Jaime Gama, que falou em seguida, estamos a viver o risco de uma paragem ou involução na URSS, demonstrado na travagem nas negociações nas instâncias internacionais, que faz com que seja a Conferência Dois mais Quatro que assuma maior relevância em relação às sedes de negociação multilateral. «Sem uma solução satisfatória para a URSS na 'Dois mais Quatro', será difícil encasar um desenvolvimento rápido na CSCE

O processo integrativo europeu conduz a mais do que uma união puramente económica. Ele tem como objectivo remoto, declarado ou não, a união política

Victor Sá Machado



período que se seguiu a 1974/75, eles vêem na CEE uma forma de estabilidade democrática e desenvolvimento económico. Neste momento não podemos dizer apenas não. Podemos dizer que é um processo

caria num processo de negociações extremamente complicado. «Aí sim, entraria a instabilidade, porque com esta CEE pelo menos haverá algum comportamento racional inter-europeu.»

Cerca de um terço da população de Lisboa vive em condições precárias de habitação em barracas em bairros sociais em parte ocupados por gente de bons rendimentos, em casas sobreocupadas e em coabitações. A responsabilidade política por esta situação é nacional e tem de ser compartilhada - diz Jorge Sampaio

Trezentos mal(des)alojados por mês vão pedir casa à Câmara de Lisboa

O serviços de habitação da Câmara Municipal de Lisboa estão a receber, em média, trezentos pedidos de casa por mês - afirmou Lourdes Quaresma, chefe da divisão da gestão social dos bairros sociais da autarquia. Falava num seminário sobre bairros sociais que, durante o fim-de-semana, reuniu técnicos de habitação de autarquias da zona de Lisboa.

Os aflitos que recorrem ao município são casais jovens à procura da primeira habitação, as vítimas dos despejos e das casas que se desmoronam por toda a cidade e gente a viver em condições de promíscua coabitação.

A Câmara não tem capacidade para responder a estes pedidos, porque não constrói habitação social e porque gere mal os bairros que administra. O economista Augusto Mateus, coordenador de um inquérito sobre os bairros sociais de Lisboa, pôs em destaque o facto de haver famílias com rendimentos elevados que ocupam casas desses bairros, o que o levou a sugerir que sejam revistos os critérios da sua atribuição e melhorados os serviços de informação e fiscalização, de modo a tornar devolutas casas



Em bairros sociais há muita gente que tem automóvel: cerca de 12 por cento

de quem não tem direito a ocupá-las. Ele falou mesmo do sistema de «cunhas», que explica a predominância de agentes de polícia e de funcionários camarários a habitar esses bairros. Augusto Mateus defendeu o princípio da mobilidade na ocupação dessas casas, em função da evolução dos rendimentos das

famílias. Esta realidade revela situações de injustiça social, porque muitos outros a viver em barracas, em casas para demolição, e em casas sobreocupadas, com rendimentos no limiar da pobreza, não têm lugar nos bairros sociais. E esses são, segundo Augusto Mateus, cerca de um terço da população de Lisboa, na qual

se registam os fenómenos da nova pobreza.

O inquérito de Augusto Mateus revela que o rendimento médio das famílias a viver em bairros sociais é de 75/80 contos por mês, o que quer dizer que há muitas com níveis de vida muito acima do que é legalmente definido como condição de acesso

àquele tipo de habitação.

O estudo revela também que a taxa de equipamentos domésticos naqueles bairros é bastante superior à média do País e que a posse de automóvel é também elevada: cerca 12 por cento. Daqui que a média da taxa de esforço dos habitantes com a renda não seja alta: 3 a 4 por cento. O que se pode concluir é que os bairros camarários não estão a cumprir a sua função social, e disso é sintomático um índice como os das rendas praticadas, que vão desde 500 escudos a 13 mil escudos.

Com tudo isto também coabita a miséria e a nova pobreza nesses bairros. O inquérito revela, por exemplo, que 17 por cento da sua população sofre de doenças crónicas, 16 por cento se encontra desempregada, a taxa de escolaridade dos jovens dos 15 aos 21 anos é muitíssimo baixa, só cinco por cento frequentam o ensino.

Mas o problema da habitação para classes menos solventes em Lisboa vai para além desta perspectiva administrativa.

Como disse o presidente do Município, Jorge Sampaio, na sessão inaugural, o

problema da habitação em Lisboa é uma questão política nacional e não pode ser vista desenhado de um modelo nacional de desenvolvimento. E porque é nacional, Sampaio concluiu que só pode ter uma resposta politicamente compartilhada. Uma resposta que, insiste Sampaio, para além de articulada com o poder central, tem de ser equacionada para a área metropolitana de Lisboa, em colaboração com os municípios vizinhos.

Tese que Augusto Mateus haveria de abordar de outro modo, ao dizer que o problema não pode ter aquela típica solução portuguesa que é esperar que a morte lave as nódoas sociais e que a questão da renda social só pode ser solucionada com recurso financeiro ao Orçamento do Estado e da Segurança Social, num quadro de solidariedade nacional e num outro quadro de política social. E neste domínio, Mateus advoga, em relação às famílias, a instituição de uma política de rendimento mínimo, complementar do salário mínimo e do subsídio de desemprego.

A.C.

Quilos incómodos retirados a bisturi

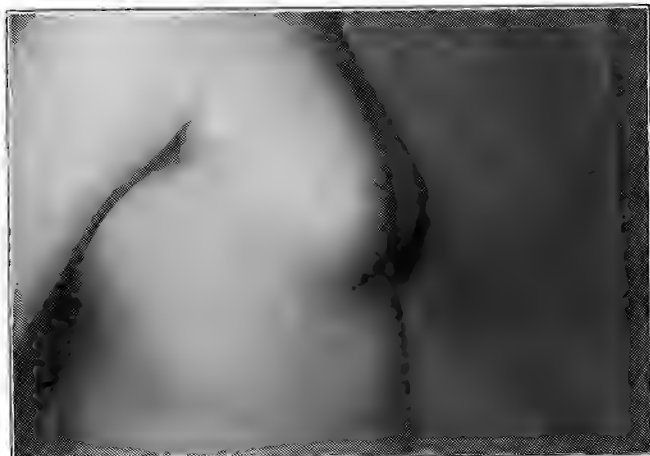
É fácil, é cara, poucos a usam. Proporciona um corpo novo, moldado linha a linha, sem outro incómodo além da anestesia e um curto período de internamento. Por isso, quem pode, recorre à lipo-aspiração para perder quilos sobresselentes.

Permite retirar volume a áreas pré-escolhidas, mediante uma pequena incisão (três milímetros) onde se introduz uma cânula que, ligada depois a um aparelho de aspiração negativa potente, «chupa» a gordura deixando a estrutura muscular livre de tecido adiposo. O método, adaptado por um cientista francês a partir do sistema já usado para abortos por aspiração, pratica-se há dez anos em Portugal e, este Verão, está em alta.

Os preços variam consoante o tamanho da área a «limpar» e, embora sejam estabelecidos a partir de uma tabela da Ordem dos Médicos, dependem ainda das clínicas onde se praticam e das equipas médicas.

Uma equipa bilingue

Biscaia Fraga dirige uma das mais caras. Começou há duas semanas, faz publicidade



Os homens também recorrem a lipo-aspiração para retirar gordura acumulada, neste caso devido a alterações hormonais de adolescência

de forma sistemática, trabalha no espaço climatizado de uma das torres das Amoreiras, com uma equipa que tanto fala inglês como português. Formou-se em Londres, exerce cirurgia plástica em Portugal há oito anos, estabeleceu recentemente um acordo de «membership» com uma multinacional de cirurgia, radicada na Austrália e Reino Unido.

O consultório na torre das Amoreiras está ainda a ser montado. A futura sala de operações acabará por ser uma das mais bonitas do País,

forrada a mármore e com vista sobre o Monsanto capaz de ressuscitar um morto. Mas, por enquanto Biscaia Fraga apenas lá recebe clientes numa primeira consulta que é grátis. Escolhida a área a operar, acertado o preço e estabelecido o contrato terapêutico a lipo-aspiração decorre na Clínica de S. João de Deus, na zona do Campo Grande.

Ficar sem um duplo queixo custa 150 contos, mais quinze pela estadia na clínica, que é breve, pois esta operação pratica-se com anestesia local. Remover camadas de



gordura do abdómen, tirar «pneus» e voltar a ter a barriga lisa da adolescência já requer anestesia completa e um dia de internamento. Custa cerca de 300 contos, preço médio, dependente do volume do dito estômago. Mas quem quiser (e puder) fazer operações associadas economiza alguma coisa: em conjunto com outra operação, remover o duplo queixo não ultrapassa 60 contos, pois a anestesia é uma única, o internamento também e o tempo gasto pela equipa médica pouco se altera.

Para além destes casos-tipo o precário de uma reconstrução completa a bisturi depende do estado de cada corpo. Pode fazer-se lipo-aspiração na cara, coxas, braços, no traseiro e até no peito. Os resultados não são tão espetaculares, têm de ser completados com exercícios de bicicleta, capazes de tonificar os músculos, ou com ginástica facial e massagens.

«Os homens portugueses também começam a procurar este tipo de cirurgia», disse ao «DL» Biscaia Fraga. Mas a percentagem é escassa: no

dia e»m que visitámos o consultório havia apenas um homem, entre as 15 pessoas a atender. As mulheres constituem o grosso da clientela, tanto mais que além de lipo-aspiração a equipa remove varizes, faz implantações de colágeno e propõe um «inédito tratamento não cirúrgico para o envelhecimento do rosto», tudo coisas que respondem mais a preocupações de quem usa saias.

São de meia idade e classe média as mulheres que lhe passam pelo consultório. Algumas trabalham no complexo das Amoreiras, outras misturam uma ida ao médico com «compras a fazer», vão informar-se e avaliar preços. Por enquanto o atendimento é rápido, com marcações feitas em 24 horas. O tempo de um sonho, porque o Serviço Nacional de Saúde apenas reembolsa o preço do bisturi reconstrutor da elegância perdida em casos especiais e numa parcela simbólica. E, embora fácil, indolor, rápido e eficaz, este método de perder os quilos a mais tem um preço que o reserva só para alguns.

M.G.L.

ECONOMIA

Política económica mais orçamental

Miguel Beza considera que a política monetária tem sido excessivamente utilizada para controlar a inflação

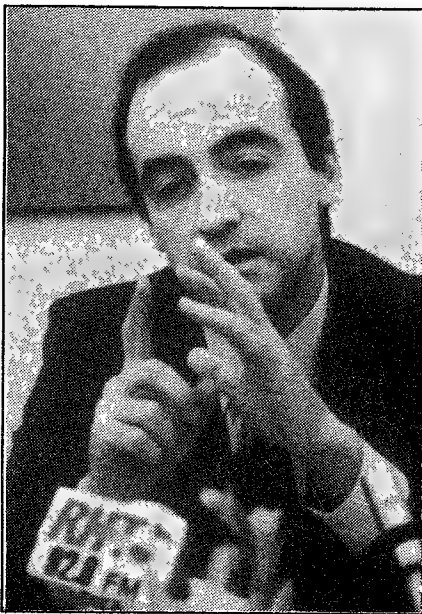
A política económica defendida pelo Ministério das Finanças vai passar a dar mais ênfase à vertente orçamental do que monetária, disse Miguel Beza em entrevista à agência Lusa.

O ministro das Finanças admitiu que poderá registar-se um novo corte nas despesas orçamentais, as quais recentemente foram alvo de medidas para as fazer baixar em 40 milhões de contos. «Trata-se de uma alteração de fundo da combinação até aqui feita entre as políticas orçamental e monetária», disse.

Nesta conformidade, Miguel Beza defende que, no quadro geral da redução do peso do Estado na economia, deve-se proceder a uma diminuição substancial do défice orçamental, «levando-o para níveis mais toleráveis» do que os valores acima de 20 por cento do PIB, que ocorreram em 1984, e mesmo dos cerca de 17 por cento de 1989.

Esta nova política de redução efectiva do Orçamento do Estado, disse, vai ser visível não só este ano, mas também em 1991. Por outro lado, afirma, «a desinflação, conduzida da forma que considero correcta, vai passar pela contenção orçamental, o que é uma necessidade urgente, nomeadamente face à plena entrada do escudo no Sistema Monetário Europeu e à integração de Portugal na União Económica e Monetária».

Reconhece, no entanto, estar consciente de que os cortes orçamentais têm um efeito mais demorado do que a utili-



Miguel Beza quer atacar inflação pela via orçamental

zação dos clássicos instrumentos monetários. No entanto é peremptório: «É este o caminho que convém a Portugal.»

Reafirmou, contudo, a intenção da política de contenção orçamental não afectar os gastos com a Segurança Social, os vencimentos dos funcionários públicos, os investimentos e o acompanhamento pelo Estado dos fundos comunitários.

No que respeita à questão cambial e à data de entrada do escudo na disciplina das taxas de câmbio da CEE, última fase da adesão ao SME, o ministro das Finanças disse que «tal ocorrerá quando for possível e conveniente».

Acrescentou que, neste momento, as únicas balizas temporais que existem são as estabelecidas pela própria CEE no que respeita à liberdade do movimento de capitais, em 1992, matéria em que Portugal beneficia de derrogações.

No entanto, reconhece que a adesão do escudo à disciplina do SME tem um efeito desinflationista, mas considera que «não se pode perder de vista os aspectos negativos de uma entrada imediata».

Um destes aspectos negativos, disse, tem a ver com a perda de liberdade na utilização do instrumento «taxa de câmbio» para a defesa da competitividade das exportações portuguesas, roubando assim tempo ao avanço da modernização da estrutura produtiva do País e dos correspondentes ganhos de produtividade.

Revelou, finalmente, que, caso a contenção dos gastos orçamentais e a prudência seguida na política monetária forem acompanhadas de um esforço de concertação nos preços e salários, a desinflação poderá acelerar as condições de adesão plena ao SME.

Lusa

B R E V E S

Efacec moderniza-se com apoio do BEI

O Banco Europeu de Investimento concedeu um empréstimo de 890 mil contos à Efacec. Esta verba destina-se a financiar a modernização e ampliação da fábrica de transformadores eléctricos industriais instalada em Matosinhos. O empréstimo é garantido solidariamente pelos Bancos de Fomento e Exterior e Português de Investimento.

Telefones de Lisboa e Porto parceiros do Eurescom

Os TLP assinaram um protocolo de acordo com o Eurescom, em conjunto com outros 21 operadores europeus de que se destacam a Deutsche Bundespost, France Telecom, British Telecom, Mercury, Telefónica e Swedish Telecom. O principal objectivo desta instituição é apoiar o fornecimento de redes e de serviços de telecomunicações a nível europeu, permitindo o desenvolvimento de estratégias harmonizadas entre os seus membros, tendo em vista a futura infra-estrutura europeia de telecomunicações em banda larga.

Técnicos da Marconi nomeados para cargos internacionais

Dois técnicos da Marconi, Fernando Galhardo e Jaime Feijó, foram nomeados para vice-presidentes, respectivamente, da assembleia geral das partes da Eutelsat (European Telecommunications Satellite Organization) e do grupo NMDG (Network Management Development Group, órgão do Comité Consultatif International Télégraphique et Téléphonique).

Time-Sharing cria nova empresa

A Time-Sharing vai criar uma nova empresa que se destina à venda de *software* para a área financeira. Constituída em conjunto com a Reditus, tem um capital social de 25 mil contos. A sua acção incidirá essencialmente sobre o mercado de língua portuguesa.

Aumentam investimentos em países estrangeiros

A construção e obras públicas foi o sector de maior incidência no investimento português canalizado para o estrangeiro, ou seja, mais de 55,5 por cento das verbas registadas nos dois primeiros meses do corrente ano, de um total de 1,4 milhões de contos.

Moçambique foi o país que mereceu, nesse período, maior confiança dos investidores portugueses, atingindo mais de 42 por cento do total do investimento, o que equivale a cerca de 590 mil contos.

O total referido para os dois primeiros meses de 1990 representa, em termos globais, o dobro do registado no mesmo período do ano anterior. O mês de Fevereiro foi considerado um mês optimo, pois os valores registados ultrapassaram 1,2 milhões de contos.

Logo a seguir à área de construção e obras públicas que registou mais de 624 mil contos, surgem os sectores do comércio, restaurantes e hotéis com cerca de 556 mil contos e só depois os bancos

e seguros, imóveis e serviços prestados a empresas, com mais de 109 mil contos.

Os investimentos mais fracos efectuaram-se nos sectores dos transportes e comunicações com cerca de 56 mil contos, os serviços colectivos sociais e pessoais com cerca de 11 mil contos, a agricultura e pesca com 10 mil contos, a indústria transformadora com 8,5 mil contos e, por fim, as indústrias extractivas com cerca de 9 mil contos.

Quanto aos países de destino, segundo números fornecidos pelo Banco de Portugal, depois de Moçambique aparece a Espanha com 23,2 por cento dos investimentos, São Tomé e Príncipe com 8,1 por cento e a França com 6,3 por cento.

Os investimentos para o Reino Unido, Brasil, Áustria, Guiné-Bissau e Bélgica, representaram apenas 12,7 por cento do total das aplicações, tendo para os restantes países do mundo sido canalizados 84 mil contos.

«DL»/Lusa

«XEU — GESTÃO PROFISSIONAL CONTRATADA, LIMITADA»

SEDE: Rua Tomás da Anunciação, n.º 171, 1.º andar-dto., freguesia de Santo Condestável, em Lisboa.

CAPITAL: QUINHENTOS MIL ESCUDOS. MATRICULADA NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE LISBOA, sob o n.º 56.578, a fls 185v.º do liv.º C-141-2.

DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LIC. LÍDIA RODRIGUES MAIA DEVEZA:

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 2 de Maio corrente, lavrada de fls. 96v.º a 100v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 199-E, deste Cartório, os únicos sócios «Apraz — Sociedade de Iniciativas Económicas, Limitada», e Dr. JORGE AUGUSTO VIANA PEREIRA DA COSTA, natural da freguesia de São José de São Lázaro, concelho de Braga, casado sob o regime da comunhão geral com D. Rita Maria de Brito Machado da Silva Pereira da Costa, residente na Praceta de Benguela, n.º 2, 3.º andar-esq.º, em Oeiras, entre quem existe a sociedade comercial por quotas com a denominação de: «XEU — ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE TRANSPORTES, LIMITADA», mudaram esta denominação pela de «XEU — GESTÃO PROFISSIONAL CONTRATADA, LIMITADA»; o objecto social; e, alteraram a redacção dos artigos primeiro, terceiro, quinto, sexto, sétimo e oitavo, do contrato de sociedade, pela seguinte:

PRIMEIRO

A Sociedade adopta a denominação de «XEU — GESTÃO PROFISSIONAL CONTRATADA, LIMITADA», e tem a sua sede em Lisboa, na Rua Tomás da Anunciação, número cento e setenta e um, primeiro andar, direito, freguesia de Santo Condestável.

TERCEIRO

A Sociedade tem por objecto, a implementação de serviços de gestão nas empresas através da colocação, em regime de contrato, de gestores profissionais.

QUINTO

O capital social é de quinhentos mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e nos valores sociais e corresponde à soma de duas quotas, sendo uma de quatrocentos mil escudos, pertencente à sócia «Apraz-Sociedade de Iniciativas Económicas, Limitada», e outra de cem mil escudos, pertencente ao sócio Dr. Jorge Augusto Viana Pereira da Costa.

SEXTO

UM — A gerência da Sociedade incumba a um gerente nomeado por maioria, em assembleia geral.

DOIS — O gerente representará a Sociedade, activa e passivamente, em juízo e fora dele, com os mais amplos poderes para a realização dos negócios sociais, efectuando todas as operações relativas ao objecto social. TRÊS — O gerente pode constituir, em nome da Sociedade, mandatários nos termos legais.

SÉTIMO

A Sociedade obriga-se:

a) — Pela assinatura do gerente;

b) — Pela assinatura de qualquer mandatário ou mandatários nas condições e limites estabelecidos nas respectivas procurações.

OITAVO

O gerente e ou os mandatários não poderão em caso algum obrigar a sociedade em fianças ou quaisquer títulos de crédito de favor.

ESTÁ CONFORME

Lisboa e DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, aos dezassete de Maio de mil novecentos e noventa.

O 2.º Ajudante,
Ilda Meireles Lopes de Carvalho Esteves



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	41\$95	47\$95
ALEMANHA FED. (marco)	86\$90	88\$10
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	4\$040	4\$290
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$70	126\$20
(notas de 5 a 1000)	124\$20	126\$70
DINAMARCA (coroa)	22\$85	23\$25
ESPAÑA (peseta)	1\$360	1\$480
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146\$50	150\$00
(notas de 5 a 1000)	147\$00	150\$50
FINLÂNDIA (marka)	37\$15	37\$75
FRANÇA (franco)	25\$80	26\$50
HOLANDA (florim)	77\$25	78\$35
IRLÂNDIA (libra)	234\$35	238\$35
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$937	\$992
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	248\$45	252\$95
SUÉCIA (coroa)	24\$00	24\$50
SUÍÇA (franco)	102\$60	104\$10
VENEZUELA (bolívar)	24\$639	34\$439

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

Charlie Haden e Carlos Paredes lado a lado, sábado passado, no Jazz na Cidade

Um encontro bem sucedido

Poderia ter corrido mal, o «encontro» que confrontou, no passado sábado, o contrabaixo de Charlie Haden com a guitarra de Carlos Paredes. O disco que ambos gravaram em Paris e só será lançado lá para Setembro tem os seus detractores entre a nata dos que já ouviram a matriz, e comenta-se que o português ficou prejudicado. Uma prévia tentativa de homogeneização que há uns anos teve lugar na cave lisboeta onde se situa o Hot Clube não foi tão bem sucedida quanto se pretendia, e então porque quem ficou a perder foi o americano. Mas no fim, músicos e público deram por positiva a experiência que acabara de ocorrer no Coliseu dos Recreios, e que certamente figurará nos anais da música tocada em Portugal. Terminava o melhor momento do Jazz na Cidade deste ano.

E melhor não porque se tratasse da mais deslumbrante das concretizações jazzísticas do festival, que essas estiveram a cargo do pianista Don Pullen, cabeça de cartaz na noite anterior. Simplesmente, o «Encontro em Lisboa» rodeou-se das maiores expectativas de que já se deu conta no ainda breve historial deste Jazz na Cidade organizado pela Câmara Municipal. Que a associação contrabaixo/guitarra portuguesa prometia muito em termos sonoros, que os estilos pessoais de Haden e Paredes poderiam ser compatíveis, que a inteligência e sensibilidade musicais dos dois permitiria, pelo menos teoricamente, o mais que desejado sucesso, isso já se sabia. Havia, no entanto, o resto.

Carlos Paredes não é propriamente um improvisador e pouco conhece dos conceitos improvisacionais que o jazz mantém, e Charlie Haden, pelo seu lado, é estranho às especificidades da música popular portuguesa. A verdade é que nos primeiros minutos pareceu que o pior poderia acontecer, com o contrabaixo prejudicado por uma má amplificação e o seu dedilhador afoito a um inesperado segundo plano. Tudo mudou quando o guitarrista se propôs tecer algumas var-



Charlie Haden e Carlos Paredes

iações espontâneas em torno de um *ex-libris* de Haden, o velho «Song for Che», para depois o contrabaixista solar, à sua maneira, o nosso bem conhecido «Verdes Anos».

Ao auge chegou-se mais adiante, numa improvisação total em que os dois músicos conseguiram uma intimidade dialogante como é raro testemunhar. Provava-se, finalmente, que era possível juntar estes dois mundos da música pelo elo que têm em comum, a sua interioridade. Discursivos um como o outro, palavrosos nas suas por vezes complexas teias de acordes, amantes ambos dos pequenos pormenores, das pequenas «falas» que constituem a verdade de uma música, Haden e Paredes demonstraram que nenhuma barreira existe entre os territórios da expressão artística. Se queremos, no entanto, falar de jazz *tout court*, então sem dúvida que a coroa do mérito vai para Don Pullen, que na noite de sexta-feira entusiasinou quantos assistiam aos seus jogos de mãos que foram de extremo a extremo, entre uma percussividade agressiva e quase esquemática, elegendo a sinoposição a posto de honra, e um lirismo que atingiu as raízes do tocante. Não fora o trabalho desenvolvido pela sua baterista, Cindy Blackman, e teria sido um concerto merecedor do mais incondicional aplauso. Mas não, Cindy to-

cou forte e feio, bateu de mais, fez barulho, não deu mostras de nenhum respeito pelo valor musical dos espaços e dos silêncios ou, o mais não seja, disso que parece elementar e consiste na própria economia dos sons que sustenta toda e qualquer música. O que pretendia ela esconder?

Lonnie Plaxico, o contrabaixista, esteve mais à medida do líder da sessão, com um *pizzicato* elegante, equilibrado e onipresente, mas sem dúvida nenhuma que o deslumbramento esteve quase todo nos talentos de Pullen. Vê-lo é um espectáculo: o pianista não usa apenas os dedos, aborda o teclado também com as costas das mãos, os pulsos, e ora dança sobre ele, ao de leve, ora o espanca sem hesitações. Não é *show-off*, as consequências são integralmente musicais e definem todo um estilo que só não é comparável com o de Cecil Taylor porque se torna mais transparente, menos denso, mais débil até. Claro que Monk e o *hardbop* não são estranhos a tais deambulações, mas Pullen ainda é, entre os inovadores surgidos graças às rupturas do *free*, dos poucos que não foi superado pelas modas neomodernistas. E ainda bem, como pudemos perceber.

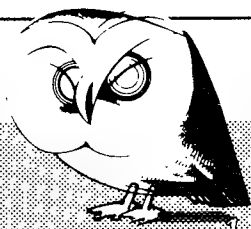
A propósito do restante programa do festival há menos que se diga. O *Moreiras Jazztet* esteve melhor do que o seu costume, e isso talvez porque Philippe Soirat, bater-

ista francês que tem andado ultimamente pelo Hot Club, substituiu o inclassificável Carlos Vieira com os seus desempenhos mais ajustados. Ou talvez porque o repertório utilizado se baseou em Wayne Shorter, ainda que os estereótipos dos irmãos Moreira e de Bernardo Sassetti, este um pianista inegavelmente interessante, sejam pouco suportáveis. Com uma linguagem tão «quadrada» quanto a destes portugueses, só estiveram Bob Berg e Mike Stern, embora na área do jazz-rock. Demagógicos e musicalmente infantis, Berg e Stern subscreveram os piores momentos do Jazz na Cidade, completamente para esquecer.

Também a HCP Workshop Band de Karl Berger foi uma decepção. Pretendendo demonstrar o resultado de uma acção formativa daquele vibrafonista no clube da Praça da Alegria, mediante a selecção dos melhores alunos que ali se apurassem, o que surgiu diante de nós foi uma desagradável surpresa. Ao contrabaixo Carlos Barretto (assim mesmo, com dois tt), que é tudo menos um iniciado nestas coisas do jazz, à bateria o mesmo André Sousa Machado que actuara na quinta-feira (embora desta feita melhor nas suas execuções), e a apanhar bonés, na guitarra, Pedro Madaleno. Era o melhor que havia?

Um suporte que esteve muito, muito longe do nível desse grande instrumentista que é Berger, um sobrevivente da revolução de 60 no jazz, diminuindo-lhe a sua lendária desenvoltura. O coro que depois entrou em cena acrescentou os últimos temperos ao infeliz cozinhado, a que faltava de facto esse tanto de ridículo. Lamentável. Quase tão lamentável quanto foi o procedimento dos organizadores relativamente aos repórteres fotográficos, a quem praticamente foi impedido o desempenho do seu trabalho.

Rui Eduardo Paes



olhar de mocho

Regionalização central

Sempre que a RTP anuncia e apresenta qualquer coisa programática que tenha a ver com as regiões, relego tudo para lugares secundários para não perder o pitu. Comecei, por isso, a ser cliente *habitué* do «As Cidades e as Terras», na sebastiânica e lusitaníssima esperança de ver mexer o marasmo da «paisagem» que circunda Lisboa.

Já que continuamos a nada querer aprender do Herculano e das suas ideias municipalistas, já que o federalismo europeu permanece nas nossas políticas um tabu pior que os freudianos Édipos, ao menos que se tentasse - sonhava eu - com programas regionais que apontassem para autodesenvolvimento. Afinal, nada disto acontece ou está em vias de surgir.

O programa do último fim-de-semana foi mais um exemplo rematado de anti-regionalização, muito embora o locutor de serviço tivesse o descoco de enfrentar as câmaras anunciando, pomposamente, irmos assistir à «informação regional».

Ficámos, então, a saber que nos Açores existem 850 ou 853 «artesãos» - dantes faziam-se objectos com ossos de baleia, mas agora o plástico substituiu o cetáceo.

Mas o pior é que mal aparecem artesãos a mostrar as suas artes, logo, implacavelmente, nos impingem conversas entre doutores e passadas nos estúdios a dissertar sobre as maravilhas do atraso nacional que o Turismo oficial pretende rentabilizar financeiramente. O artesanato até já faz parte de um «Plano Nacional de Turismo» - disse-se solenemente, sem que ninguém tivesse corado de vergonha. O nível cultural dos autores destes programas não dará para folhearem, não digo livros maçudos e bolorentos, mas ao menos jornais de 1940? Poderiam aí ler que nesse ano o Salazar mandou vir pretinhos das colónias africanas, colocou-os na Praça do Império em Belém, fez uma exposição colonial e «vendeu» o espectáculo dos pretinhos e das pretinhas gatinhando nas cubatas para lisboeta ver.

Depois, reportando-se ainda ao programa do fim-de-semana, tivemos mais informação regional: o Governo central está a prometer graus académicos de bacharelato aos subdesenvolvidos de Penafiel, de Santo Tirso, de Lamego. Repare-se na *pointe*: é o Governo que vai até lá, que descerra lápides e que promete mundos e fundos. Nem uma palavra sobre iniciativas locais e regionais que tendencialmente apontem para o autodesenvolvimento dos provincianos. A intenção do programa é sinistra e macabra: se alguém, na província, for mordido pela isca do desenvolvimento, terá de pedir esmola aos governantes de Lisboa. E eles, obviamente, darão ou não, conforme consigam ou não a sujeição cega dos régulos regionais. Como a regionalização é a reedição da política colonial, a RTP ajuda a explicar o que é uma regionalização central e não nos livramos da administração napoleónica nem salazarista: somos os modernistas do atraso.



José Sousa Montelero

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.

Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...

Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao VÍDEO.

Reservas pelos Telefones: 54 05 32 - 54 33 12 - 989 45 84 - 92 75 50 93, ou: — VÍDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Andámos meio milénio em África e, por vezes, é como se nunca lá tivéssemos estado. A representação de «Tchiloli - Tragédia do Marquês de Mântua» pelo grupo santomense «Formiguinha da Boa Morte» veio, pelo menos, demonstrar o muito que ainda precisamos de apreender sobre as ex-colónias

Intrigas palacianas numa ilha tropical

Foi em 1492 que D. João II enviou Álvaro Caminha ao Golfo dos Biafras para na ilha de São Tomé, deitar à terra as fundações de uma cidade. E D. Álvaro ficou, como muitos portugueses ao longo de quinhentos anos em que pouco se terá apreendido sobre o «continente negro» e os homens que o habitam desde tempos imemoriais. Se assim não tivesse sido, se ao antigo dominador o antigo dominado não passasse pouco mais que despercebido, como explicar que a representação de «Tchiloli - Tragédia do Marquês de Mântua» pelo grupo santomense «Formiguinha da Boa Morte», sexta-feira à noite, no anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian, tivesse o impacto somente conhecido pelos milagres e pelas revelações de todo inesperadas?

Se outros motivos não houvesse para justificar a passagem de «Tchiloli» pela Gulbenkian, ela valeria ape-

nas por isto mesmo: pelos olhares que eventualmente terá aberto para a especificidade de uma cultura africana que pouco ou nada se aproxima da nostalgia europeocêntrica de Karen Blixen ou dos mapas cor-de-rosa de há cem anos. Acontece, porém, que ao falar-se de «Tchiloli», fala-se também de uma aposta ganha no campo da estética. No auditório do jardim da Gulbenkian, a noite de Lisboa foi, na sexta-feira, uma noite do mato, com bambús, tambores, bombos e cestos contendo sementes (os chamados «sucalos») a encherem de sonoridades mágicas a narração destas intrigas palacianas algures numa ilha tropical, desde que ao iniciar a função, o príncipe D. Carloto assassina Valdevinos, o marido da sua muito amada D. Sibila.

Em São Tomé, o «Formiguinha da Boa Morte», com 17 actores (todos eles do sexo masculino) e uma

orquestra de oito elementos é apenas um dos grupos que representam a «Tragédia do Marquês de Mântua» de acordo com a tradição africana. Mas é também a eles que se deve a apresentação do género na Europa. Primeiro em Paris, com o apoio da «Maison des Cultures du Monde», emanação do Ministério da Cultura francês para os Estados estrangeiros, e só agora, em Lisboa, pela mão da Gulbenkian, onde hoje, às 21 e 30, está em cena a última representação, uma vez mais no anfiteatro ao ar livre, como convém a um trabalho preferencialmente encenado em pequenas clareiras da mata tropical.

Este espectáculo tem como base mais ou menos remota «A Tragédia do Marquês de Mântua», peça em verso que Almeida Garrett tinha na conta de «bela relíquia da nossa literatura popular e romanesca». Escrita no século XVI e atribuída (com algumas

reticências, para Garrett) ao poeta madeirense Baltasar Dias, a tragédia foi levada em data incerta para o Ultramar, onde uma tradição oral particularmente erosiva foi substituindo pormenores e acrescentando personagens. Os advogados de D. Carloto e do Marquês de Mântua, por exemplo, não constam do original que, de resto, teria um carácter muito menos judicial do que o da versão hoje representada. Afinal, quem «conta um conto, acrescenta um ponto» e sabe-se o quanto isto é significativo nas culturas em que a oralidade predomina (e de que maneira) sobre a escrita.

A riqueza inter-civilizacional desta peça e sua encenação é, no entanto, indelével. A par das sonoridades, das fibras vegetais e dos espelhos coloridos que adornam os fatos das personagens e que «falam» veementemente do que o povo de São Tomé fez a um texto a que chama seu, há que salientar também a presença portuguesa na história desta mesma peça.

Para além da origem do autor, para além do tema (uma história do ciclo carolíngio, muito em voga na Europa renascentista), há que aludir à importância da acção de Estanislau Augusto

Pinto, escrivão do Tribunal da Comarca em São Tomé para o estudo do folclore dos naturais da ilha e para a fundação da «Sociedade Africana 23 de Setembro», local onde em 1880 se terá representado pela primeira vez a peça a que tivemos ocasião de assistir no fim-de-semana. Com surpresa para a maioria. Mas um povo que viajou pelo mundo inteiro, não deveria ser tão ingenuamente apanhado em contramão. A menos que, em nome de alegadas modernidades, já tenha vendido a alma e esquecido o passado...

Maria João Martins



«Tchiloli», uma tragédia à moda africana no anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian

B R E V E S

Mosteiro dos Jerónimos parcialmente encerrado

O secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, ordenou sexta-feira o encerramento temporário de uma parte do Mosteiro dos Jerónimos, na sequência de anomalias detectadas na estrutura do edifício. Foi ainda determinada a realização, pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, de uma inspecção geral ao estado daquele edifício.

Kantianos em Portugal

Terça, quarta e quinta-feira, no Instituto Alemão de Lisboa, sob o lema "200 Anos da 'Crítica da Faculdade de Julgar', estarão reunidos investigadores de Espanha, Itália, Bélgica, Alemanha, Japão, Estado Unidos e Portugal. Serão apresentadas doze comunicações. As sessões, públicas, iniciam-se sempre às 10 horas.

Festival de Cinema do Algarve

O filme «Lon Walk Home», realizado por alunos da Universidade da Califórnia, venceu o Grande Prémio do XIX Festival Internacional de Cinema do Algarve, que ontem terminou em Portimão. O mesmo filme recebeu o Prémio da melhor Ficção. Na Secção Independente, Francisco Lança foi o vencedor na área de animação, com o filme «Mar Português», que também obteve o Prémio Especial "Descobrimientos Portugueses".

NA EUROPA-AMÉRICA

...As Histórias dos Homens que inventaram o Futuro e da Lei da Morte se libertaram

PUBLICAÇÕES
EUROPA-AMÉRICA
1945
1990
45
ANOS
DE INDEPENDÊNCIA

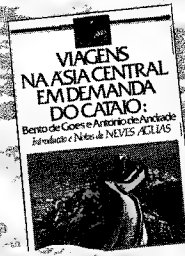
A AVENTURA PORTUGUESA

A descoberta de terras e homens desconhecidos. Os relatos apaixonantes daqueles que passaram além do Bojador.



A crónica de viagem, a aventura, a análise das sociedades, o relato do combate, a observação científica, a fantasia em documentos da época. Uma colecção imprescindível para que não se apague, das futuras idades, a memória dos homens.

1. BREVE HISTÓRIA EM QUE SE CONTA A CONQUISTA DO REINO DO PEGU NA ÍNDIA ORIENTAL



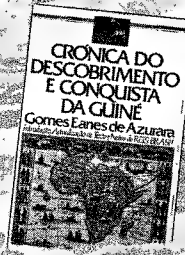
2. VIAGEM NA ÁSIA CENTRAL EM DEMANDA DO CATAIO



3. O SOLDADO PRÁTICO



4. HISTÓRIAS DE DOM CRISTÓVÃO DA GAMA NOS REINOS DO PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS



5. CRÓNICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA GUINÉ



6. VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS



7. ROTEIRO DA PRIMEIRA VIAGEM DE VASCO DA GAMA

LEVE 3 PAGUE 2

Se encomendar 2 livros receberá inteiramente grátis a primeira obra desta colecção: Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama.

Oferta válida até 15 de Julho de 1990 e apenas para encomendas efectuadas pelo cupão ao lado.

Envie-me os livros assinalados com um X

☐ À cobrança
☐ Junto remeto\$ em cheque ou vale postal (e poupo as despesas de cobrança dos CTT)
☐ 1 - 1290\$00 ☐ 2 - 1120\$00 ☐ 3 - 1150\$00 ☐ 4 - 1150\$00
☐ 5 - 1680\$00 ☐ 6 - 2190\$00 ☐ 7 - a minha oferta

NOME
PROFISSÃO
MORADA
Cód. Postal Localidade

Recorte este cupão e envie para Ap. 8 - 2726 Mem Martins Codex

1 7 0 3 9 0

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«O Rei e a Rosa» estreou-se, quinta-feira, no Teatro Maizum. É a 12ª produção desta Companhia que, desapoiada pelos poderes públicos, continua a apostar na versatilidade dos profissionais que tem em casa

El-Rei Narciso

Os golpes duros não são os que mais desgastam. Piores, são os males que se instalam para que a eles nos habituemos, como esta impossibilidade de comunicarmos com o outro, afinal, tão característica do homem contemporâneo. Filipe Petronilho pegou no tema e escreveu uma fábula: «O Rei e a Rosa» que o Teatro Maizum estreou quinta-feira, numa encenação de Silvina Pereira, nossa interlocutora nesta entrevista, em que se fala das dificuldades estruturais do teatro na cidade e da história de um rei que se poderia chamar Narciso...

- Porquê «O Rei e a Rosa», agora?

- O «Rei e a Rosa» é a 12ª produção do Teatro Maizum e foi escrito por um actor da Companhia, o Filipe Petronilho. Depois de termos trabalhado com autores consagrados (Fialho de Almeida, António Botto), optámos por este texto que nasceu dentro do nosso teatro. Temos uma equipa versátil, o que até é muito natural. Shakespeare, Molière, escreveram e dirigiram; há muitos autores contemporâneos que fazem o mesmo. Julgo que uma pessoa ao ter propensão para a escrita e ao viver no meio teatral, acaba por escrever também. O Alfredo de Brito tem um papel na peça e fez a cenografia. Eu própria interpreto e enceno.

- O que é o trabalho de encenação face ao trabalho do actor? Uma actividade complementar?

- O actor cria signos, o encenador dá a um texto uma grelha de significações, como o historiador perante um documento histórico. Claro que a História é ciência e no teatro não tem de haver lógica, não tem que «bater tudo certinho». Mas o trabalho do encenador é um bocado fazer falar aquele material num espaço. Não creio que se possa falar de complementariedade. No espectáculo, o actor é uma parte, o encenador é o sistema das diferentes partes. Mas se quer que lhe diga o que é a carne do espectáculo, dir-lhe-ei que é o actor. Pode haver teatro sem encenador, agora sem actor...

A peça

- Regressando à peça propriamente dita, para além de encenar um texto «da casa», houve outras motivações para fazer este «O Rei e a Rosa»?

- Na verdade, sentimos que estamos a trabalhar um texto que é uma proposta nova na dramaturgia portuguesa. Se as companhias não criarem novos textos, se não incentivarem o aparecimento de novos dramaturgos, vamos passar o resto das nossas carreiras a encenar e a inter-



Alfredo de Brito, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes e Silvina Pereira

pretar autores de há 100 ou de há 50 anos e o facto é que nós vivemos agora.

- Então, este texto reflecte de alguma forma a actualidade?

- Sim, creio que levanta questões que nos pareceram pertinentes, modernas... «O Rei e a Rosa» é uma história de narcisismo, há um rei que investe demasiado em si, desistindo ao mesmo tempo da comunicação com os outros e encontrando a loucura. Por outro lado, esta fábula do rei acaba por ser atravessada por uma série de textos sobre o

crescer, não quer casar, não quer procriar, não quer. Claro que isto é teatro e no final passa-se do nível da realidade para o da poesia. A essencialidade do texto está também neste aspecto.

- Visto isto, ao contrário do que se podia pensar à partida, «O Rei e a Rosa» não é um espectáculo infantil...

- De forma alguma. O que há são os conflitos arcaicos e a recusa em crescer do rei.

- Houve, assim, dificuldades especiais nesta encenação?

- Cada espectáculo é um mundo, um «enigma» que é preciso escarpelizar. Só que a dado momento o «enigma» tem várias portas e há que escolher uma delas. É doloroso. Mas o interessante é uma pessoa aperceber-se de que podia haver outras portas. Num texto como este, há várias portas possíveis e é essa a maior dificuldade. Creio que, depois, as coisas devem correr ao nível da intuição...

- A intuição é muito importante para si, para o desenvolver do trabalho criativo?

- É evidente. Claro que a cognição permite deslindar, interpretar o «enigma» que é um espectáculo e as suas linhas de força, mas como este não é um universo de lógica científica, a zona de afectividade é mais importante que a de cognição. Mas não há incompatibilidade entre um aspecto e outro.

Teatro Maizum sem apoios oficiais

- O Teatro Maizum dispõe de apoios oficiais?

- Não, nem para esta peça, nem para o Fialho de Almeida, nem para o Botto. Há dois anos que não temos um escudo da Secretaria de Estado da Cultura. Nem sequer recebemos subsídio de montagem.

- E a que é que atribui esta situação?

- Não sei... sinceramente.

- E como que resolvem o problema? Como é que encenam os espectáculos?

- Com muita imaginação, é quase um milagre. Estabelecemos trocas publicitárias e sobretudo pedimos muitos favores. Cada membro da Companhia vive a perguntar-se: «Como é que vou resolver isto?». Quando começamos uma montagem, o primeiro ponto a ficar assente é que não há dinheiro. Somos um bocado como um pintor que faz um quadro com restos de pintura de outros colegas. O pior é que o público não pode vir ao teatro e sentir que está a ver uma espécie de mutantes. E, por outro lado, quando se fala e não há «feed-back» há desistência. Não do teatro, claro... porque é preciso querer-lhe ainda mais.

Seria muito bom que ele fosse visto como uma arte ímpar pela comunicação que envolve, pelo prazer do lúdico. Hoje pergunta-se onde se pode ir ao teatro e ninguém responde, porque ninguém sabe... A um dado momento, as companhias passaram para caves e segundos andares, estão quase escondidas na cidade. E com isto é que a SEC se deveria preocupar...

- Segundo julgo perceber do que disse, as estruturas são tão imprescindíveis como os textos para chamar o público ao teatro...

- Claro que sim, se houvesse possibilidade do público ser mais assíduo, ele depois canalizar-se-ia para as companhias. A verdade é que o teatro é feito de forma marginal, o que, no entanto, não corresponde à vontade dos criadores. Mas, afinal, são os poderes, não as companhias, quem tem de resolver problemas estruturais.

Maria João Martins

Bilhetes para os Rolling Stones já estão à venda

Os bilhetes para o espectáculo dos Rolling Stones estão a partir de hoje à venda nos balcões do Montepio Geral e por intermédio da Câmara Municipal de Lisboa nos Teatros Maria Matos e São Luís. Recorde-se que os bilhetes estão a ser vendidos ao preço de 6500 escudos (lugares sentados e marcados) e de 5500 (lugares não marcados).

Historiador Charles Boxer condecorado por Mário Soares

O presidente da República impôs quinta-feira, na Universidade Católica, a Grã-Cruz da Ordem de Santiago de Espada ao historiador inglês Charles R. Boxer, especialista em estudos da expansão portuguesa.

IPPC tem novo vice-presidente

A arquitecta Margarida Veiga tomou quinta-feira posse do cargo de vice-presidente do Instituto Português do Património Cultural. A nova vice-presidente será responsável pelos museus, palácios e fundações do Estado.

Debate com Jean Cazeneuve no Instituto Franco-Português

O Instituto Superior de Comunicação Empresarial promove, amanhã, pelas 18 e 30, um debate sobre «A Televisão e a Responsabilidade Social». O debate que terá lugar no Instituto Franco-Português, contará com as participações dos especialistas franceses Jean Cazeneuve e Denis Huismann.

Duas jovens portuguesas no «Up With People»

A Fundação das Casas de Fronteira e Alorna (L. de S. Domingos de Benfica, 1) organiza no próximo dia 27, a partir das 18 horas, mais uma visita temática, na sequência de outras sempre efectuadas no último domingo do mês e conduzidas por especialistas.

Esta visita - a 23ª - será guiada pelo Professor Caldeira Cabral e terá como tema a «Representação da Flora nos Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira».

O preço da visita é de 500 escudos por pessoa, devendo os interessados fazer marcação prévia através do telefone 782023.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

colaboração da
MAISON DES CULTURES DU MONDE

4 representações: 25, 27, 28 de Maio às 21.30h, dia 26 às 16h

AUDITÓRIO DE AR LIVRE

TCHILOLI

Pelo Grupo

FORMIGUINHA DA BOA MORTE de São Tomé

Interpenetração de formas europeias e africanas, uma das formas teatrais mais eficazes e válidas hoje conhecidas.

Bilhetes à venda na bilheteira do
ACARTE (R. Nicolau Bettencourt). Preço 500\$00.

Descontos de 50% a jovens até 18 anos, portadores do cartão jovem, artistas de Teatro, universitários até 25 anos.

m/12 anos

DESPORTO

Juniões

Portugal fora do pódio

Desta vez, Carlos Queirós não viu o seu capitão subir ao pódio de uma prova internacional já que, na disputa do «bronze», Portugal perdeu (2-3), frente à formação polaca. Naturalmente, que os nossos miúdos componentes da selecção sub-16 ressentiram-se do esforço desenvolvido nos confrontos anteriores e a derrota imposta pela Checoslováquia na passada 5.ª-feira, poderá ter deixado marcas no estado psicológico dos jovens futebolistas.

O campeonato europeu foi conquistado pela Checoslová-

quia que, na final, venceu a Jugoslávia por 3-2 (após prolongamento). Por Portugal jogaram: Costinha; Sérgio, Alexandre Ribeiro, Hugo e Kennedy; Costa, Edgar (Nuno Afonso, 41 m), Poejo e Alexandre Monteiro; Nuno Santos e Porfírio (Hernâni, 30 m).

Campeonato Nacional

Benfica e FC Porto continuam a liderar o Campeonato Nacional, depois de, no confronto de ontem no Estádio da Luz, terem empatado a zero. No outro jogo da segunda jor-

nada da fase final, o Sporting venceu o Vitória de Guimarães, por 1-0, em Alvalade.

A última ronda da primeira volta realizar-se-á no dia 10 de Junho com os jogos Sporting-Benfica e Porto-Guimarães.

Esperanças: a resistência tem limites

A violência imposta quando do confronto com a França, não permitiu a António Oliveira colocar frente ao Brasil mais do que 10 elementos e, para aumentar a tamanha onda de fatalismo que atingiu a

nossa selecção de esperanças, Morgado fez um traumatismo craniano, Filipe sofreu uma pancada forte no joelho esquerdo, Rosário contraiu uma contusão na coxa e Paulo Madeira teve um agravamento na lesão no joelho esquerdo. Perante isto, a segunda parte durou apenas dois minutos em virtude de apenas termos em campo seis elementos e o Brasil venceu por 2-1.

O torneio foi ganho pela Inglaterra (que Portugal vencera no jogo inaugural) que derrotou, na final, a Checoslováquia por 2-1.

Futebol lá fora

Marselha «transbordou» da taça

Tal como cá, a Taça da França, em futebol, poderá ter o seu quê de ineditismo, caso o Racing de Paris, que baixou à II Divisão, vença o Montpellier na final do próximo dia 2 de Junho, no Parque des Princes.

O ex-club de Artur Jorge, onde militam os portugueses Sobrinho e Jorge Plácido, eliminou o campeão Marselha, por 3-2, nas meias-finais, enquanto o seu adversário deixou pelo caminho o Saint-Etienne.

Caso a vitória sorria aos parisienses, pela primeira vez na história do futebol francês, uma equipa que milita no escalão secundário estará presente numa prova europeia, neste caso a Taça das Taças.

Suiça: «dança» continua

Disputadas 13 jornadas da fase final do campeonato suíço, continua sem se saber para quem vai o título de campeão, tal a proximidade pontual que envolve as quatro equipas da frente.

Classificação: Grasshopper e Lausanne, 29 pontos; Neuchâtel Xamax e Lucerna, 28; Saint-Gall, 25; Lugano, 23; Young Boys, 21; Sion, 19.

RDA: Dresden campeão

O Dínamo de Dresden conquistou o título de campeão da República Democrática Alemã, ao vencer na última jornada (26.ª) o Lokomotiv de Leipzig e beneficiando da diferença entre golos marcados e sofridos sobre o Karl



Cagliari, Itália: polícias antimotim dentro de um campo de futebol

Marx Stadt, que terminou com o mesmo número de pontos.

Resultados: Dínamo Dresden - Lokomotive Leipzig, 3-1; Stahl Eisenhuettenstadt - Fortschritt Bischofswerda, 2-0; Berlim - Wismut Aue, 1-4; Hansa Rostock - Rot Weiss Erfurt, 4-1; Carl Zeiss Jena - Stahl Brandenburg, 2-2; Karl Marx Stadt - Magdeburgo, 1-0; Chemie Halle - Energie Cottbus, 3-0.

Polónia: título quase no Lech Poznan

A uma jornada do fim do campeonato polaco, o título está praticamente entregue ao

Lech Poznan, que venceu na penúltima jornada o Ruch Chrozow, por 2-0.

De atender que no campeonato polaco as vitórias por mais de três golos são premiadas com 3 pontos, enquanto as derrotas por idêntica marca são penalizadas com 1 ponto:

Resultados da 29.ª jornada: LKS Lodz - Zagłębie Sosnowiec, 4-0; Wisla Krakow - Legia Warszawa, 0-0; GKS Katowice - Zawisza Bydgoszcz, 2-1; Lech Poznan - Ruch Chorzow, 2-0; Stal Mielec - Motor Lublin, 12; Jagiellonia Bialystok - Zagłębie Lubin, 1-2; Gornik Zabrze - Widzew Lodz, 2-2; Slask

Wroclaw - Olimpia Poznan, 0-1.

Hungria: campeonato para o Ujpest

O Dozsa Ujpest conquistou o campeonato húngaro de futebol maior após vencer na última jornada (30.ª) o Honved de Budapeste, ronda que forneceu os seguintes resultados:

Csepel Budapest - Bekescsaba, 2-0; Ferencváros Budapest - Vasas Budapest, 3-3; Dozsa Ujpest - Honved Budapest, 2-0; Izzo Vac - MTK-VM Budapest, Pecs - Szombathely, 4-1; Debrecen - Veszprem, 1-0; Videoton - Waltham - Raba Eto Goyor, 1-0; Siofok - Tatabánya, 1-3.

Nacional da II Divisão Zonas Norte e Centro jogam até ao fim

Zona Norte

Marco - Bragança, 0-2; Aves - Trofense, 2-1; Gil Vicente - Leixões, 1-0; Infesta - Varzim, 1-3; Joane - Paços de Ferreira, 2-1; Freamunde - Famalicão, 0-0; Rio Ave - Felgueiras, 2-2; Maia - Fafe, 0-0; e Vianense - Vizela, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º G. VICENTE	33	21	5	7	49-25	47
2.º Famalicão	33	17	11	5	52-24	45
3.º Aves	33	18	6	9	46-30	42
4.º Maia	33	15	11	7	47-30	41
5.º P. Ferreira	33	17	6	10	53-34	40
6.º Freamunde	33	14	12	7	43-31	40
7.º Varzim	33	15	8	10	46-34	38
8.º Leixões	33	13	8	12	45-41	34
9.º Fafe	33	13	8	12	41-29	34
10.º Rio Ave	33	10	11	12	44-46	31
11.º Infesta	33	11	8	14	51-52	30
12.º Felgueiras	33	10	9	14	28-44	29
13.º Bragança	33	11	7	15	36-52	29
14.º Joane	33	9	11	13	30-37	29
15.º Vianense	33	10	6	17	36-51	26
16.º Vizela	33	9	7	17	33-45	25
17.º Trofense	33	7	7	19	28-59	21
18.º Marco	33	3	7	23	17-62	13

Próxima jornada: Trofense - Marco; Leixões - Aves; Varzim - Gil Vicente; Paços de Ferreira - Infesta; Famalicão - Joane; Felgueiras - Freamunde; Fafe - Rio Ave; Vizela - Maia; e Bragança - Vianense.

Zona Centro

Oliveira do Bairro - Águeda, 0-3; Lamas - Castelo Branco, 0-0; Viseu - Oliveirense, 3-0; Guarda - Peniche, 2-0; Académica - Leiria, 2-0; Mirense - Lousanense, 1-1; Marialvas - Caldas, 0-0; Salgueiros - Mangualde, 6-0; e Covilhã - Espinho, 0-3.

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO	33	23	4	6	64-19	50
2.º Salgueiros	33	21	7	5	80-23	49
3.º Leiria	33	19	9	5	58-18	47
4.º Académica	33	19	5	9	54-31	43
5.º Viseu	33	16	8	9	53-32	40
6.º Águeda	33	14	8	11	40-35	36
7.º Mirense	33	13	9	11	41-37	35
8.º Covilhã	33	15	3	15	38-40	33
9.º C. Branco	33	12	9	12	32-41	33
10.º Lamas	33	15	2	16	45-47	33
11.º Marialvas	33	11	9	13	29-33	31
12.º Mangualde	33	14	2	17	45-53	30
13.º Guarda	33	12	5	16	29-52	29
14.º Caldas	33	12	4	17	30-52	28
15.º Oliveir.	33	10	6	17	35-44	26
16.º Lousanense	33	9	7	17	34-58	25
17.º O. Bairro	33	3	10	20	23-64	16
18.º Peniche	33	3	5	25	16-67	11

Próxima jornada: Castelo Branco - Oliveira do Bairro; Oliveirense - Lamas; Peniche - Viseu; Leiria - Guarda; Lousanense - Académica; Marialvas - Mirense; Mangualde - Caldas; Espinho - Salgueiros; e Águeda - Covilhã.

Zona Sul

Torreense - Elvas, 1-0; Évora - Vila Real, 1-1; Sintrense - Alverca, 1-0; Morcavide - Seixal, 1-1; Estoril - Atlético, 3-2; Silves - Barreirense, 1-1; Olhanense - Samora Correia, 3-0; Louletano - Évora, 2-4; e Portalegrense - Farense (disputa-se na próxima 4.ª-feira).

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE	32	24	5	3	76-20	53
2.º Louletano	33	18	10	5	51-22	46
3.º Barreirense	33	20	5	8	53-24	45
4.º Elvas	33	17	8	8	49-25	42
5.º Torreense	33	17	8	8	54-24	42
6.º Estoril	33	15	12	6	36-27	42
7.º V. Real	33	13	14	6	41-24	40
8.º Juventude	33	12	12	9	41-44	36
9.º Alverca	33	12	10	11	39-41	34
10.º Olhanense	33	12	9	12	36-36	33
11.º Silves	33	9	13	11	34-32	31
12.º Évora	33	8	11	14	39-52	27
13.º Seixal	33	9	7	17	27-51	25
14.º Morcavide	33	8	7	18	32-54	23
15.º Atlético	33	8	7	18	38-46	23
16.º Portalegr.	32	5	11	16	28-70	21
17.º Sintrense	33	5	7	21	21-62	17
18.º S. Correia	33	1	10	22	19-60	12

Próxima jornada: Vila Real - Torreense; Farense - Juventude; Alverca - Portalegrense; Seixal - Sintrense; Atlético - Morcavide; Barreirense - Estoril; Samora Correia - Silves; Évora - Olhanense; e Elvas - Louletano.

TOTOBOLA

G. Vicente - Leixões	1
Infesta - Varzim	2
Joane - P. Ferreira	1
Freamunde - Famalicão	X
Maia - Fafe	X
O. Bairro - Águeda	2
Lamas - C. Branco	X
Académica - Leiria	1
Covilhã - Espinho	X
Torreense - Elvas	1
Sintrense - Alverca	1
Morcavide - Seixal	X
Silves - Barreirense	X

A nossa aposta

Leixões - Aves	X
Varzim - G. Vicente	2
Felgueiras - Freamunde	X
Vizela - Maia	X
Peniche - Viseu	2
Lousanense - Académica	2
Espinho - Salgueiros	1
Águeda - Covilhã	1
V. Real - Torreense	1
Atlético - Morcavide	1
Barreirense - Estoril	1
Évora - Olhanense	1
Elvas - Louletano	1

TOTOLOTO

2 - 4 - 6 - 11 - 32 - 48 (38)

Segundo informações recolhidas junto do Departamento de Apostas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, à hora do fecho desta emissão apenas tinha sido escrutínio um concorrente (anónimo de Faro) com direito ao primeiro prémio do totoloto, cabendo-lhe a bonita soma de 65 590 contos. Quanto aos demais prémios as previsões são: 2.º prémio: 9 a 10 (2126 contos), 3.º prémio: 441/470 (122 800\$00), 4.º prémio: 29 920/31 940 (1800\$00), 5.º prémio: 599 000/640 000 (144\$00).

Quanto ao totobola acertaram no treze, dois apostadores (um anónimo de Sines e Fernando Tavares Relva, de Vale de Cambra) recebendo cada um 17 403 930\$00, com 12 foram encontrados 123 aos quais caberão 149 702\$00 e com 11 serão 1865 e receber 9873\$00.

Final da Taça de Portugal: Estrela, 1-Farense, 1

Avance outro espectáculo de luxo

Belo, lindo, autêntico hino à clareza apaixonante do futebol bem jogado. Duas horas que foram desaparecendo na vertigem, sucessivamente recriada por nova avalanche de instantes soberbos, que iam dando regalado pôr do sol aos quase 40 mil que (sem a menor sombra de dúvida) deram por excelentemente empre-

gues os 23 mil contos que ficaram na bilheteira desta inédita final da Taça de Portugal que, pela 3.ª vez na sua história, obrigará a uma decisiva no próximo domingo.

Fique-se, desde já, com o sinal do espectáculo: magnífico, opíparo, fulgurante. De longe, se não morássemos nestas bandas e, pelo contrário,

habitássemos país distante, seria perfeitamente possível confundir Estrela e Farense com alguns dos supremos donatários de bom cotado futebol ufeiro, porque o «show» rubricado, para além de tocar alta escala emocional, teve momentos de intenso brilho e nada ficou a dever ao melhor que poderia ser exibido por

mais credenciados pares do reino.

Antes

Já lá vamos. Antes da 1.ª apitadela do portuense Manuel Nogueira (felizmente um juiz em despedida, sem qualquer rasto de saudade ou sinal de prestígio além da mais absoluta mediocridade), ainda

Valentim Loureiro falando de Isaias e afirmando que o público ia ver como «o João Alves sabe armar um «team» e Bobó vai ser um espectáculo no Boavista». João Santos falava longamente com Jorge Gonçalves, ninguém percebendo que raio de conversa do «homem dos bigodes» poderia tanto interessar o «leader» benfiquista. Sousa Cintra passeava o sorriso entre as mesas. Jorge Nuno Pinto da Costa e João Rocha (tão inimigos que fo-

destinado à Comunicação Social chega uma notícia que não se consegue confirmar, porque os olhares estavam já assentes no tapete verde: «Pinto de Sousa (o ainda recente presidente dos árbitros) não teve acesso à tribuna».

Primeira parte de brilhantismo amadorese. O Estrela, sem poder contar com Ricky e Pedro Xavier (lesionados) fazia aposta no serpenteante Basaúla que, pelo tempo fora, seria (apenas e só) o melhor



Paulo Bento e Pereirinha em despique

Basaúla e Caetano: «amarelos» tiram-lhes a finalíssima

Arbitragem do portuense Manuel Nogueira, falhando no capítulo disciplinar. Esteve acompanhado por Neves da Silva e José Ribeiro. As equipas:

ESTRELA DA AMADORA: Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Bobó (Nelson Bortes aos 76 minutos); Rebelo, Paulo Jorge (Ricardo Lopes, 2.ª parte) e Paulo Bento; Basaúla e Baroti.

SPORTING FARENSE: Lemagic; Sérgio Duarte; Carlos Pereira (Ricardo Narsevicius, 93); Marco e Eugénio; Pererinha, Ademar, Nelo e Formosinho (Mané, 65); Fernando Cruz e Pítico.

Golos: Nelson Borges (93) e Fernando Cruz (117). Cartão amarelo para Caetano, Basaúla, Nelo e Lemagic. Os dois jogadores do Estrela, por acumulação de cartões, ficam excluídos da finalíssima.

ram...) deliciavam-se no centro de um conclave que, no termo da partida, estava reconstituído e com reforços: Ribeiro de Magalhães, Fernando Martins, muito especialmente Alexandre Alves, que assumiu funções de comandante de larga quota do auditório.

A chegada de Cavaco Silva ao lugar de maior honra apressou a última debandada. Roberto Carneiro, Mirandela da Costa, João Rodrigues, os chefes em festa (José Hernando do Estrela da Amadora e António Boronha do Farense), todos os habituais ocupantes das tribunas principais dos estádios, lá estavam. E, muitas senhoras: as esposas do presidente federativo e do comandante circulando com perfeito à vontade, aqui e ali um garotinho delirando com o festim.

Durante

E veio o jogo. Ao corredor

artista em palco. Um insólito letreiro saltava à distância: «João Alves para 1.º Ministro». O treinador riu:

— Quem é que teria sido a ideia? Eu nem percebo patavina de política...

Alvaro Braga Júnior anunciava:

— O Farense fez contrato com a Adidas, por duas épocas. Mas, se acertar os últimos pormenores, mudo-me para o Sporting.

O jogo desfilava. Muito rápido, cheio de alegria, qualquer dos símbolos decididamente apostado em colocar gelo na espinha contrária. Marco salva um golo sobre o risco: estrelinhas atacam a jacto. Duílio põe à prova a atenção de Lemagic. No entanto, a coisa não parece fácil: o Farense não veio a Lisboa para (minimamente) entristecer os 12 mil amigos que trouxe do Algarve.

faltava muito para o bloco do capitão Merino, com os seus Falcões Negros, descer dos céus com a esferinha branca e, no pavilhão montado pela Olivadesportos na praça de acesso à tribuna, já se acotovelava gente conhecida. Mandatários de clubes em molhinho:



Cavaco Silva ladeado por Roberto Carneiro e João Rodrigues

UNICAR

Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem



VIATURAS USADAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 GTL 5 p — 1237 cc	1986
Renault 5 GTR 3 p — 1237 cc	1987
Renault 5 TX Extras	1984
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Alfa Sprint Veloce 1.5	1981
Seat Ibiza 1.2	1987
Renault 21 GTS	1988

Para peças de origem
consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

3.º Juízo — 2.ª Secção

O Doutor António Manuel Freire Valente, Meretíssimo Juiz de Direito do 3.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, faz saber que foi designado o dia 22 de Junho de 1990 pelas 9.30 horas, neste Tribunal, sito na Av. Almirante Reis n.º 130-6.º Dit.º — Lisboa, para julgamento nos autos de contrato individual de trabalho, registados sob o n.º 584/89 em que são autora Ana Lúcia Teixeira Gonçalves, residente na Estrada do Pogo de Baixo n.º 5 Charneca do Lumiar 1700 Lisboa e réu Naffim Mussa Hussein Baby, com última residência conhecida na Urbanização da Portela Lote 71-1.º Esq.º — 2885 Sacavém.

Mais fica notificado o réu, ausente em parte incerta de que deve comparecer pessoalmente na audiência sob a cominação do artigo 89 do Código do Processo do Trabalho.

Para constar se lavrou o presente e outro de igual teor.

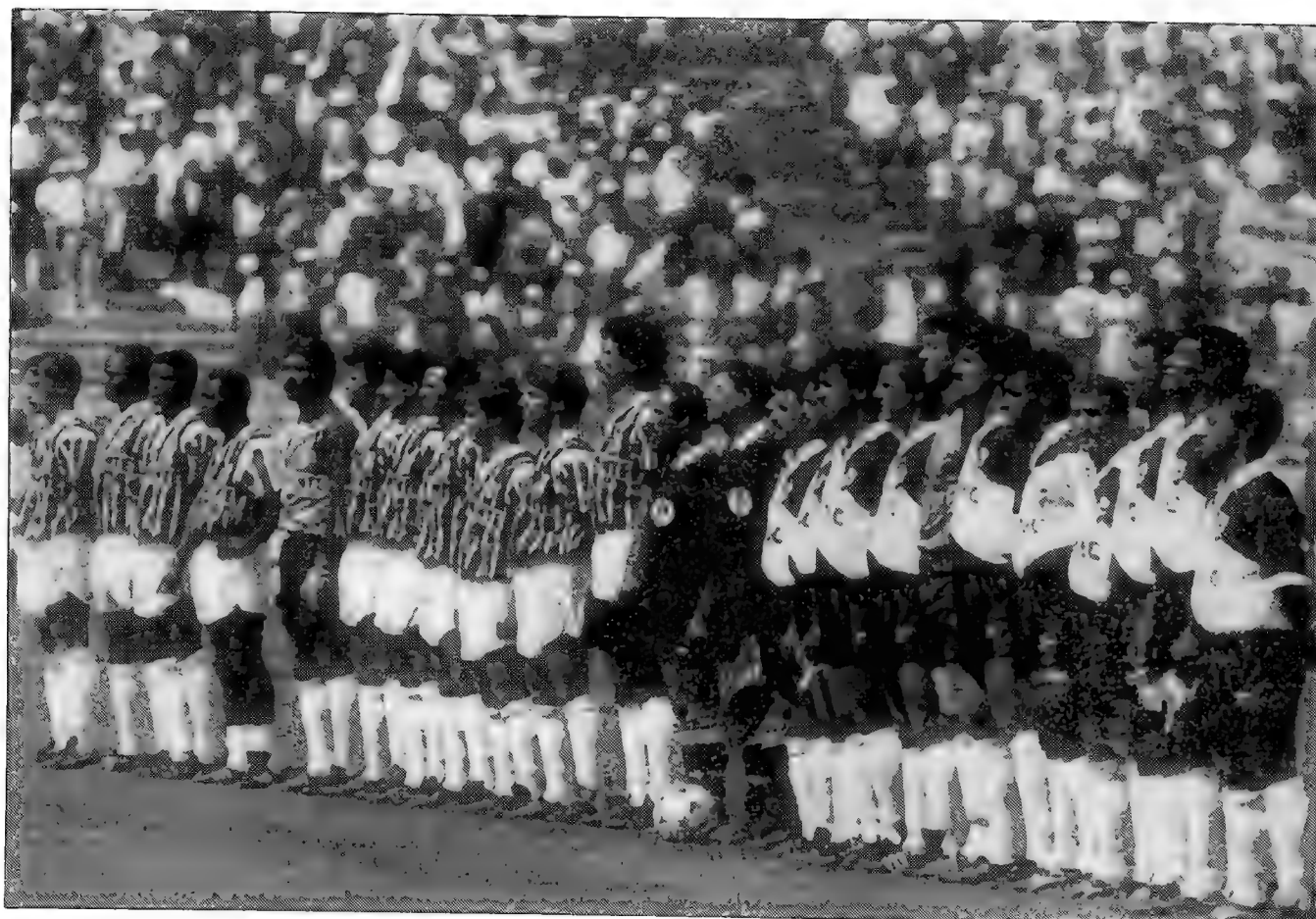
Lisboa, 17 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
António Manuel Freire Valente

O Escrivão Adjunto
Joaquim António Mendes Martins

«DL» — 1.ª Pub. 28/5/90

DESPORTO



Perfil para repetir

Viu-se isso, mais que perfeitamente, na 2.ª talhada da melancia. A equipa de Paco Fortes, sensacionalmente cumprindo uma temporada de ouro em que, de fio a pavio, justificou a etiqueta da melhor água, passou a dominar no centro mais nevralgico das operações e Melo ficou obrigado a ter sete olhos para a bolinha. E, enquanto Manuel Nogueira ia fazendo vista grossa a algumas jogadas subrepticiamente envoltas em arame farpado, alternavam-se os sustos, ganhando as espaldas do aplauso os dois guardiões mais os protectores directos (Sérgio Duarte que se diz nas cogitações do Benfica e Duílio que deixou vago o posto no Sporting), mais Marco e Caetano, as duas cortinas com uma atenção sem fronteira a tudo o que era movimento adverso.

O pagode regalava-se: 90 minutos de delícia. Quem foi que colocou reticências a um recital fareense e estrelista?

Mais adiante

Avançou o prolongamento, praticamente com o tento de Nelson Borges, prémio justo para um executante de mérito. Poderia estar encontrado o pavilhão triunfante mas (alma até Almeida!) os algarvios não baixaram os braços. E, num foguete, carregando a toda a brida, obrigavam Melo a mostrar que os 40 no bilhete de identidade são trepa pura.

Caminhava-se para a limpeza da mesa quando surgiu o mais que justificado sinal de paridade: «tiro» de Fernando Cruz, toque infeliz de Rui Neves, toda a gente metendo a ferramenta na mala para voltarmos ao Jamor daqui a uma semana.

Ficavam no lhar exhibições de quilate: Melo fez um voo (travando o disparo de Eugénio) que Tafari ou Galli gostariam de rubricar, Lamejic fez, antes coisa semelhante a tiro de Bobó. E, roçando a mesma pontuação de topo, fi-

cavam Basatila e Nelson Borges, Nelo e Ademir, Duílio e Caetano, Eugénio e Pereirinha, Barny e Fernando Cruz, Sérgio Duarte e Marco, muito especialmente Pitico e Mané que são duas encomendas que faz favor de tirar da frente da

por aí, em relação a uma possível saída do Branco para um clube de Lisboa, é rotundamente falso: ele ainda tem dois anos de contrato com o Porto e a gente não o dispensa para nenhuma colectividade portuguesa.

Olhe: daqui a alguns dias já



Fernando Cruz: autor do gol que determinou a finalíssima

mais cotada das cortinas defensivas.

Depois

Quando a função começava a diluir-se, os jornalistas descobriam que a chamada «sala de Imprensa» tinha sido apropriada pelos serviços de controlo médico e as figuras a entrevistar espalhavam-se na confusão de veículos que enchia a zona de passagem entre as cabinas e o túnel de entrada para o relvado. Houve debandada para o local onde começavam novamente a juntar-se os vips. Jorge Nuno Pinto da Costa, com o filho, Alexandre, ao lado, dizia-nos:

— Tudo isso que já vi escrito

lhe poderei adiantar o nome de uma grande truta que vem para as Antas...

— Brasileiro? Europeu?

— Fixe isto: talvez as duas coisas...

Arbitragens

Era grande o conclave em torno de Lourenço Pinto, que estava quase umbilicalmente ligado ao árbitro João Mesquita. O sucessor de Pinto de Sousa veio ter connosco:

— Tenho a certeza de que estou a dar uma volta no panorama da arbitragem, mas isso parece que fez cócegas a algumas pessoas.

Calma mas animadamente, Lourenço Pinto acrescentou

de jacto:

— Até hoje, quem pior me tratou foi o meu colega Alve Henriques. Não nos conhecemos, não sei que mal lhe fiz, tenho uma vida intocável, estou no dirigimmo desportivo há 25 anos, não cai de pára-quedas na arbitragem...

Palavra: fiquei a modos que siderado. Mais ainda quando Lourenço Pinto, para justificar a escolha do sofrível Manuel Nogueira para arbitrar a final da Taça, confessou:

— Sabe? Nós fazemos duas listas classificativas dos árbitros: uma para o estrangeiro e outra só para nós. Muito logicamente mandámos para a FIFA o bloco dos internacionais nos lugares mais destacados. Por ordem: Furtunato de Azevedo, Pinto Correia, Vítor Correia, Veiga Trigo, Rosa Santos, Carlos Valente e Francisco Silva, os sete internacionais em lugar de honra. Mas, a nossa classificação ficou ordenada de modo diferente: os melhores foram Sampaio Santos, Jorge Coroador e Manuel Nogueira.

Agora veja: deste trio, Sampaio e Coroador são de Lisboa. Portanto, só o Manuel Nogueira é que merecia a escolha imparcial para dirigir a final da Taça.

Réplica nossa:

— Desculpe: esse critério não tem dominado em anteriores distinções para a festa no Jamor. Em 56, no Porto - Torreense, arbitrou o lisboeta Hermínio Soares. Em 59, o juiz do Benfica - Porto foi Décio de Freitas, que também era da capital...

— Outros tempos, meu amigo. Outros tempos...

Na moldura do Jamor já não havia alma viva. O grande sortilégio do futebol vivera-se no relvado. Cá fora, o joguinho vai sendo outro e, nesse cacharolote maneado entre bastidores, não há lugar para os ingénus, para os bem-aventurados, mesmo para alguns sabidões que (afinal) estão sempre aprendendo novos processos de ir vencendo na vida sem fazer força.

Neves de Sousa

Presidente do Marselha acusa:

Sporting e Porto subornaram árbitros

O presidente do Marselha ainda não digeriu bem a eliminação do seu clube da Taça dos Campeões Europeus, nem mesmo depois da «recompensa» que lhe foi dada na passada 4.ª feira pelo holandês Rijkaard que, com um remate certo impediu que o mais prestigiado troféu futebolístico a nível continental viesse para o Museu do Benfica.

Com efeito, Bernard Tapie, remeteu no passado dia 19, uma carta à comissão executiva da UEFA acusando dois clubes portugueses de subornarem árbitros em jogos das competições internacionais na qual informava e denunciava o número de contas bancárias e verbas envolvidas.

O dr. Silva Resende na sua qualidade de dirigente daquele organismo confirmou em entrevista concedida à RTP (programa «Remate») de que a denúncia foi efectivamente recebida na UEFA e será objecto de rigoroso inquérito feito através de uma comissão já nomeada.

A confirmarem-se as acusações de Tapie, serão graves as

consequências para os protagonistas (clubes, dirigentes e árbitros), mas se, não for apurada consistência da queixa do presidente do Marselha, será ele a ficar debaixo da alçada disciplinar uefeira.

Hoje mesmo, soubemos que o árbitro acusado é o belga Van Langenhove (coordenador do recente Benfica-Marselha) e os clubes visados por Tapie são o Sporting e o FC Porto.

Um caso que poderá tornar-se num indesejável escândalo para o futebol português. Nas próximas semanas tudo se saberá.

Recorde-se que, para além do recente Benfica-Marselha, o belga Langenhove arbitrou os seguintes jogos com participação de equipas portuguesas: Liverpool-Benfica (1984/85), Barcelona-FC Porto (23-10-85) e Porto-Vitkovice (5-11-86). Quanto ao outro árbitro que se presume tenha sido acusado por Bernard Tapie, é o galês Ronald Bridges, que dirigiu o jogo Sporting-Ajax, em 7 de Setembro de 1985.

Benfica já arrecadou vinte e dois troféus

ÉPOCA	FINALISTAS	RES	ÁRBITROS
1938/39	Académica-Benfica	4-3	António Palhinhas
1939/40	Benfica-Belenenses	3-1	Santos Palma
1940/41	Sporting-Belenenses	4-1	Álvaro Santos
1941/1942	Belenenses-Guimarães	2-0	Vieira da Costa
1942/43	Benfica-V. Setúbal	5-1	Araújo Correia
1943/44	Benfica-Estoril	8-0	Carlos Canuto
1944/45	Sporting-Olhaneense	1-0	Domingos Miranda
1945/46	Sporting-Atlético	4-2	José Lira
1946/47			
1947/48	Sporting-Belenenses	3-1	Libertino Domingos
1948/49	Benfica-Atlético	2-1	Paulo de Oliveira
1949/50			
1950/51	Benfica-Académica	5-1	Paulo de Oliveira
1951/52	Benfica-Sporting	5-4	Reis Santos
1952/53	Benfica-FC Porto	5-0	Evaristo Santos
1953/54	Sporting-V. Setúbal	3-2	Braga Barros
1954/55	Benfica-Sporting	2-1	Vieira da Costa
1955/56	FC Porto-Torreense	2-0	Hermínio Soares
1956/57	Benfica-Covilhã	3-1	Francisco Guerra
1957/58	FC Porto-Benfica	1-0	Álvaro Rodrigues
1958/59	Benfica-FC Porto	1-0	Décio de Freitas
1959/60	Belenenses-Sporting	2-1	Clemente Henriques
1960/61	Leixões-FC Porto	2-0	Décio de Freitas
1961/62	Benfica-V. Setúbal	3-0	Manuel Fortunato
1962/63	Sporting-Guimarães	4-0	Clemente Henriques
1963/64	Benfica-FC Porto	6-2	Rosa Nunes
1964/65	V. Setúbal-Benfica	3-1	Francisco Guerra
1965/66	Sp. Braga-V. Setúbal	1-0	Braga Barros
1966/67	V. Setúbal-Académica	3-2	Salvador Garcia
1967/68	FC Porto-V. Setúbal	2-1	Joaquim Campos
1968/69	Benfica-Académica	2-1	Ismael Baltasar
1969/70	Benfica-Sporting	3-1	Henrique Silva
1970/71	Sporting-Benfica	4-1	Francisco Lobo
1971/72	Benfica-Sporting	3-2	Francisco Lobo
1972/73	Sporting-V. Setúbal	3-2	Fernando Leite
1973/74	Sporting-Benfica	2-1	César Correia
1974/75	Boavista-Benfica	2-1	António Garrido
1975/76	Boavista-Guimarães	2-1	António Garrido
1976/77	FC Porto-Sp. Braga	1-0	Porém Luís
1977/78	Sporting-FC Porto	1-1	Francisco Lobo
1978/79	Sporting-FC Porto	2-1	Mário Luís
1979/80	Boavista-Sporting	1-1	Marques Pires
1980/81	Benfica-FC Porto	1-0	Rosa Santos
1981/82	Sporting-Sp. Braga	4-0	César Correia
1982/83	Benfica-FC Porto	1-0	Alder Dante
1983/84	FC Porto-Rio Ave	4-1	Raul Nazaré
1984/85	Benfica-FC Porto	3-1	Mário Luís
1985/86	Benfica-Belenenses	2-0	Vitor Correia
1986/87	Benfica-Sporting	2-1	Raul Nazaré
1987/88	FC Porto-Guimarães	1-0	Vitor Correia
1988/89	Belenenses-Benfica	2-1	Carlos Valente
1989/90	Farense-E. Amadora	1-1	Vitor Correia
	Farense-E. Amadora		Alder Dante
			Manuel Nogueira

DESPORTO

Fórmula Um: Senna do costume

No Mónaco, só sete carros terminaram a corrida

O brasileiro Ayrton Senna, em McLaren-Honda, consolidou o comando do Mundial de Pilotos de Fórmula Um, ao vencer o Grande Prémio de Monte Carlo, quarta prova da temporada.

Senna gastou uma hora e 52 minutos para percorrer as 78 voltas a uma média de 130,097km/hora, estabelecendo um novo recorde do circuito cittadino do principado.

A prova foi terminada apenas por sete dos 26 pilotos que largaram à partida e que ficaram assim ordenados: 1.º, Ayrton Senna (Brasil), McLaren - Honda, 01.52.46,982 horas; 2.º, Jean Alesi (França), Tyrrell, a 1,087 segundos; 3.º, Gerhard Berger (Áustria), McLaren, a 2,073; 4.º, Thierry Boutsen (Bélgica), Williams, a uma volta; 5.º, Alex Caffi (Itália), Arrows, a duas voltas; 6.º, Eric Bernard (França), Lola, a duas voltas; 7.º, Gregor Foitek (Suíça), Onyx, a seis voltas.

Com a vitória em Monte Carlo, a terceira no Mónaco e a 22.ª da sua carreira, Senna soma agora 22 pontos, sobre o seu colega de equipa, o austríaco Gerhard Berger, que ocupa o segundo posto, com 16. Seguem-se Jean Alesi (França), 13; Alain Prost, 12;



Nelson Piquet: alegando com a difícil situação económica do Brasil, o tricampeão do mundo quer obter a nacionalidade portuguesa

e Ricardo Patrese e Thierry Boutsen, ambos com 9 pontos.

O Mundial de Construtores é liderado pela McLaren, com 38 pontos, seguida da

Williams (18), Ferrari (15), Tyrrell (14), Benetton (10), Brabham e Arrows (2) e Lola (1).

Rali Rota do Sol
Joaquim Santos venceu o

rally Rota do Sol, beneficiando de uma penalização que a organização impôs a Carlos Bica, assim relegado para a posição secundária. No Troféu Renault venceu Bento Amaral

B R E V E S

Râguebi: Portugal sobe um degrau

A selecção nacional de râguebi, depois de ter vencido as suas congéneres de Marrocos (16-12) e a Bélgica (24-12), derrotou, no passado sábado, a Tunísia por 12-6 em encontro disputado no campo n.º 2 do Estádio Universitário, sendo promovido ao Grupo 1.

Basquetebol: Belenenses sobe

Ao derrotar a Sanjoanense por 102-99 o Belenenses conquistou o título nacional da 2.ª Divisão. Para o ano os azuis militarão na I Divisão.

Motociclismo: acidente mortal

O italiano Manfredini morreu durante uma prova disputada na Jugoslávia, quando seguia a mais de 200 km/hora. Entretanto, na RFA, Kevin Schwartz venceu o Grande Prémio, disputado na categoria de 500 cc.

Ténis: Nuno Marques em Roland Garros

Nuno Marques garantiu um lugar no quadro principal do Open de França, ao derrotar o italiano Enrico Cocchi, em apenas dois «sets», na última ronda do «qualifying». Nuno Marques, número 160 no «ranking» mundial, venceu Cocchi, (30.º jogador do mundo) por 6-3 e 6-0, após ter derrotado sexta-feira o francês Laurent Prades, por 7-5 e 6-3.

Halterofilismo: «Sara Duarte bate recordes

Sara Duarte, do Luso Futebol Clube, bateu os recordes europeus do arranque, arremesso e total na categoria de 48 quilos e classificou-se na 8.ª posição no Campeonato do Mundo de halterofilismo, em Sarajevo, na Jugoslávia.

Sara Duarte conseguiu 62,5 quilos no arranque, 72,5 kg no arremesso e 135 kg no total, batendo o seu próprio recorde do arranque (57,5 kg) e as marcas de 70 e 127,5 kg, no arremesso e total, respectivamente, na posse de uma atleta búlgara.

Voleibol europeu: juniores apurados

Apesar de derrotado na derradeira jornada da «poule» de qualificação para o Europeu de juniores, masculinos, a selecção portuguesa conseguiu o apuramento para a fase final da prova, na qual será acompanhada pela Jugoslávia, que foi a vencedora desta «poule».

Portugal perdeu ontem frente à Jugoslávia, por 3-0, mas o apuramento tinha ficado garantido na véspera, com a vitória sobre a Grécia.

O português Miguel Maia ganhou o prémio para o melhor passador e melhor jogador, enquanto o jugoslavo Laninovic Dejan, foi eleito como o melhor atacante em prova.

Ciclismo: Grande Prémio «O Jogo»

O espanhol Joaquim Martinez da Royal, continua a liderar a Volta ao Futuro, em ciclismo, prova organizada pelo jornal «O Jogo» cuja segunda etapa decorreu ontem, na distância de 155,5 quilómetros, com partida e chegada à Lourinhã.

O vencedor da etapa foi Bentcho Dimitrov, da Bom Petisco/Tavira, com o tempo de 4 horas e 09,19 minutos, que cortou a meta à frente do pelotão liderado por Orlando Rodrigues, da Notai/Águias, com mais um segundo.

Hóquei em patins: Sporting na Europa

Com o título já assegurado pelo FC Porto (o 7.º nos últimos oito anos) a derradeira jornada do Campeonato Nacional de hóquei em patins, tinha como pontos aliciados os encontros de Turquel, onde o Sporting conseguiu o «visto» para participar na próxima edição da Taça CERS (superando a Sanjoanense por melhor resultado nos encontros entre si) e do Barreiro, onde a Quimigal conseguiu escapar à descida automática, mas a sua permanência na 1.ª Divisão fica dependente do seu comportamento na «diguilla».



urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46 r/c-E

2800 ALMADA-PORTUGAL

☎ 2744257-2744256

Telex 61004 TRIALM P — FAX 2743653

VENDEMOS

LISBOA

Av. 5 de Outubro. Prédio devoluto, c/ 14,5 metros frente e 40 metros fundo. Pode-se construir 9 pisos.

Calçada do Lavra. Prédio devoluto. Lote c/ 440 m², área de construção 2206 m². Escritórios 5 pisos e clv.

Campo Grande. Lote c/ 464 m². Aprovado 10 pisos. Área de construção cerca de 4000 m².

Campo Pequeno. Terreno c/ cerca de 23 000 m². Aprovado para: Edifícios de escritórios, Hotel de Apartamentos, Centro Comercial e Parques de estacionamento. Área total de construção: 143 000 m².

R. Rosa Araújo (junto ao Hotel Altis) Lote c/ 450 m², aprovado, s/loja 426 m², cave, entrada e loja 426 m², r/c, loja 426 m² 8 pisos c/3918 m² área construção, 3 c/v est.

Morada. Centro a 50 metros praia. R/c, 1.º andar e terraço.

Vista panorâmica. Salões, casa jantar, 4 quartos c/roup. Jardim e quintal c/ furo.

R. Barata Salgueiro — R. Rodrigo da Fonseca. Lote c/900 m², aprovada, 7 pisos. Área construção acima do solo 3276 m², abaixo do solo 1379 m².

MARISOL

Morada de luxo c/piscina. Casa p/caseiro, barbecue e garagens. Área do lote 1100 m².

Lote de terreno c/420 m². Aprovado para moradia.

Lote de terreno c/700 m², murado. Proj. aprov. e licença paga. Para moradia.

CRUZ DE PAU — AMORA

Morada. R/c c/ 400 m², 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada. Central. Óptimos acessos.

VERDIZELA

Lote c/ 1050 m², urbanizado, c/ todas as infra-estruturas.

VÁRIOS

CORROIOS. Na Estrada Nacional 10. Urbanização aprovada para 310 fogos.

SOBREDIA DE CAPARICA. Urbanização aprovada para 80 fogos.

SOBREDIA DE CAPARICA. Andares prontos a habitar c/ 4 ass.

FERRERIA DO ZÉZERE/Lagoa de Dornes. Quinta c/3 ha, murada, casa c/ 10 ass., sótão e cave amplas. Adega, estábulos, pomar e vinha. Muita água, electric. e telef., junto a estrada alcatroada.

FERRAGUDO-ALGARVE. Junto à praia. Área total 92500 m², área a urbanizar 57 000 m², piscinas, courts de ténis, centro comercial, parques.

COVA DA PIEDADE-ALMADA. Unidade industrial c/ 1000 m² de área. Pronta a laborar. Bons acessos e localização.

Andebol Porto e Benfica não descolam

O Benfica quase que era novamente surpreendido na tarde de ontem, na partida com o Belenenses englobada na jornada n.º 8 da fase final do Nacional de andebol da 1.ª Divisão. Assim, oito dias após o inesperado desaire perante os bracarense do ABC, os actuais campeões nacionais viram-se e desejaram-se para levar de vencida a jovem turma orientada pela dupla Hernâni/Espadinha, nada menos que o emblema ocupante do posto (nada invejado) de lanterna vermelha, de parceria com o Boavista. Enfim, muitas dificuldades dos encarnados nesta fase periclitante por que estão a passar, longe da forma demolidora que ostentavam há cerca de um mês.

Os resultados completos foram os seguintes: Académica, 21 — ABC, 21; Sporting, 15 — Vit. Setúbal, 20; Boavista, 19 — FC Porto, 23 e Benfica, 19 — Belenenses, 18.

Benfica e Porto continuam iguais com 52 pontos, seguindo-se Setúbal (43), ABC (41), Académica (38), Sporting (37) e Boavista e Belenenses (33).

Seniores femininos

Se nos seniores masculinos tudo continua em aberto entre Porto e Benfica no que toca à atribuição do título máximo, entre as senhoras o emblema da águia averbou mais um Campeonato Nacional, renovando o feito da época transacta.

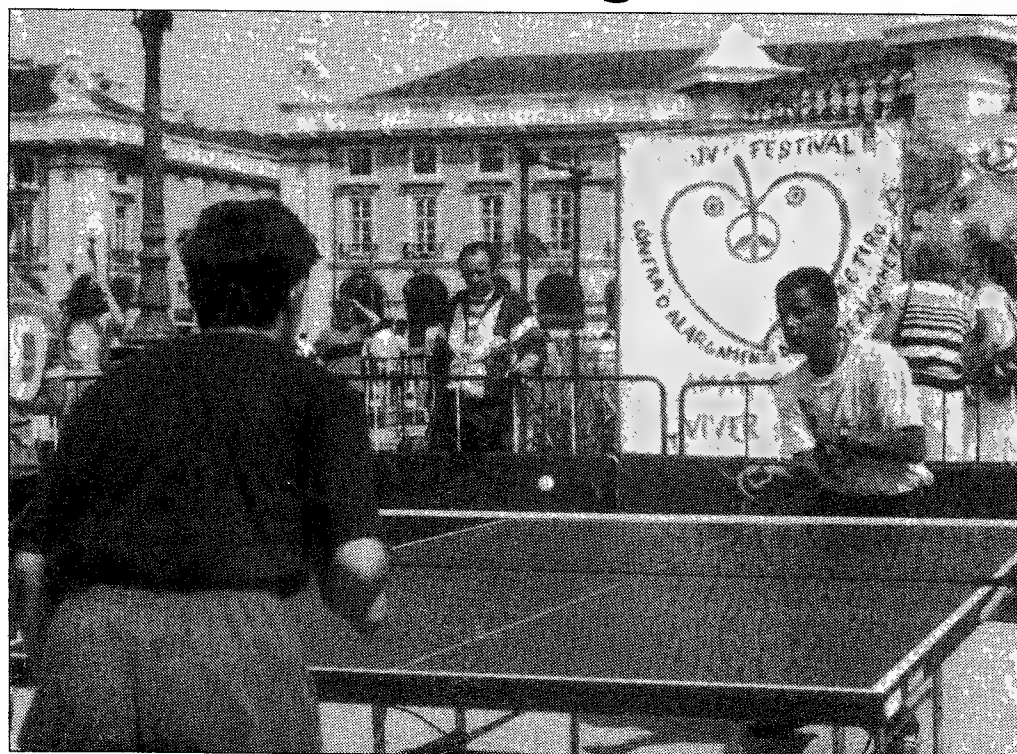
Jorge Marques

DESPORTO

Desporto no Terreiro com festa no Paço

Mais uma iniciativa (louvável) do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa. Desta vez foi a transformação do Terreiro do Paço, na manhã de ontem num verdadeiro «salão de festas» para a pequena alfacinha. O vereador Rego Mendes deu uma «pedrada no charco» ao demonstrar como os espaços citadinos podem ser aproveitados no sentido de sensibilizar a população (sobretudo os jovens) para a prática desportiva. Durante toda a manhã, evoluíram naquele que, durante a semana, é um «armazém de lata», cerca de 400 miúdos das freguesias dos Anjos, Encarnação, Campolide, Graça, S. Vicente, Santo Estêvão, S. Miguel, Penha de França e Sacramento, jogando futebol, andebol, basquetebol, ténis de mesa e fazendo demonstrações de karaté (parabéns à Junta de Freguesia da Penha de França), boxe (que excelentes praticantes tem o nosso vizinho Lisboa Clube Rio de Janeiro), ginástica e skate (prodigiosos os garotos da Amadora) e ainda corridas de atletismo e ciclismo.

Uma iniciativa a merecer



Ténis de mesa no Terreiro do Paço. Quem diria?

continuidade e que se espera venha, no futuro, a ter a participação de todas as juntas de freguesia do concelho, onde existem centenas de colectividades desportivas.

Segundo nos foi confirmado

pelo vereador Rego Mendes, aquele espaço será, num futuro próximo, destinado a manifestações desportivas, artísticas, culturais e recreativas, estando em estudo o lançamento de futuros parques de estacionamento, nomeadamente, no

Corpo Santo e no Campo das Cebolas.

Ontem, houve desporto no Terreiro e festa no Paço. Os «putos» aderiram. Os adultos aplaudem.

Dionísio a ganhar Rosa e Aurora a perder

O sportinguista Dionísio Castro venceu os 3000 metros planos do II Memorial Nunez Blanca, prova disputada na cidade espanhola de Granada, enquanto o seu irmão Domingos, abandonou a meio da corrida, ressentindo-se de uma lesão.

Dionísio gastou o tempo de 7 minutos, 49 segundos e 30 centésimos, menos 10 segundos que o queniano Ezequiel Bitok, segundo classificado.

Rosa e Aurora fora do pódio

Nem sempre se pode ganhar, e desta vez a Rosinha dos feitos bonitos do nosso atletismo de fundo perdeu uma prova, coisa de há muito arrejada do seu calendário competitivo.

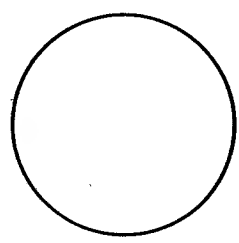
A «desfeita» da Rosa Mota aconteceu na Mini-maratona de Nova Iorque, mais conhecida pela Corrida dos Ovos (L'Eggs), na distância de 10 quilómetros, disputada nas mais famosas ruas que circundam o Central Park nova-iorquino, prova aliás em que pela primeira vez participou a atleta portuense, que mais não conseguiu que a quarta posição, com o tempo de 32 minutos e 48 segundos, mais 12 segundos que a vencedora, a norte-americana Judy Hilaire.

Por sua vez, a «habituée» Aurora Cunha (quinta participação) na prova, ficou em 6.º lugar (33,18 minutos), a sua pior classificação, após os terceiros lugares obtidos em 1985, 1987 e no ano passado e do quarto posto alcançado em 1986.

A edição deste ano reuniu cerca de 10 mil concorrentes, sendo disputada sob intensa chuva e a uma temperatura de 13 graus centígrados.



PORQUE



OUVINTTE MANDA

antena 2

nova designação do PROGRAMA 2

AGENDA

I Série Nº 122

Dia 28 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 400/90:
Fixa o rendimento de referência para 1990

Ministério da Educação

Portaria n.º 401/90:
Autoriza a Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a conferir o grau de mestre em Antropologia e regula o respectivo curso especializado. Derroga a Portaria n.º 613/83, de 27 de Maio

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 171/90:
Aprova as tabelas autónomas para os regimes diferenciados de trabalho de pessoal médico. Altera os Decretos-Leis n.ºs 310/82, de 3 de Agosto, e 150/89, de 8 de Maio.

Supremo Tribunal Administrativo

Anúncio:
De ter sido instaurado por Fernando da Costa Fernandes um processo de declaração de ilegalidade de normas jurídicas constantes da Portaria n.º 293/84, de 16 de Maio.

N.º 121

Dia 26 de Maio

SUMÁRIO

Ministério das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 396/90:
Alarga o quadro do Instituto Nacional de Investigação Agrária em mais um lugar de técnico superior principal da carreira de engenheiro.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público o Acordo Relativo à Assistência Técnica entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República de Cabo Verde nos Domínios da Meteorologia e da Geofísica.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 397/90:
Estabelece um período de transição para o acesso às diversas categorias de embarcações de pesca.

Ministério da Educação

Portaria n.º 398/90:
Fixa o número de vagas para a matrícula e inscrição, no ano lectivo de 1990-1991, no curso de estudos superiores especializados em Gestão Pedagógica e Educacional ministrado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Portaria n.º 399/90:
Autoriza a Universidade do Algarve a conceder o grau de licenciado em Informática e regula o respectivo curso.

Despacho Normativo n.º 32/90:
Cria comissões organizadoras de extensão educativa.

H O J E

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado ou limpo. Vento moderado de Nordeste. Neblinas ou nevoeiros matinais no litoral a Norte do Cabo da Roca.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
Amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco; soprando moderado de Leste no Algarve. Pequena subida da temperatura.
Depois de amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Sul. Vento fraco ou moderado de Leste.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado, por vezes forte de Nordeste.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação de 1 metro na Costa Sul.
No Funchal
Céu com períodos de muito nublado nublado e vento fraco.

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Sudoeste. Períodos de chuva fraca.
Grupos Central e Oriental
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva fraca.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Oeste de 2 metros.
* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA

FUNCHAL

AÇORES

GRUPO CENTRAL

HORTA

ANGRA DO HEROISMO

GRUPO ORIENTAL

PONTA DELGADA

EUROPA

Mapa da Europa com locais marcados: LISBOA, MADRID, ROMA, BERLIM, AMSTERDÃO, LONDRES, DUBLIN, OSLO, HELSÍNQUIA, ESTOCOLMO, COPENHAGA, BONA, VARSÓVIA, BERLIM, PRAGA, VIENA, BUDAPESTE, BELGRADO, BUCARESTE, ISTAMBUL, ANKARA, ATENAS, TUNIS, ARGEL, CASABLANCA.

PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	8	8	Neblina
V. Castelo.....	12	12	Neblina
Vila Real.....	11	12	Limpo
Porto.....	11	13	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	14	16	Limpo
C. Carveiro.....	16	16	Limpo
C. Branco.....	14	14	Limpo
Portalegre.....	14	15	Limpo
Lisboa.....	15	17	Neblina
Évora.....	14	14	Limpo
Beja.....	12	15	Limpo
Faro.....	16	20	Limpo
Sagres.....	16	16	P. nub.
P. Delgada.....	16	18	Nevoeiro
Horta.....	17	17	P. nub.
Funchal.....	17	18	P. nub.
Sines.....	15	15	Neblina

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 21; Faro, 28; P. Delgada, 21; Funchal, 23.

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Chicago.....	12	22	Aguaceiros
Houston.....	24	33	Quente
Los Angeles.....	11	21	P. nub.
Montreal.....	11	21	P. nub.
Nova Iorque.....	12	22	Aguaceiros
S. Francisco.....	12	19	M. nub.
Toronto.....	10	19	Chuva
Vancouver.....	9	18	Chuva
Washington.....	16	22	Aguaceiros
Hong Kong.....	24	27	Húmido
Melbourne.....	8	17	P. nub.
Pequim.....	18	30	P. nub.
Perth.....	11	20	Aguaceiros
Singapura.....	26	36	P. nub.
Sydney.....	11	18	Aguaceiros
Tóquio.....	13	19	Aguaceiros
Wellington.....	10	16	Aguaceiros

28

AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Castelo:** Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 862074; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Frente Hospital do Desterro:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4, D-F, Tel. 549479; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Penha Franca:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Manuel Vicente Jesus, Largo do Rato, 3 C-D, Tel. 681947; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerônimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Rocha:** Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 603054; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 993351; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117, Tel. 3633288;

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Sapadores:** Zema, Rua General Justino, 21-A, Tel. 832580; **Baixa:** Azevedo Filhos, Rosário, 31, Tel. 327478; **Benfica-Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazu, 32-B, Tel. 671667; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Parque Eduardo VII:** Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A, Tel. 542312; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaia, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivais Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015.

MÉDICO
DE
URGÊNCIA

795 06 80/9

Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, R. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sasoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Permanente; **Dias & Brito,** Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; **Albergaria,** L. Prof. Dr. José Mineiro,

42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calc. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA
BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculanio, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.ª Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Seixal:** Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; **Montijo:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60, Tel. 2310156.

HÁ 20 ANOS

«Moçambique»: abalroado
50 milhas de Lisboa

Com 532 passageiros e 200 tripulantes a bordo, o paquete «Moçambique», da Companhia Nacional de Navegação, foi abalroado pelo petroleiro italiano «Petrofab», por volta das 9 horas de hoje, devido ao nevoeiro, a cerca de 50 milhas a sudoeste de Lisboa, do que resultaram avarias em ambos os barcos e ferimentos em dois passageiros e dois tripulantes do primeiro.

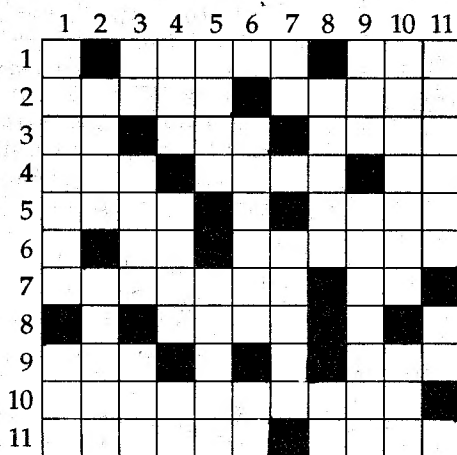
Paris: distúrbios
mais graves do que os de 68

Manifestantes utilizando táticas de guerrilha bloquearam ruas, atearam incêndios e lutaram repetidas vezes com a Polícia durante esta noite, originando os maos sérios distúrbios verificados em Paris desde Maio de 1968. A luta começou ontem à tarde como protesto contra o julgamento de dois extremistas da esquerda. (...) Os manifestantes empregaram táticas de guerrilha mais aperfeiçoadas do que as de 1968.

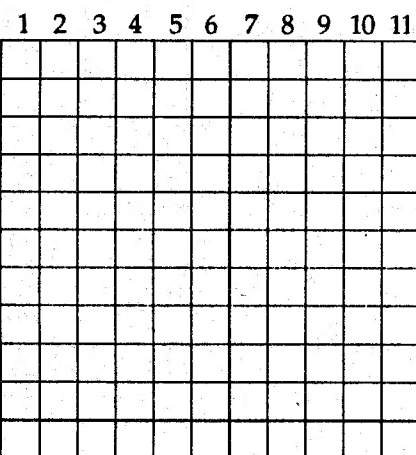
Furacão: 5 mortos

Um furacão atingiu de madrugada a cidade de Hunteville, no Alabama, destruindo parcial ou totalmente várias casas. Morreram cinco pessoas e muitas ficaram feridas. O furacão causou grandes danos materiais.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17927



PROBLEMA N.º 16737

HORIZONTAIS:

- 1 - Artigo definido. Enrubesçam. Nome de mulher.
- 2 - Invólucro de palha em que se metem os objectos frágeis para que se não partam durante o transporte. Apresssem.
- 3 - Pátria de Abraão. Fedor. Toste.
- 4 - Uma das Espórades. Prender. Pronome pessoal.
- 5 - Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Invulgar.
- 6 - Em a. Estados que têm por soberano um rei (pl.).
- 7 - O mesmo que amourem. Nesse lugar.
- 8 - Aragem.
- 9 - Fruto da azeit. Armaria.
- 10 - Abatimento.
- 11 - Poças no mar (o avião). Toste.

VERTICAIS:

- 1 - Desvair. Gosta muito de.
- 2 - Enguias. Destruam.
- 3 - Centiare. Remedeio. Fileira.
- 4 - Vazia. Fronteira. Aparência.
- 5 - Casta. Destrução.
- 6 - Conjunção. Disparar. Célio (s.q.).
- 7 - Miriare. Reúno em maço.
- 8 - Expulsei. Nota musical.
- 9 - Suspiros. Cobris de nata.
- 10 - Arruina. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 11 - Abertura no alto da muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo (pl.). Antes do meio-dia.

HORIZONTAIS:

- 1 - Capital do Alasca. Filho de Jacó e de Raquel.
- 2 - Cidade da URSS. Variedade de granada, que é pedra preciosa (pl.).
- 3 - Relata. Existe.
- 4 - Espaço de doze meses (inv.). Rério (s.q.). Centiare.
- 5 - Pronome pessoal. Que têm calos.
- 6 - Venerados.
- 7 - Guarnição de asas. Prefixo de negação. Letra grega.
- 8 - Naipes das cartas de jogar. Cidade da Ucrânia.
- 9 - Letra grega. Abreviatura de Santíssimo. Nota musical.
- 10 - Tabernas. Preposição e artigo.
- 11 - Rezas. Cidade de Itália.

VERTICAIS:

- 1 - General francês ajudante-de-campo de Bonaparte que tomou Lisboa em 1807. Parte do Mediterrâneo que se estende entre o sul da Itália e a Grécia.
- 2 - Soberba.
- 3 - Nome de mulher. Caraça.
- 4 - Casebres.
- 5 - Pomposos.
- 6 - Interjeição de dor. Pronome pessoal. Centiare.
- 7 - Detestáveis.
- 8 - Político norte-americano que foi presidente dos EUA depois do assassinio de J.F. Kennedy. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- 9 - Capa. sem mangas. Ósmio (s.q.).
- 10 - Solitário. Célio (s.q.). Gigante da última geração, casado com Estige (pl. e mit.).
- 11 - Pronome demonstrativo. Tempo do verbo ir.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 17 926

HORIZONTAIS: 1 - PARA. OS. Ela. 2 - Acampeis. Si. 3 - Ob. Uta. Pás. 4 - Criara. Curi. 5 - Co. Varas. 6 - Recostados. 7 - Aram. Iu. 8 - Ca. Eta. Cabo. 9 - Om. Tufão. Ar. 10 - Eo. Adão. 11 - SS. Moscardo.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 16 736

HORIZONTAIS: 1 - Delfim. CMII. 2 - Elias. Árido. 3 - La. Maruotos. 4 - Cobaia. 5 - Ta. Seus. Cod. 6 - Real. Tosse. 7 - Dais. Com. 8 - Ema. Sinal. 9 - Iá. Maroto. 10 - Os. Al. Sinos. 11 - Atol. Ras.

PROVÉRBIO:
PARA
OS CORAÇÕES
PUROS, TUDO
É PURO.

EFEMÉRIDES

1926

- Em Portugal, uma sublevação de tropas comandadas pelo general Gomes da Costa avança sobre Lisboa e, vitorioso, proclama o início do movimento que daria origem ao Estado Novo.

1940

- A Bélgica rende-se à Alemanha, no decurso da Segunda Guerra Mundial, enquanto forças britânicas e francesas iniciam a evacuação de Dunquerque, em França.

1952

- Em Portugal, é inaugurado o Estádio das Antas, na cidade do Porto.

1963

- Em Lisboa, abate o tecto da estação ferroviária do Cais do Sodré. Provocando numerosos mortos e feridos.

1975

- 15 nações britânicas criam a Comunidade Económica da África Ocidental.

1989

- Milhares de estudantes chineses manifestam-se pelas ruas de Pequim, renovando o apelo a favor da democracia e protestando contra a depuração de reformistas da liderança do Partido Comunista.

- Morre o escritor cabo-verdiano Baltazar Lopes, 83 anos.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughes
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

A FÚRIA DO VENTO
Filme de Steven M. Lisberger
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
O MEU TIO SOLTEIRO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

PALPITAÇÕES
Filme de Ron Underwood
M/12 anos - Às 13.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10

ADEUS AO REI
Filme de John Mills
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CARROS ASSASSINOS
Filme de Michael Verhoeven
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

CAPITÓLIO

Parque Mayer
ESQUECIDA E GOSTOSA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
MISSISSIPPI EM CHAMAS
Filme de Frederick Zollo
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30
19.00 e 21.30

JUVENTUDE VIOLENTA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
O AMANTE IDEAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CONVERSA ACABADA
Filme de João Botelho, às 18.30
HEARTS DIVIDED
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
PINK FLOYD
Filme de Alan Parker
M/18 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ABISMO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
JUVENTUDE EM FÚRIA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e
21.15

AUDITÓRIO 2

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMOR E PAIXÃO
Filme de Tinto Brass
M/18 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pling Doce - Alcântara - T. 3631162
BELA DE MAIS PARA TI
Filme de Bertrand Blier
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ABISMO
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
A FÚRIA DO VENTO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
HONRA E VINGANÇA IV
Filme de Dickson Boon
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
KEISHA - MAIS DOCE QUE MEL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.ª Antão
T. 326305
AMOR E PAIXÃO
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175
T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República
T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
RAID SOBRE O INFERNO VERMELHO
Filme de Christian Ingvorsen
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A
T. 706666
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
A CASA ALUCINANTE
Filme de Stephen Minck
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNICÍPIO DE LISBOA
ANÚNCIO N.º 48/90

Concurso público para fornecimento de 52 000 tijoleiras.

- Concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Municipal de Construção e Conservação de Edifícios — Rua da Palma, 169 - 3.º 1100 Lisboa - telefone 87 80 12.
- Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86 de 18 de Agosto.
- Concurso público para fornecimento de 52 000 tijoleiras.
- O programa de concurso e caderno de encargos podem ser consultados no Departamento de Conservação de Edifícios, sito na Rua Correia Teles, 103-A 1300 Lisboa e na DMAGGRH - DAG - Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, sita na Avenida 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa, durante as horas de expediente;
 - Podem ser solicitadas cópias ao DCE, sito na Rua Correia Teles, 103-A, até oito dias antes do termo do prazo limite para a entrega das propostas, mediante o pagamento de 420\$00 acrescido do IVA;
- As propostas deverão ser apresentadas até às 17 horas e 30 minutos do 20.º dia contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República;
 - A sua entrega far-se-á na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, da Direcção Municipal de Administração Geral e Gestão de Recursos Humanos, Departamento de Administração Geral, sita na Avenida 24 de Julho, 171-D - 1300 Lisboa;
 - As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.
- Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito;
 - O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 5, alínea b), a partir das 14 horas, do dia útil seguinte ao da data limite para a entrega das propostas;
 - A caução é de 5% do valor total da adjudicação a prestar no prazo de 10 dias, após a data da recepção da comunicação da adjudicação do fornecimento;
 - O prazo de validade das propostas é de 90 dias.
- A adjudicação será feita à proposta considerada mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:
 - Qualidade
 - Preço
 - Prazo de entrega.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/05/11

O Vereador

A. Anselmo Aníbal

VIDEOPAX, LDA.

Clube de Vídeo por correspondência.
Temos 2000 Filmes à sua disposição.
Aluguer e venda directa.

— Solicite Catálogo —
Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214. Telefone 54 05 32 —
1000 LISBOA.

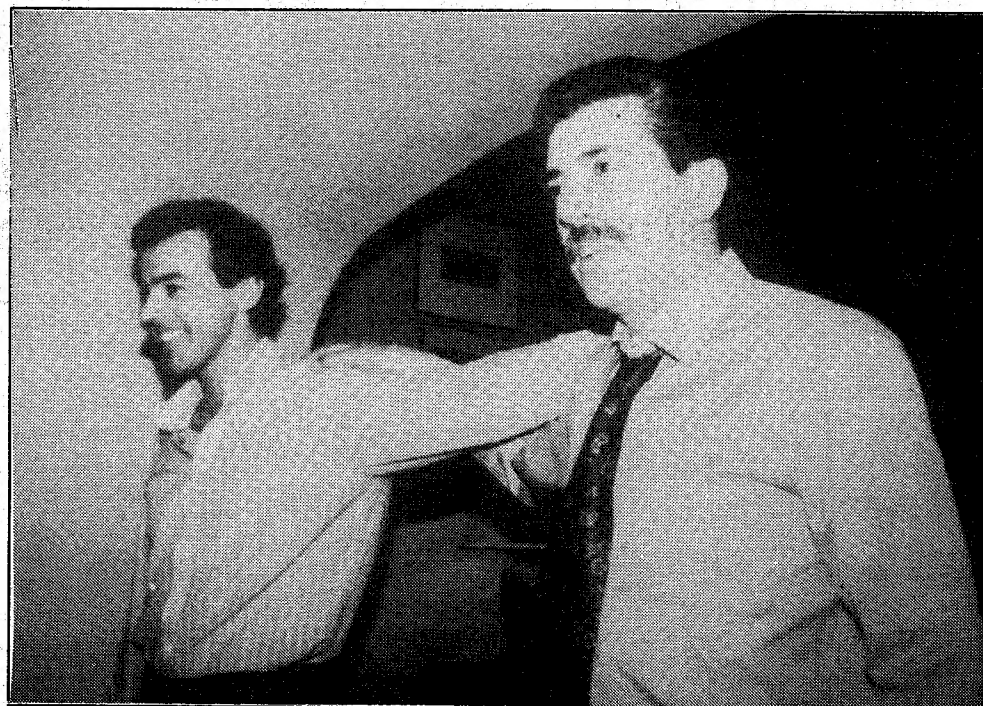
SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

- 17.25 - A HORA DO LECAS
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
15º episódio
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
121º episódio
21.15 - CLUBE DE SUBSCRITORES
32º Programa, com a participação de três dos concorrentes ao último Festival RTP da Canção: Nucha, Toi e «Os Helena»
21.45 - REENCONTROS
5º episódio
22.45 - CHUVA DE MAIO
5º episódio: Rodrigo e Mariana reconciliam-se. Ela recebe o recado acerca do acidente do pai e vai vê-lo ao hospital. O seu estado é crítico. Entretanto, Miguel está a viver no apartamento vazio que serviu para Naná seduzir Rodrigo e que é propriedade do João. Mariazinha sente-se culpada da doença do irmão, Mariana vai para a herdade fazer



No 1º Canal, às 22.45, o 5º episódio de «Chuva de Maio»

companhia à mãe e Sara regressa a Lisboa.

- 23.45 - 24 HORAS
00.15 - UM DIA...
00.20 - REMATE
00.30 - CARTAS DE HUMOR
Com Rita Ribeiro



De segunda a sexta por volta das 18.30, «O Sítio do Picapau Amarelo» no Canal 1

RTP-2

- 16.30 - BATALHA PELO PLANETA
2º episódio
17.00 - PORTUGAL DE NOME INTEIRO
4º e último episódio
17.25 - ITÁLIA/90
18.25 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
113º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Reviver o Passado em Brideshead»
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ACERTO DE CONTAS
22.00 - ÓPERA
«A Filha do Regimento»:
a Ópera Nacional da Austrália com Joan Sutherland, Anson Austin e Heather Bege nos principais papéis, oferece-nos aquela ópera de Gaetano Donizetti, considerada um dos maiores êxitos do compositor italiano. Joan Sutherland, uma das mais famosas sopranos dos nossos

dias, interpreta soberbamente o papel de Marie. A Orquestra da Ópera Nacional da Austrália é dirigida pelo maestro Richard Bonyngue e a encenação é de Sandro Sequi.
Duração: 120 minutos.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



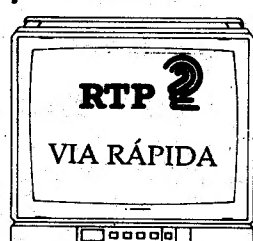
AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - O MUNDO ANIMAL
15.35 - MATINÉE: «A CASA DO LAGO»
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
20.11 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.00 - CRÓNICA DO CRIME
23.20 - 24 HORAS
23.50 - UM DIA
23.55 - REMATE
00.05 - CARTAS DE HUMOR

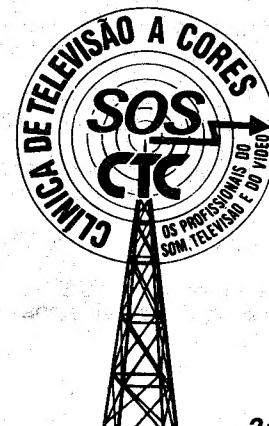
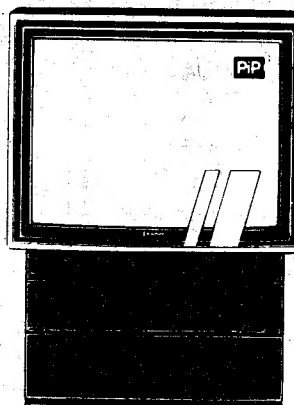
RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
15.10 - AGORA, ESCOLHA!
16.30 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
16.55 - CONTOS CONTADOS
17.15 - O HOMEM NA MARGEM
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
23.55 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã

27 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRONICA

Reparamos hoje em sua casa, o seu TV ou VÍDEO

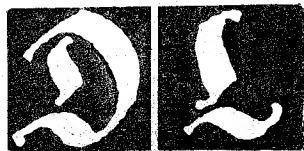
Frota equipada com rádio-telefone para maior

RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

24 horas antedimento

899762 • 899826 • 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 Lisboa



«No ano 2000, a nossa garbosa capital deverá estar completamente imprópria para consumo»

João Aguiar, «Sábado», 25.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Magalhães Crespo
administrador da Rádio Renascença

Nos últimos tempos tem mantido contactos com o deputado do PSD, Pedro Roseta, sobre a televisão privada. O que é que avançaram nas negociações?

«Não confirmo nem desminto esses contactos com o deputado Pedro Roseta. Posso dizer-lhe que se tem feito uma série de tentativas de várias pessoas ligadas ao PSD que me têm contactado para esclarecer alguns pontos: há uma evidente preocupação para resolver o assunto.

Creio que neste momento, tendo a Igreja já abdicado do canal na totalidade, que nos foi prometido ao longo de 10 anos, e tendo já reduzido uma hora de emissão no segundo canal, de 4 para três, o mínimo é manter-mos o espaço de emissão das 19 às 23 horas. Depois, a emissão pode ser preenchida com a Universidade Aberta ou com programação de índole cultural.

Cabe agora ao PSD mostrar a sua flexibilidade. Estamos dispostos a continuar com o diálogo. Mas em última instância podemos sempre concorrer a um canal de televisão em pé de igualdade com os outros candidatos, o que, à partida, iria restringir as possibilidades dos outros concorrentes.

Aceitamos que o PSD queira manter um equilíbrio a este nível. A resposta pertence aos sociais democratas. Pela nossa parte vamos continuar os contactos para delinear a concepção dos programas, aquisição de novos produtos e a formação profissional básica de quadros técnicos».

Terça-feira no

Diário de Lisboa

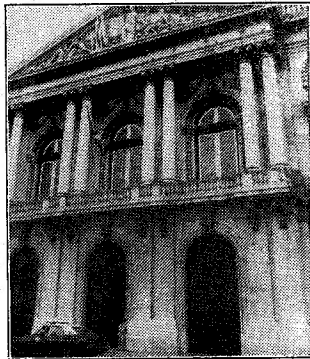
O «DL»
sete dias
com a Pantera

Antevisão
da cimeira
das superpotências

A crónica
de Umberto Eco

A PLAUSSA...

Câmara Municipal de Lisboa, pela sua decisão de transformar o parque de estacionamento do Terreiro do Paço num recinto desportivo. Após tantos protestos contra a utilização de uma praça tão bonita para armazenar automóveis, eis que a edilidade da capital toma, finalmente, a decisão de ocupar aquele espaço com a prática desportiva. A primeira experiência decorreu ontem mas, segundo o município, a iniciativa terá um carácter permanente.



Vital Moreira, por ter tido finalmente a coragem de abandonar o PCP. Após vários anos de fortes divergências com a direcção dos comunistas, o líder do Grupo dos Seis apercebeu-se de que, em política, ser crítico não é uma forma de estar, mas sim um período transitório que não pode durar eternamente. Ora, quando se está em total desacordo com os dirigentes do partido, com a ideologia do partido, com a forma de funcionamento do partido, nada mais lógico do que abandonar o partido...



& PATEADAS A...



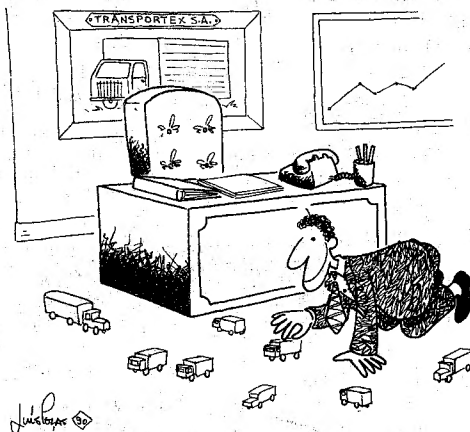
Lourenço Pinto, por ter escolhido para a arbitragem da final da Taça de Portugal o seu conterrâneo Manuel Pinto Nogueira, classificado em 10º lugar na pauta de valores do órgão arbitral, em detrimento do «árbitro do ano», Fortunato Azevedo. O presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, contrariou, deste modo, a tradição de ser o «árbitro do ano» a dirigir o jogo do Estádio Nacional. Argumento apresentado: o facto de Pinto Nogueira terminar este ano a sua carreira. Então e se houvesse mais quatro ou cinco nestas condições?



RTP, por ter decidido retirar o seu apoio ao cinema português. A decisão foi transmitida, por carta, ao secretário de Estado da Cultura, Pedra Santana Lopes e na sua base está a decisão governamental de aumentar, de 2 para 4 por cento, a taxa de exibição que incide sobre o preço dos filmes publicitários passados na televisão. Agora que acaba de ser galardeada com um prémio da Sociedade Portuguesa de Autores pelo apoio dado ao cinema português é que desiste. É caso para dizer: já não se pode elogiar...

Jovens
empresários:
esperanças
novas
com problemas
velhos

Amanhã no



SUPLEMENTO DE
ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

meteorologia

A palavra mágica

«Cada símbolo possui matéria,
cada sonho realidade,
e não há mistério sem palavras.»

Oscar Milosz

Os meninos e as meninas de uma escola preparatória de Lisboa não queriam deixar entrar ninguém pela porta sem adivinharem a palavra mágica. Bloqueavam a entrada com gentileza alegre que não excluía a disciplina dos piquetes de greve. Tinha eu pressa de falar com um dos professores e depois ir à vida.

Mas acabei por pensar: qual pressa... Não será mais útil encontrar a palavra mágica? A que abre? Que abra aqui a porta, talvez o *Mene Tekel Ufarsim* das outras portas, e quem diz portas, diz paredes, armários, caixas enterradas, tabús, corações, dogmas e outros serviços estultos.

Qual será a palavra?

Estou a propor aos miúdos a primeira que me passa pela cabeça:

- Roxinol. Mas disseram não.
- Orvalho. Repetiram não.
- Abracadabra. Riram-se.
- Mão. Não.
- Rosa. Pão. Dança. Casa. Não e não.



Ouso propor a palavra bela em todas as línguas: não. Mas o não não funciona.

Julguei que entendi: a palavra que abre deve ser leve, mas de leveza nascida da gravitação, deve ser transparente, da transparência que cresceu da opacidade, deve ter imaginação e senso comum. Entendi mas não a encontrei.

Se os alunos não me tivessem deixado entrar sem enunciar a palavra mágica que inventaram nesse belo jogo, ainda hoje esperava lá com alguns outros, sem que ninguém nos pudesse socorrer. Kafka sabia-o.

Jorge Listopad

A.M.A. *Auto Monumental do Automóvel*

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75